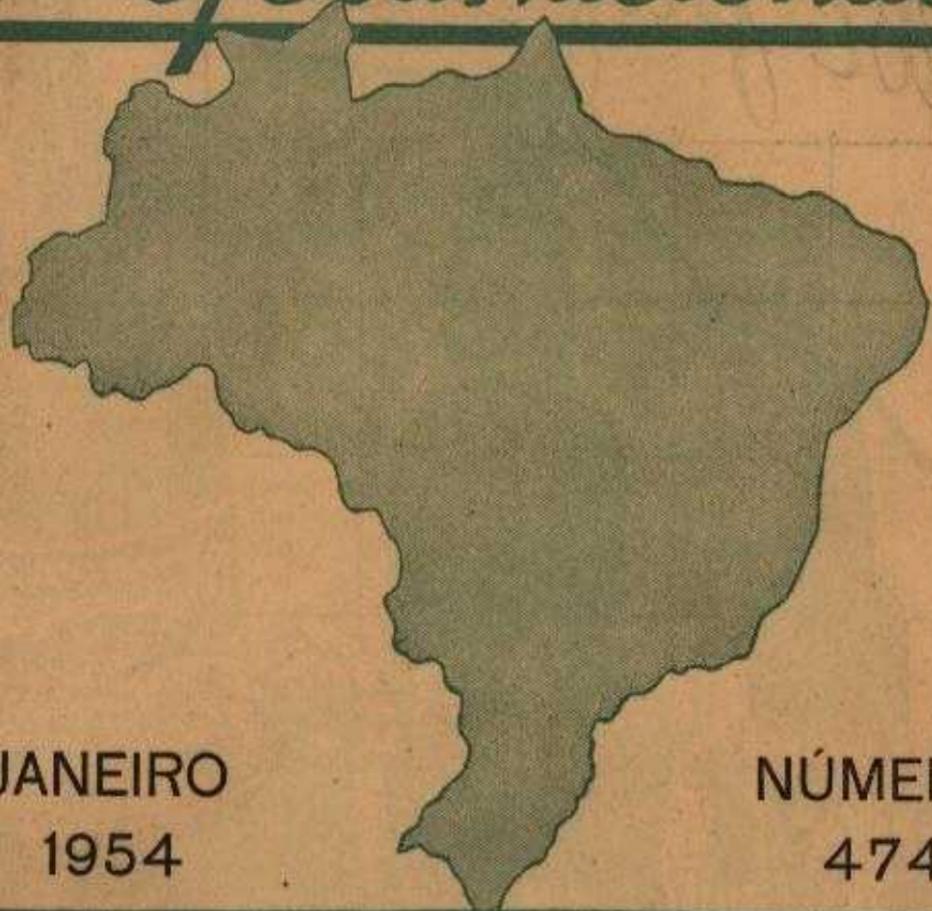


A Defesa Nacional



JANEIRO
1954

NÚMERO
474

General JUAREZ DO NASCIMENTO F. TAVORA, Diretor-Presidente
General ANTONIO DE CASTRO NASCIMENTO, Diretor-Gerente.
Coronel ADALARDO FIALHO, Diretor-Secretário.

A DEFESA NACIONAL

FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 1913

Ano XII

BRASIL — RIO DE JANEIRO. JANEIRO DE 1954

N. 474

SUMÁRIO

Pág.

Editorial.....	3
----------------	---

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

Falam os Marechais da Rússia — Trad. do Gen. Joaquim de Oliveira Paredes.....	9
---	---

As bases americanas na Espanha — Gen. Manoel Ignacio Carneiro da Fontoura.....	29
--	----

A Engenharia na Indo-China — II — Trad. do Maj. Fernando Allah Moreira Barbosa.....	31
---	----

Ensinamentos da campanha da Coreia — V — Trad. do Ten.-Cel. Floriano Möller.....	37
--	----

Será por mera casualidade? — Maj. Luiz Felipe de Azambuja.....	45
--	----

Ano de Instrução de 1952-53 na 3ª R.M. — Maj. Nelson Maurell Salgado	49
--	----

O caixão de areia — Uma arma do Instrutor — Cap. E. Fischer Vieira Santos.....	55
--	----

Ração de combate R-2 — Cap. C.A. Figueiredo.....	63
--	----

Treinamento físico militar — Cap. Estevam Meireles.....	71
---	----

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

Distúrbios psíquicos ou perturbações da personalidade — Cel. J.H. Garcia	73
--	----

Revisão das condições gerais para a expansão da indústria metalúrgica no Brasil — Glycon de Palva.....	81
--	----

GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR

Non-Ducor, Duco — Joaquim Thomaz.....	91
---------------------------------------	----

A corrente — Ten.-Cel. José J. Camerino.....	95
--	----

Uma descida pelo rio Paraguai — Ten.-Cel. Alvaro Cardoso.....	99
---	----

Algumas razões das emigrações coloniais — Cap. Ernestino Fischer Vieira Santos.....	105
---	-----

DIVERSOS

O Dia da Bandeira na EsAO (Homenagem ao Marechal Mascarenhas).....	115
--	-----

Precisamos criar uma mentalidade de Forças Armadas — Cel. Arold Ramos de Castro.....	123
--	-----

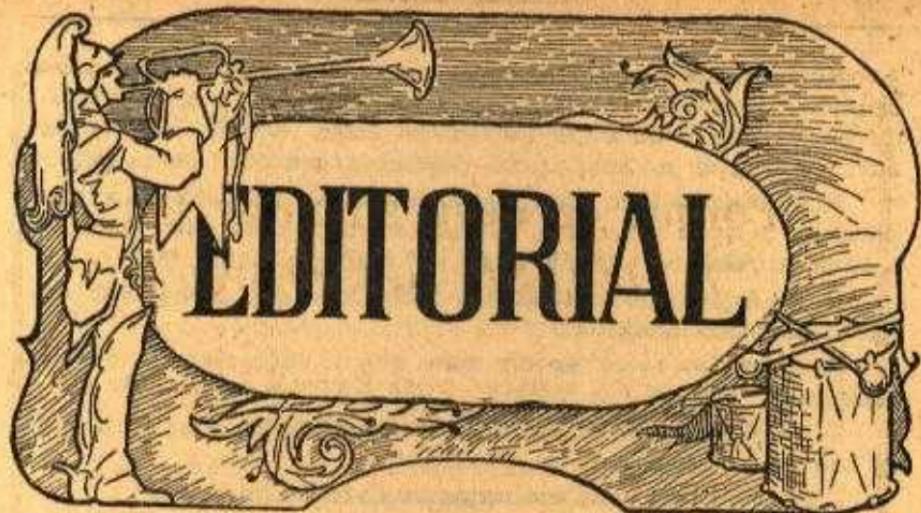
Do cemitério de Pistoia — P.J. Busato.....	125
--	-----

Reflexão sobre a cultura do oficial — 1º Ten. Paulo Cavalcanti C. Moura	127
---	-----

NOTÍCIAS DIVERSAS.....	129
------------------------	-----

NOTICIÁRIO DE INTERESSE MILITAR.....	131
--------------------------------------	-----

ATOS OFICIAIS.....	135
--------------------	-----



TERCEIRO CENTENARIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA

QUARTO CENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO DE SÃO PAULO

Ao abrir, com este número, as atividades desta Revista, em 1954, não podemos deixar de referir-nos e associar-nos às comemorações que, neste mês, se levam a cabo ao ensejo do Tricentenário da Restauração Pernambucana e do Quarto Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo.

Aliás, o próprio Exmo. Sr. Ministro da Guerra, em Aviso de 5 de dezembro do ano próximo findo, determina a participação do Exército nessas comemorações.

O que há a salientar, na restauração pernambucana, é, antes de tudo, a nota de acentuado nacionalismo que, mesmo sob o domínio do português colonizador, começava a brotar nos corações de patriotas da marca de André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão e seus valentes Capitães.

Em meio à política vacilante e dúbia do reinol, que chegou a transigir com os invasores e a dar ordens para a suspensão das hostilidades, os mestiços brasileiros já sentiam o direito à posse da terra, traduzido, na prática, pela desobediência a ordens tão absurdas.

Na consciência daqueles bravos, ainda junçados ao guante do luso e, por causa dêste, ao espanhol, já se levantava o espancälho da quebra da unidade geográfica brasileira, posta em perigo pela arremetida dos holandeses.

Vítimas das disenções d'estes com os espanhóis, os mame-
lucos associam-se ao índio e ao negro para repelir o bátavo, gente
de outras terras, de outra língua, de outra religião e de outras
éticas e que ali, no solo pátrio, desembarcara para escravizá-los.

Haveriam de lutar, êles, os verdadeiros donos da terra, para
defender os seus canaviais, os seus engenhos, as suas mulheres
e as suas vilas.

E, se impotentes, arrazariam tudo para que seus bens não
fortalecessem o inimigo.

E, se batidos, retirar-se-iam antes que se submetessem a novos
senhores.

Tal como na épica Retirada para as Alagoas, com esqueletos
de bravos a pontilharem as estradas !

E também com um Calabar pendurado na fôrca !

Desde o ataque à Bahia despontam, com Francisco de Moura
e Francisco Padilha, os heróis da reação.

Os holandeses, batidos, capitulam a 30 de abril de 1625 e
Salvador é libertada.

Mas nessa primeira luta nasceu a consciência do valor da
nossa gente.

Sem organização e sem armas, o mestiço recorreu à luta do
pobre : guerrilhas e emboscadas.

Surgia, no fundo, o exército nacional.

Chefes holandeses de valor como Van Dorth e Albert Schout
pereceram em emboscadas, vítimas da tática primitiva dos pa-
triotas.

Eram as primeiras vitórias, prenúncio de maiores glórias.

Mas veiu a arrancada brutal contra Pernambuco.

São 150 velas, 1.200 bôcas de fogo e cerca de 7.200 homens
de desembarque !

Era demais para o pobre mameleco !

Recife cai. Os patriotas concentram-se no arraial de Bom
Jesus.

Os bátavos procuram alargar a conquista para o Norte, mas,
a princípio, a Paraíba e o Rio Grande do Norte os repelem.

Afinal, consolida-se a conquista estrangeira.

Vem Maurício, conde de Nassau, com os seus planos para
a "Mauritzstadt".

Foi o ponto alto da colonização holandesa.

Com a sua retirada, após 7 anos de brilhante administração,
começa o regime de opressão e violências.

A reação renasce, mais forte do que nunca.

Monte das Tabocas, a 3 de agosto de 1645.

Casa Forte, a 14 do mesmo mês.

A primeira Guararapes, a 19 de abril de 1648.

Era o comêço do fim.

Nesse primeiro embate decisivo, os brasileiros ocupam, no dispositivo geral, o lugar que, de direito e de fato, lhes cabia. Isto é, a vanguarda e os flancos.

São os audaciosos têrcos de Vidal, Henrique Dias e Camarão.

Os portuguêses quedam-se, inicialmente, na retaguarda.

São 4.500 experimentados couraceiros e 6 canhões holandeses contra as flexas e chuços de 2.500 luso-brasileiros.

Tanto melhor !

Sigismundo Van Schkoppe conhece o travo da derrota. O Coronel Hans morre e, com ele, 515 patrícios seus.

Outros 523, feridos, aumentam-lhes as baixas.

Tão insólita vitória feriu fundo o orgulho do báthavo.

Haveria uma segunda Guararapes.

Sim, no mesmo local, mas onde as armas holandesas se desfarraram até às últimas consequências da ousadia dos nativos.

Houve, mas não como o chefe Brink sonhava.

Novamente são 4.000 invasores contra 2.500 luso-brasileiros.

Lá estavam, de novo, para defender o solo pernambucano, os têrcos de Diogo Camarão (sobrinho de Felipe), Vidal e Henrique Dias.

Quando o ardente sol de 19 de fevereiro de 1649 se pôs, Brink estava morto e outros 1.028 comandados seus haviam mordido o pó da terra dos canaviais.

Os restos inimigos retiraram-se para Recife.

Fôr-se o sonho da Companhia das Índias Ocidentais !

Dai por diante, os patriotas foram de vitória em vitória.

Cai o baluarte do Asseca.

O Forte Amélia rende-se a 21 de Janeiro de 1654.

Finalmente, a capitulação da Campina do Taborda, a 26 de Janeiro de 1654, data cujo tricentenário se comemora neste mês.

A 27 de Janeiro, o vitorioso exército luso-brasileiro entrava em Recife.

Esse exército, na maioria de nacionais, que se afirmava como uma expressão de força e penhor da segurança e defesa da terra nativa !

Esse exército que restabeleceria a integridade nacional !

Mais um dia, ou seja, a 28, o Barreto de Menezes entrava triunfante não em Mauritzstadt, mas na velha Recife, sendo recebido, às portas da cidade, por Van Schkoppe.

Vinha colher os frutos do suor e sangue do mameluco, do índio e do preto, mais do que do reinol.

Estávamos no dealbar da nacionalidade !

Ainda não soara a hora da independência !

Mas se fazemos justiça a homens como Barreto de Menezes, Bagnuolo, Matias de Albuquerque e o bispo D. Marcos Teixeira, não podemos deixar de exaltar, ao ensejo deste tricentenário, os nomes imortais e muito nossos de André Vidal de Negreiros, Felipe e Diogo Camarão, Henrique Dias, Manoel Dias de Andrade, Antonio Dias Cardoso, Francisco Figueiroa, Felipe Bandeira de Melo, Sebastião Souto, Soares Moreno e tantos outros bravos que, naqueles idos do século XVII, tiveram a ante-visão de um Brasil uno e livre de estrangeiros !

"O heroísmo e o esforço indomáveis dos pernambucanos", disse Alíatar Loreto, "mantiveram a nossa unidade geográfica".

"A insurreição pernambucana", disse ainda, "exerceu profunda influência na formação da nossa consciência nacional".

"As duas vitórias retumbantes de Guararapes evidenciaram as grandes qualidades e as excelsas virtudes da raça que aqui se caldeava".

• • •

Recuemos agora 100 anos sobre a vitória pernambucana. Passemos do Norte para o Sul do Brasil.

Também num janeiro radioso, outro acontecimento, na apariência insignificante, se processava.

Nascia, com o Colégio de São Paulo e pela mão de insigne loiolano, no planalto piratiningano, a hoje portentosa cidade de São Paulo, orgulho dos brasileiros !

Dizer que tal acontecimento é simplesmente local é despresar o que a Paulicéa significa na afirmação de um povo e de uma nação que caminham para altos destinos.

Deixando ao reinol, com S. Vicente, o tráfego litorâneo e as preocupações mercantis; deixando a João Ramalho, na borda do campo, com Santo André, o escambo de índios, Anchieta grimpou o planalto e lá no alto, em posição estratégica magnífica, levantou, consagrado ao Apóstolo das gentes, o coleginho de taipa que haveria de se afirmar como baluarte da conquista e catequese não de escravos, mas de almas para Deus.

Era primitivo, mas foi o núcleo da hoje mais populosa e vibrante cidade do Brasil.

Cedo, Anchieta e seus companheiros começaram a aldeiar índios e a defendê-los contra a sanga escravagista de João Ramalho e seus seqüazes.

"O arraial piratiningano", no dizer de Berlinck", cresceu libertil, catequista e educador, em contraposição com a aldeola escravocata de João Ramalho."

Essa orientação, fundada no bom tratamento e na transmissão aos índios das benemerências da civilização européia, influiu decisivamente para a crescente prosperidade e supremacia do arraial jesuítico.

Os padres deram-lhe, com o colégio, ofícios mecânicos, farmácia, templo e até o ensino da música.

Mas estava decretado que a novel povoação haveria de encontrar, no próprio reinol escravagista, o seu maior adversário!

Atirando-se à prea de índios sem elas e pelas, o português acabou levantando, contra si próprio, todo o sertão, da Guanabara a S. Vicente.

E nessa luta inglória, a vilazinha de Anchieta foi vítima frequente.

Só em 1582 foi assaltada duas vezes pelos selvagens em fúria.

E não fôra a abnegação de Nóbrega e Anchieta, a entenderem-se com os selvícolas e a eles se entregando até, como refens, talvez a história de São Paulo fosse outra.

Os jesuítas conseguiram a paz.

Mas, cedo, recomeçou a preagem de índios.

Nova reação.

Em 1590, formidável revolta sobressalta São Paulo.

Afinal, a superioridade das armas de fogo vai se impondo sobre o arco e a flecha.

O índio, atemorizado, se retira cada vez mais para o interior.

O São Paulo loiolano decai.

Só mais tarde ressurge, quando os têrcos bandeirantes retomam as pegadas dos selvícolas.

Mas esse já é o começo de um novo ciclo.

O São Paulo inicial surgiu do idealismo dos homens da Companhia de Jesus.

Mais tarde, foi o centro de onde se irradiaram os movimentos que alargaram as fronteiras ocidentais do país.

Foi o foco de movimentos de reação contra o reinol.

Foi o palco da independência pátria.

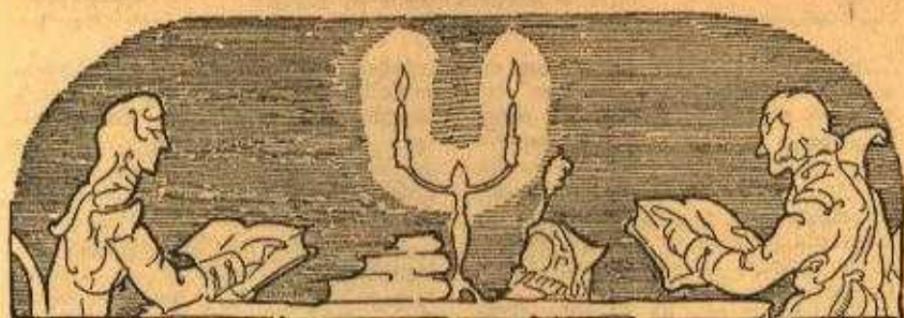
Foi teatro de lutas contra a opressão da Regência, do Império e da República.

Foi o cérebro de recente era econômica: o ciclo do café.

E hoje, finalmente, é a cidade mais industrial da América Latina, com as suas 7.000 fábricas.

Fundada num gesto de idealismo, a São Paulo viril haveria de ostentar, em toda as suas aspirações, em toda a sua história, enfim, essa ponta de idealismo original que a faz respeitada, feliz e orgulhosa em meio às demais cidades do Brasil.

Salve São Paulo!



CULTURA PROFISSIONAL

FALAM OS MARECHALS DA RÚSSIA

Trad. do Gen. JOAQUIM DE OLIVEIRA PAREDES



TEN.-CEL. D. Kyril Dmitrievich Kalinov, membro do Estado-Maior Soviético, é o único entre os oficiais russos, que, havendo "escolhido a liberdade", recusou-se a tomar parte em qualquer campanha de propaganda anti-soviética.

Suas versões com respeito às opiniões sobre os condutores militares da URSS, são únicas, sem dúvida alguma. No oeste, os Generais Eisenhower, Patton, Giraud e outros, têm publicado livros nos quais expressam livremente suas opiniões em tudo o que diz respeito aos problemas militares e políticos da II Guerra Mundial.

Tais atividades literárias não são possíveis para os Generais Soviéticos.

Kalinov, de qualquer maneira, tem tido oportunidades privilegiadas para ter conhecimento das opiniões e modos de pensar dos Marechais da União Soviética. Durante a guerra, serviu consecutivamente nas 2^a, 3^a e 6^a Divisões do Estado-Maior da União Soviética.

Era membro da Diretoria do "Clube do Exército e da Marinha" de Moscou, a qual é exclusivamente para oficiais do Estado-Maior e foi ali, principalmente, onde palestrou com os dirigentes militares.

O clube frequentemente organizava conferências em caráter privado, nas quais, os chefes em serviço discutiam, com seus colegas, assuntos de interesse militar.

Em tais ocasiões, Kalinov teve oportunidade de conhecer os pontos de vista dos Marechais, quer durante leituras, quer no curso de discussões posteriores, ou mesmo, durante conversações confidenciais, as quais eram favorecidas pelo ambiente especial do clube, que Rofosovsky chamava "O cérebro do Estado-Maior Geral".

Mais tarde, Kalinov foi designado Chefe da Direção Técnica do Alto Comando Soviético de Berlim, servindo, primeiro, sob as ordens de Zhukov e, depois, sob as de Sokolovsky, mantendo então constante contato com ambos.

Foi durante o período em que esteve em Berlim que tomou a decisão de abandonar o Exército Soviético.

Seus relatos sobre os pontos de vista e memórias dos "leaders" soviéticos têm sido publicados objetivamente e sem cair em comentários militares pessoais. Descreve os Marechais como pessoalmente os conheceu, mas geralmente limita sua palavra ao diálogo, permitindo assim a suas personagens expressarem-se diretamente.

Kalinov nasceu há 42 anos atrás em Kazin, capital da República Tártara situada sobre o Volga. É filho de um engenheiro.

I — INTRODUÇÃO

Antes da União Soviética entrar na guerra, a doutrina do nosso Estado-Maior Geral, no que diz respeito à organização de Comando, inspirava-se no famoso livro do Marechal Shapisuikov.

Este livro intitulado "O cérebro do Exército", supõe um "Comando descentralizado" sobre os diferentes setores do país. Este Comando dependia de um Conselho Supremo de Guerra, com um Estado-Maior Geral Central.

Eu me recordo muito bem do começo da guerra. A 30 de junho de 1941, Stalin encontrava-se ainda em Sochi, onde finalizava a cura prescrita pelos médicos, a qual prolongava-se até o 3 ou 5 de julho.

Apesar da declaração da guerra, Stalin ficou em Sochi até a data fixada pelos médicos.

Assim, Molotov, era chamado ditador na Rússia. Porém, no que diz respeito a assuntos militares, confiava inteiramente na pessoa de Voroshilov. Para ser mais exato, evitava assumir responsabilidades na matéria.

Voroshilov era de opinião de que a máxima garantia consistia em ter comandantes que fossem de "absoluta confiança política", para poder atuar em cada teatro de guerra. Assim, no princípio da guerra, existia certa insegurança.

Além de Voroshilov, estavam Budyenny e Timoshenko; havia inclusive homens pouco capazes, como Meretzkov e outros que careciam de personalidade, como Kurochkin. De qualquer modo e antes que transcorresse muito tempo, Stalin

estabeleceu três setores principais, semelhantes àqueles da I Guerra Mundial de 1914-1918. Foram estes: o do noroeste, sob o comando de Voroshilov; o do oeste, sob as ordens de Timoshenko e, o do sudoeste, comandado por Budyenny.

A situação política obrigou ao Departamento Político a alterar este acordo. Stalin apareceu como Comandante Supremo, em lugar do seu anônimo e irresponsável Conselho de Guerra.

Isto sucedeu depois de um período, no transcurso do qual existiram, na realidade, só dois "fronts": o do noroeste-centro, sob as ordens de Zhukov e o do sudoeste, comandado por Timoshenko.

Ambos os comandantes firmaram a ordem do dia da vitória de Moscou, já que o "front" central esteve praticamente dividido entre estes dois condutores.

GRUPOS DE EXÉRCITOS AUTÔNOMOS

A guerra estava se desenrolando. Generais como Zulov chegaram a ser populares não sómente no Exército, como em todo o país.

Shaposhnikov morreu e Stalin estava impossibilitado "para encontrar a tempo seu novo Dumonziez" (Esta última expressão é creditada a Voroshilov, antes da sua partida para os Urais, com o fim de formar um Exército de reserva). O velho Budyenny foi mandado para a região do Volga com uma missão similar.

O Departamento Político chegou à audaz solução, do ponto de vista militar, de pôr em prática o sistema dos Grupos de Exércitos Autônomos, recebendo ordens diretas de Moscou, quer dizer, de Stalin e seu Estado-Maior. Este sistema fez possível a seleção de muitos comandantes capazes, tais como: Popov, Gororov, Bodin, Petrov, Rotmistrov, Rodimtzer, Bogdandy, Bragashmin, Gielov, Koniev, Gólikov, Rokossovsky, Vatutin, Rybalka e Voronok; porém é inegável que a unidade estratégica foi afetada sensivelmente. Os acertos táticos do Exército Vermelho não foram con-

venientemente explorados sob o ponto de vista estratégico.

Assim, o sistema foi alterado. Os Exércitos foram reorganizados em forma mais compacta e vários deles se aglutinaram, formando um só "front".

Estes "fronts" não eram tão extensos como os três que existiam no inicio da guerra, porém eram mais poderosos do que os Exércitos separados, organizados na fase preliminar. Assim, a unidade estratégica das operações restabeleceu-se, sem conceder maior importância aos "bonapartistas" e aos "amantes do golpe de Estado". No Departamento Político mencionava-se, com bastante frequência, o nome do General Russky, que fora Comandante do "front" nordeste na Primeira Guerra Mundial, e o mesmo que havia obrigado o Czar a claudicar. "Nós não queremos outro Russky", disse um dia Voroshikov, diante dos Generais do Conselho Supremo de Guerra.

OS NOVOS "FRONTS"

Em agosto e setembro de 1943, começa o grande avanço em direção ao Dnieper, o qual ia conduzir nossas armas à Alemanha, Europa Central e aos Balcãs. Os "fronts" principais foram os seguintes:

Zona Belorussiana: 1º "front", Sokolovsky; 2º "front", Popov, 3º "front" Rokossovsky.

Zona Ucraniana: 1º "front", Vatutin; 2º "front" (outrora Exército de Steppes) Koniev; 3º "front", Malinovsky; 4º "front", Tobukhin.

Esta organização de "fronts" ficou estabelecida até o fim da guerra.

Quando começou a invasão doeste da Prússia, foram Comandantes dos diferentes "fronts", de norte a sul, os seguintes Generais: Bragamian, Vassilievsky, Pokolovsky, Popov, Malinovsky e Tolbukhin.

Como os três últimos tinham a missão de deslizar pela Europa Central e os Balcãs, Stalin, designou Timoshenko como "supervisor" dos três Comandantes militares, em tudo o referente às peculiaridades políticas destes países.

O CONSELHO DE GUERRA E A BATALHA DE VELNIA

O General Boldin disse-me uma vez: "Nos fins de agosto ou começos de setembro de 1941, recebemos ordens de dar um golpe nos alemães a qualquer preço, com tanto que se debilitasse a defesa da região de Smolenk. Eu tinha ao meu cuidado a força do camarada Zabbarov (nesse tempo Major General), a infantaria siberiana de Dodonov, a cavalaria de Makiriv e a força blindada de Timoshenko. Um dia Timoshenko e seu Estado-Maior Geral chegaram inesperadamente a Vyasma e eu fui chamado, juntamente com Rokossovsky, para interar um importante Conselho de Guerra. Zabbarov subministrou-me valiosas informações. Os alemães tinham mandado um Exército de tanques para alcançar Leningrado e mais depressa possível, para reforçar o 9º Exército de Von Leeb. Dois Exércitos tinham sido despatchados para ajudar Von Rundsted.

Timoshenko perguntou-nos, a cada um, nossa opinião e disse: "Agora Smolenk deve ser defendida. Os alemães já publicaram comunicados vangloriando-se de tê-la tomado. Se estamos dispostos a fazê-los retroceder uma dúzia de quilômetros ao oeste, seu Comando perderá o prestígio perante suas tropas.

"O fator moral é essencialmente importante na guerra, particularmente para os alemães. Se eles obtém a impressão de que somos pouco menos que vulneráveis, apressar-se-á sua derrota final numa proporção que, no presente, é difícil de avaliar. Nossa ponto de partida será Yartzevo.

"A missão do camarada Rokossovsky consiste em ocupar Cukovnia. O camarada Koniev deve atacar Velnia, um centro fortemente defendido e fortificado. Um grupo dos seus blindados deve atacar Roslavl e também dei ordem ao camarada Koniev para ocupar Gomel. Adiante! A frota aérea do camarada Zakhrov deve ser reforçada com a do camarada Kirilov."

Depois desta descrição do Conselho de Guerra com Timoshenko, Boldin continuou: "Nossa acometida começou bem; Rokossovsky tomou Culhovchnial e minhas tropas conseguiram entrar em Velnia, graças a um ataque noturno.

"Acontece que, diante de Roslavl, os alemães tinham colocado um campo de minas cuja extensão não se conseguiu comprovar em tão curto tempo. Também estabeleceram "blockaus" e nós não manobravamos para evitá-los. De qualquer forma, o assunto principal era que Koniev estava numa situação embaraçosa. Seu ataque sobre Gomel falhou no segundo dia.

"Mesmo assim, a operação teve tremendos efeitos psicológicos. Quando nossas tropas fizeram um ataque noturno desde a Vila de Ukhakovo até Velnia, sobre o flanco esquerdo dos germanos, nossos inimigos estavam dormindo, mas apesar disso foram pontuais para nos atacar no dia seguinte. Numa carga de baloneta, nós os vencemos. Na vila de Ustinov, encontramos um importante comando alemão e capturamos seus planos de operações. Nossos soldados aprenderam, então, que a vitória era questão de tempo e persistência.

NOSSAS PERDAS

Das conversações que mantive com nossos Marechais e inclusive dois comunicados secretos que passaram sob meus olhos, obtive uma idéia muito aproximada das baixas que a União Soviética sofreu em suas fileiras durante a última guerra. Estas encontram-se representadas da seguinte maneira:

Mortos.....	8.500.000
Feridos (3.500.000 ficaram inválidos para sempre).....	20.000.000
Mortos e feridos.....	3.000.000
Mortos como prisioneiros de guerra.....	2.500.000
O total de mortos foi de.....	14.000.000
O total de feitos prisioneiros, em campos de batalha, foi de.....	3.700.000

Depois de 1943, as perdas cobriram só 75 %. Em resumo, o avanço de 1943 a 1945 custou-nos somente 25 % do total das perdas de guerra. 1941 e 1942, foram nossos anos mais difíceis.

II — SHAPOSHNIKOV, CÉREBRO DO EXÉRCITO VERMELHO

"A falta de capacidade do Departamento Político tem sido arriscada para nós... isto poderia-nos ter custado a guerra..."

O Marechal Shaposhnikov era o Chefe Supremo do Estado-Maior Geral da União Soviética nos começos da guerra e permaneceu como conselheiro pessoal de Stalin em tudo o que concernia às operações militares, até sua morte, ocorrida em 1942. Foi ele quem idealizou os planos para a defensiva russa no verão e inverno de 1941, na primeira campanha invernal de 1941-1942 e a ofensiva da primavera de 1942 em diante.

Tendo servido como Coronel no Estado-Maior Geral do Exército Russo e havendo tirado, anteriormente, o primeiro prêmio da Academia Militar de 1909, foi sem dúvida alguma, até que faleceu, o estrategista principal da União Soviética, o cérebro do Exército Vermelho.

Shaposhnikov levou uma vida de simplicidade, pouco comum, em sua vila, em Sereirizni Bor, um subúrbio de Moscou; cuidava pessoalmente do seu jardim. Embora reservado por natureza, era perfeitamente capaz de defender seus planos militares diante de outros Marechais e ainda do próprio Stalin.

Era um incansável jogador de xadrez e introduziu a moda deste jogo entre seus colegas. Nessas ocasiões, gostava relembrar que os Marechais da primeira República Francesa, Napoleão, Hoche, Bernadotte, Massena, foram todos entusiastas jogadores de xadrez. Ele batizou o pequeno Estado-Maior Geral, "nossa café de Régence", porque todos ali jogavam xadrez, ininterruptamente.

Os seguintes extratos de suas memórias, foram tirados das conversações que ele manteve no círculo de seus amigos íntimos.

COM STALIN NO REFÚGIO AÉREO

Nos começos da guerra, um refúgio aéreo foi preparado no Kremlin, para Stalin. Era um verdadeiro labirinto. Várias passagens conduziam, cruzando-se entre elas, a numerosas habitações onde se instalava o Comitê de Defesa, os quais eram trocados constantemente quando se realizavam suas reuniões. Essas habitações ocupavam um semicírculo que compreendia cerca de 30 metros. O próprio Stalin havia idealizado esta insignificante medida geométrica dos quartos. Sendo amante das novelas policiais, leu uma, na qual o autor descrevia os "sagrados porões do Vaticano", como um labirinto mais ou menos semelhante ao idealizado posteriormente por ele. Portas blindadas, fechavam esses quartos. O refúgio todo esteve custodiado por um contingente da NKVD.

"Eu trabalhei com Stalin em seu refúgio. Costumava chegar lá às 11.00 hs. da manhã e permanecia lá até as 22.00 hs. Dali retirava-se para dormir em sua casa, um apartamento no Kremlin. Algumas vezes chegava muito cedo, 5.30 ou 6 hs, para passar uma ou duas horas no refúgio.

Eu tinha que arranjar-me para estar presente no refúgio ao mesmo tempo que Stalin, que gastava grande parte do seu tempo em conversações telefônicas com os comandantes dos diferentes "fronts".

As vezes tínhamos muitas reuniões do Conselho de Defesa, nas quais o Secretário do Comitê de Reunião de Moscou e o membro do Departamento Político, Shcherbakov, que era, inclusive, o chefe do Serviço de Informações, davam um comunicado sobre a moral e o número das tropas. Shcherbakov tornou-se também Chefe do Departamento de Política do Exército Vermelho, nesse posto em substituição a Lazar Mekhlins, um judeu que fora destituído do seu cargo por desatender a propaganda antissemita dos alemães.

"Eu próprio o informava sobre a situação no "front". Geralmente, Stalin nada dizia. Voltava-se para mim perguntando-me: "Que sugere o senhor...", e então decidia sobre a questão a tratar."

"O refúgio aéreo foi abandonado logo. E somente usado de vez em quando para seus fins nominais."

AS RAZÕES DOS NOSSOS PRIMEIROS DESCUIDOS

"O principal problema para nós, em 1940-1941, consistia em descobrir os planos de guerra que tinham os alemães contra a União Soviética. Isso não era o que se diz uma tarefa simples. As informações que chegavam dos nossos agentes secretos, no estrangeiro, eram bastante confusas e freqüentemente influídas por falsas informações que os germanos faziam circular intencionalmente. Porém, nossos piores inimigos eram os colegas do "nível autoritário" (1); eles não acreditavam na iminência de um ataque por parte dos alemães, embora admitissem que Hitler tinha congregado enormes concentrações de tropas nas fronteiras. Era, opinavam eles, mera "pressão política".

"Esses colegas garantiram-nos que a concentração germânica existia simplesmente com o propósito de "amedrontar-nos" e também a fim de ganhar concessões políticas e econômicas e que, portanto, devíam-nos preparar mais para uma defensiva diplomática do que para a militar."

Essa maneira errada de encarar as coisas teve as mais nefastas consequências. Poderia-nos ter custado a guerra. De qualquer modo, custou-nos muitas perdas. Em março de 1941, o Departamento Político teve a mais, ante seus olhos, um plano para aumentar o número de soldados "mobilizados antes da mobilização", de 300 divisões, além das quais 30 iam ser divisões blindadas. Foi rejeitada tal proposição. Temeu-se que semelhante aumento em nossas forças, provocasse por

(1) O Departamento Político.

parte da Alemanha, a acusação de estarmos preparando um ataque e que, em consequência, ela lançaria um ataque preventivo sobre nós.

"Perto de 25 de maio de 1941, finalizada a campanha da Grécia, os alemães descarregaram sobre nós 85 % de suas forças totais: 275 divisões, incluindo 30 divisões de tanques. A 30 de maio, levei, mais uma vez, meu projeto perante o departamento Político. O ataque era iminente, as vias eram inadequadas para uma rápida mobilização depois do começo das hostilidades e a força do inimigo era infinitamente mais poderosa do que a nossa e destruiria certamente nossos sistemas de trilhos mais importantes."

"Isto significa, eu assinalei, a necessidade de reunir imediatamente cerca de 25 ou 30 divisões e levá-las o mais depressa possível ao futuro teatro da guerra."

"O Departamento Político negou-se a tal medida. O colega Dekanov, nosso Embaixador em Berlim, imaginou que Von Ribbentrop estava somente preparando um ultimatum político e econômico; que ele pederia para subministrar aos alemães 50 % do nosso azeite, magnésio, alumínio e metais raros. Isto, na verdade, aparentava ser algo perfeitamente lógico e era geralmente esperado."

"Assim, entramos na guerra com uma deficiência considerável de homens e materiais, com 18 divisões blandidas contra 30 e com uma deprimente insuficiência na força aérea. A primeira fase da guerra conduziria-nos somente a uma longa série de derrotas."

"A cega confiança que tinha o Departamento Político na informação recebida de Dekanov havia de ter uma trágica consequência. Na noite fatal de 21 a 22 de junho, praticamente todos nossos aviões ficaram abandonados nas pistas aéreas, sem que ninguém pensasse na possibilidade de um súbito ataque. 'Nossos pilotos estavam frequentemente de licença ou em seus apartamentos, longe de suas máquinas. A Luftwaffe fez um bom uso desse assunto; bombardeou nossos

aeródromos ao amanhecer e destruiu mais de 3.000 aviões. Assim, começamos a guerra com uma força aérea demasiadamente débil e que foi causa ulterior de nossas dolorosas catástrofes."

A "FANTASIA ESTRATÉGICA DE BUDYENNY"

"A partir do momento em que começaram os hostilidades, ficamos perplexos ao comprovar que o plano estratégico da Whermacht era bastante diferente do que tínhamos esperado. Os alemães não atacaram com todas as suas forças, em direção a Kiev, quer dizer em direção à zona do magnésio, carvão e azeite. Eles começaram, no entanto, com a metade das forças à sua disposição em direção a Oitebsk-Smolensk-Mohilev. Hitler encontrava-se, após uma batalha arrazadora, a caminho de Moscou.

Como estávamos esperando o ataque desde a linha Yassky-Lublin, em direção a Kiev, tínhamos reunido um número de forças consideráveis para um contra-ataque nesse teatro. Um setor do Exército está estacionado no sul da Bessarábia; outro no triângulo Bret-Litovsk-Bialist-Volkovysk. Este segundo grupo tinha que alcançar o contra-ataque na direção de Lublin e sulcar o flanco esquerdo no Ucrâine. Imprevistamente, foram invadir nossos exércitos aoeste da Prússia, como de qualquer maneira; Hitler pretendeu que tinha acontecido assim, quando procurou justificar seu ataque sobre a Rússia num discurso feito após."

"Os germanos desenvolveram a batalha contra nosso grupo na região Bret-Bialvatz-Lida-Libuen. Depois da conquista de Bret, os ataques alemães lançaram-se em direção a Kobel e Vladimir Villynsk. Ao mesmo tempo, os húngaros e os rumenos movimentaram-se pela zona norte da Bessarábia."

"Em fins de julho, estabelecemos uma encarniçada batalha contra Von Rundstedt sobre a linha de Novgorod-Volynok-Shepetovka."

"Aqui o colega Budyenny teve uma idéia estratégica, que ele pensou fosse um golpe de sabedoria.

Rundstedt falhou em seus ataques fronteiriços sobre a linha Korosten-Zhitomir-Karatin. Ele compreendeu que o alvo decisivo seria um ataque pelo flanco direito. Um Exército alemão sob ordens de Von Reichaman estava em dificuldades entre Kazatin e Byelcuja-Trerkov, um Exército alemão-rumeno comandado por Von Schubert que atravessou o Pruth, foi detido pelas divisões da nossa reserva do sul da Bessarábia."

"O colega Budyenny decidiu então destacar as melhores divisões blindadas do grupo do Exército do sudoeste, reuni-las em algum lugar na região de Umân e lançar um ataque relâmpago na Bessarábia com o propósito de aliviar nossos Exércitos entre o Pruth e o Dniester, encontrar o Exército de Von Schubert, invadir a Rumânia, avançar sobre fontes de petróleo e destruir as "bases de combustível" da Wehrmacht. Assim, esperava immobilizar suas divisões blindadas. Ora, tal objetivo era particularmente fantástico em tal situação estratégica, pois os alemães tinham uma arrazante superioridade no ar, enquanto que suas divisões blindadas na Ucrânia eram iguais às nossas, quer dizer, 10 divisões.

A Wehrmacht percebeu imediatamente a concentração dos nossos veículos blindados na região de Umân, e as forças unidas dos Exércitos de Von Reichaman, Von Kleit e Von Schubert, ajudados pela Luftwaffe de Von Rundstedt, destruíram, em dois dias — de 10 à 12 de agosto de 1941 — todas nossas forças de combate na batalha de Umân. Isto foi a consequência de um descuido, uma grande catástrofe na fase da guerra.

"A "fantasia estratégica" do colega Budyenny, chegou ainda mais longe. Agora, sem as tropas blindadas, não estava em condições de deter Von Kleit, cujos tanques rapidamente ocuparam Nikolenjev-Kinovograd-Dniepropetrovsk, Krivoi Tog, Nikopol e Zaporam. A heróica defesa que Budyenny fez de Kiev não conseguiu mudar a situação. A batalha de Umân foi uma grande catástrofe para nossos

exércitos na Ucrânia e trouxe, subsequentemente, em menos de dois meses, a conquista que fizeram os Exércitos de Hitler dominar regiões onde existia ferro, magnésio, carvão (ou vegetal) e trigo..."

III — TIMOSHENKO, O DIAMANTE ASPERO

Timoshenko é considerado como um dos "Velhos Marechais". Nessa época, ele não estava entre o principal quinteto dos Marechais da União Soviética. Eles eram Voroshilov, Budyenny, Tulchachavsky, Bluecher, Segorov; deles, Tulchachavsky foi fuzilado depois de sentença. Segorov foi assassinado pela NKVD. Timoshenko que já tinha recebido seu título antes da invasão dos germanos, em 1941, foi designado delegado do povo do Ministério da Guerra, em lugar de Voroshilov, enquanto este último ficava como presidente da comissão militar do Departamento Político.

Este gigante ucraniano de cabeça calva é um homem sisudo, de poucas palavras. Uma vez foi membro do Exército Imperial e converteu-se em membro do partido de Bolshevist em 1917 e em comandante de divisão durante a defesa de Tsaritain, Stalingrado, em 1919 (trabalhava nesse tempo com Stalin e Voroshilov). Ele, de coração, permaneceu sempre como cabo, embora houvesse cursado a Academia Militar e não obstante a sua educação inadequada. Uma piada constante na Academia era: "Os grandes inimigos de Timoshenko são as raízes de uma educação quadrada".

Timoshenko é um homem de estatura comum. Com seu rosto oval, os pequenos olhos mongóis e a cabeça sempre cuidadosamente raspada, assemelhava-se a um Khamtáraro surgido de uma ópera russa. Em sua juventude era-lhe muito comum o apelido de "Khan Poviestzky". Como todos os ucranianos, é extremadamente sagaz. Não obstante sua falta de educação geral, agrada-lhe pensar em silogismos e muito se orgulha de haver participado de um curso de lógica do professor Chiepanov.

Tem lido muito, principalmente história. Conhece seu Plutarco. Estudou as guerras púnicas e uma vez tentou ler em alemão os trabalhos de Clausewitz e Engels. De qualquer modo, fracassou, igualmente como Stalin.

Ele tem poucos amigos, fora de alguns velhos colegas de combate e camaradas dos dias da Academia, como o General Kurochkin. Seu esporte favorito é a pesca. Timoshenko pode permanecer sentado durante dias, nas beiras de pequenos rios, pescando com infatigável entusiasmo. Neste sentido é muito conservador e sómente quer usar o tradicional aparelho russo de pesca.

AS ABELHAS HABEIS

Seu outro "Hobby" favorito são as abelhas. Em sua "Dacha" (casa de campo), permanece horas às voltas com suas colmeias. Um dia levou seu ajudante, o Capitão Klimko, também ucraniano, para vê-las. Justamente ali encontrou um poderoso argumento para Vassilievskyk, que sempre fazia alusões à educação primária de Timoshenko.

"Olhe aquelas abelhas — disse o Marechal a Klimko — elas não tem educação alguma, não obstante constróem suas células em forma de hexágonos regulares, no padrão matemático mais proveitoso, sem nunca ter resolvido equações. Nosso cérebro é um instinto quadrado ou cúbico. A gente débil frequentemente atua em forma mais eficiente que as pessoas que receberam boa educação, mas carecem de instinto. Na existência humana, o instinto mais útil é a sagacidade."

O momento cruciante de Timoshenko foi a grande derrota perto de Kharkov. Por isso estava envergonhado, embora sempre negasse sua responsabilidade. Esta é a descrição da batalha perdida de Kharkov.

"O CARTAZ AZUL"

"A ofensiva contra a região de Kharkov, a 12 de maio de 1942, não foi de maneira alguma uma ação

nascida pela minha iniciativa. A 22 de abril encontramos um documento em código secreto, no corpo de um General alemão do Estado-Maior Geral, morto na Crimeia. Nossa serviço de código decifrou logo o conteúdo. O documento revelou o cartaz de horários desta ofensiva de "blitz" e nós o chamamos o "cartaz azul".

Segundo este documento, os tanques alemães ocupariam as seguintes posições:

Borrisobliensk (perto de Póvino, uma das uniões ferroviárias mais importantes sobre a linha Orel-Stalingrado) a 10 de julho. Stalingrado, a 15 de julho.

Saratov, a 10 de agosto. Syzren, a 15 de agosto.

Arzanas (união ferroviária sobre a linha Moscou-Kazan), a 10 de setembro.

Isto consistia mais um "raid de ataques", do que numa ofensiva geral. Porém poderia ter havido nefastas consequências para nós, se tivéssemos desligado a capital da grande indústria nos Urais, desde o trigo no sul ao combustível existente sobre o mar Negro e as rotas de abastecimento, por intermédio das quais as munições e equipamentos norte-americanos chegavam até nós. (Via Iran, mar Cáspio e o Volga).

"Fui interrogado sobre como poderia se proceder para resistir a esta "blitzkrieg". Entre outras medidas em contra, sugeri uma ofensiva contra Kharkov, a posição principal desde a qual o Wehrmacht deveria atacar. Sublinhei que poderíamos sulcar através das linhas germanas, destruir seus acampamentos perto de Kharkov e talvez ainda ocupar Kharkov temporariamente. Inclusivamente que não existia sentido estratégico em tais operações e que poderia ainda haver perigo no caso de ser empreendida a retirada imediatamente. Embora eu os tivesse prevenido, fui obrigado a realizar a operação. Por conseguinte, não fui responsável de modo algum por esta operação. Eu tinha à disposição de Koniev sete divisões blindadas e 25 divisões de infantaria, contra 14 divisões ale-

más, quer dizer, 8 tanques, 6 motorizadas e 20 divisões de infantaria, às quais acrescia-se a frota aérea. As nossas forças totais de combate eram, assim, superiores às do inimigo, porém tínhamos que romper através da "Super Hedgehog" de Kharkov, posição onde as fortificações tinham o caráter de uma fortaleza regular. Para combater com elas, eu precisava do colega Patrov, comandante na Crimeia, que estava lutando contra o 12º Exército de Von Manstein."

"De modo algum, nos meses de janeiro e fevereiro de 1942 minhas tropas tentaram abrir uma brecha dentro das linhas das defesas do sul de Kharkov. Ocupamos a estação Lozovaya, uma importante união ferroviária sobre as linhas Kharkov-Simferopol e Poltava-Barcenkov. Barkenkov, inclusive, foi ocupado por nós, porém não estávamos preparados para desalojar a Wehrmacht da zona carvoeira do Donetz."

A CATASTROFE DE KHARKOV

"A 12 de maio atacamos a linha defensiva exterior de Kharkov sobre o Donetz superior, entre Lozovaya até Kharkov e Poltava."

"No princípio, Koniev o fez muito bem. Seus tanques avançaram rapidamente desde uma beira até a estação de Ucrefa, a 35 km de Kharkov. Sobre o outro lado, efetuou-se a ocupação de Krasnograd (Konstantinograd) a 80 km de Poltava; Koniev destruiu 5 divisões germanas de tanques, entre elas as que teriam começado a "blitzkrieg" a 5 de julho. A 17 de maio chegou o momento decisivo de nossa ofensiva. Pensei que uma vez alcançado o objetivo e que os tanques alemães houvessem sofrido sérias perdas, nós teríamos que começar a retirada antes que o inimigo pudesse cortar as linhas de comunicação."

"Isso era o mais importante, porque meu serviço de informações conseguira saber que considerável número de reforços germanos tinha chegado a Kharkov. A frota aérea (Luftwaffe), favorecida pelas re-pentinas e formosas condições do

tempo, entrou agora em ação de maneira poderosa e bombardeou nossos tanques em Krasnograd, Merey e Lozovaya."

"Porém Koniev, influenciado ainda pelos seus êxitos anteriores, quis continuar a ofensiva. Garantia a tomada de Poltava, se obtivesse o apoio suficiente por parte da artilharia e as forças do ar. Se acertava-mos a tomar Poltava, cortaríamos através da linha de Kiev-Kharkov e dali atropelaríamos dentro das posições germanas sobre o Dnieper, para interromper as linhas de comunicação dos Exércitos de Von Manstein. Este último tinha tomado recentemente Kerch e estava se preparando para seu "Salto sobre o Mar Estreito" até Tumán, de onde ele esperava invadir o Cáucaso e ameaçar nossos poços de petróleo."

"O alto Comando do Exército ordenou a continuação da batalha e mandou que eu ajudasse Koniev com toda a artilharia disponível, embora soubessem que eu apenas tinha algumas... A 22 de maio, a Wehrmacht começou sua contra-ofensiva. As forças blindadas de Koniev já tinham passado Krasnograd e estavam em Karkovska, a 40 km de Poltava. Dali, fizeram sua trajetória pela linha ferroviária Poltava-Kharkov, em direção a Valki-Lyubotan, a 30 km de Kharkov. Koniev queria cercar as linhas de defesa interior de Kharkov e invadir a cidade, na qual os trabalhadores da feitoria serpi Molot (Martelo e a Hoz) e os trabalhadores das linhas ferroviárias haviam preparado um levantamento contra os germanos."

"Acontece que era demais tarde: a Wehrmacht desalojou-nos de suas linhas defensivas do primeiro plano (Barvenkovo-Izii-Brygorad) e caiu de golpe sobre nós, contornando nossas forças de combate na área de Kharkov. Minha artilharia não teve tempo de acudir em apoio de Koniev. Seus tanques foram aniquilados. A Wehrmacht tinha usado conosco em pequena escala da mesma manobra que tínhamos empregado em Stalingrado, em novembro e dezembro de

1942, para apanhar o Exército de Paulus."

"Tornei-me o responsável por este desastre. Koniev disse que só a deficiente colaboração da artilharia tinha-lhe impedido a entrada em Kharkov, onde, com o apoio da revolta dos trabalhadores, poderia ter destruído todos os depósitos alemães, fábricas e estações ferroviárias, paralizando assim o centro mais importante do "front" alemão na Ucrânia. O Alto Comando do Exército concordou com Koniev, decidiu que a culpa tinha sido minha."

A catástrofe de Kharkov facilitou a ofensiva germânica que teve lugar mais tarde, a 12 de julho, entre Bygorod e Kharkov, sob as ordens de Von Bock. Esta ofensiva conduziu a Wehrmacht dentro do vale do Don e Stalingrado e poderia ter nos custado, facilmente, a guerra.

MISSÃO SECRETA

Depois da catástrofe de Kharkov, a boa sorte de Timoshenko eclipsou-se rapidamente. Koniev acusou-o de incapaz e ignorante e chamou-o "O Marechal Margarina". Timoshenko permaneceu mais algum tempo no poder, mas logo desapareceu de cena, até o fim da guerra. Circulavam rumores de que havia sido feito prisioneiro e deportado. Inverdadeira foi, porém, tal afirmativa, já que ele ordenou a ofensiva dos Balcãs, contra a Rumania e a Hungria.

Stalin e Voroshilov tinham relembrado a seu velho colega de Tzartzan. Seu desaparecimento produziu-se ao mesmo tempo que foi enviado em missão secreta ao longínquo este, a organizar o Exército manchuriano de Li-Li-San e o Exército vermelho chinês de Mao-Tse-Tung.

Na China, Timoshenko demonstrou suas condições como organizador. Sua vontade e força de caráter estiveram em jogo constantemente. Pôs fim ao "provincianismo" dos Generais chineses, que organizavam seus Exércitos como férreas independentes e incoordenadas. Planejou a grande campanha que

fez Mao-Tse-Tung caudilho de todo o norte e centro da China.

Esse êxito reabilitou Timoshenko. De volta a Moscou foi recebido e por Stalin e uma Assembleia do Comitê Central do Partido Comunista, da qual Timoshenko era membro, adotou a resolução, que lógicamente não foi publicada, de estabelecer que Timoshenko tinha prestado grande serviço à classe trabalhadora internacional, evidenciando as verdadeiras qualidades que deve possuir um "comunista internacional". Com o fito de demonstrar a confiança que depositava-lhe, o Departamento Político designou-o para dirigir a grande parada de 7 de novembro, na Praça Vermelha de Moscou.

Koniev, mesmo assim, continuava sendo o seu pior inimigo. Encontrou um novo apelido para ele: "Carnot de Mao-Tse-Tung" (Carnot foi o guia e organizador dos círculos militares da revolução francesa. A comparação de Koniev era, lógicamente, em sentido irônico).

ZHUKOV, O MARECHAL DAS MEDALHAS

Zhukov é "bastante impossível". É raro não encontrá-lo discutindo com seu ajudante, o chefe do seu Estado-Maior Geral, os membros do Supremo Conselho de Guerra e ainda com o próprio Ministro da Guerra. Quando estava na Academia Militar, e era quase um menino, destacava-se pelo fato de discutir com seus professores sobre dogmas militares.

O único General com quem sempre manteve cordiais relações foi com Timoshenko, Ministro da Guerra em 1940-1941, de qual era General do Estado-Maior. Zhukov jamais discutiu com Stalin; de qualquer modo, isso é psicológicamente impossível para os Marechais, exceto Voroshilov. Uma vez suspeitaram que Zhukov fosse o autor de umas poucas críticas dissimuladas contra o Supremo Comando. Estas chegaram ao conhecimento de Stalin, por intermédio de Vassilievsky...

Na vida privada, Zhukov é um homem simples. Agrada-lhe cami-

nhar pelas ruas de Moscou em roupas civis. Por intermédio de Vassilievsky, soubemos que Zhukov estava se tornando popular em Moscou.

É amante das crianças e lê muitíssimo. Seu autor predileto é o noruego Kunt Hamsum; no que diz respeito à "literatura brilhante", Guy da Maupassant é o seu preferido. Agrada-lhe ler em inglês e alemão, porém só pode fazê-lo com a ajuda de um dicionário.

Seu passatempo favorito é o cinema, preferindo os filmes de "gansters", os quais constituem na Rússia as principais películas norte-americanas. Em 1941, embora tivesse grandes responsabilidades, insistiu em ver o êxito do momento: "Cada amanhecer morro", com James Cagney. Em Berlin, tinha um pequeno cinema privado, onde podia ver films de "gansters". Isto chegou ao conhecimento de Beria, que foi mandado ocupar Berlin, para poder informar o Alto Comando da situação. A paixão de Zhukov por films daquela índole fez nascer, nêle, especial preferência pelos norte-americanos, preferência reforçada pela sua íntima amizade com Eisenhower.

No concernente à música, fora da militar, Zhukov nunca se preocupou com ela. Seu caráter duro, seco e altamente dominado pelas suas próprias convicções, fizeram-no impossível de gostar do violino ou do mandolin. Mesmo assim, gostava, como tantos outros russos, da música de acordeão e escutava freqüentemente concertos desse instrumento dado pelo Exército. Então dizia-se que queria fazer-se popular entre esse setor especial das tropas. A mesma coisa opinava-se sobre seu hábito de usar inumeráveis medalhas. Isto, na realidade, fez uma considerável impressão nas tropas, que ao falar dele diziam: "Nosso Zhukov é o Marechal das Medalhas".

O LANÇADOR DO LIVRO DE ANOTAÇÕES

Embora sendo um especialista em tanques de guerra, não era, de modo algum, fanático. Era uma

espécie de "Guderian russo", como foi falsamente acreditado no estrangeiro. Esta parte estava melhor desempenhada por Rybalka; Zhukov era, antes de mais nada, um artilheiro.

Embora membro do Partido Comunista desde 1936, Zhukov não manteve atividade política e nunca foi eleito para ocupar algum cargo confidencial. Uma vez foi candidato a "Secretário privado do Escritório do Estado-Maior Geral". Só obteve 11 votos contra várias centenas a favor do Coronel Smagin, que nesse tempo era Chefe do Departamento de Relações Exteriores na Independência Militar da Guerra.

A fama de Zhukov começou quando foi enviado à Mongólia com o propósito de iniciar a "pequena guerra contra os japonenses". Isto era uma tarefa delicada. Significava resistir aos japonenses sem haver ao mesmo tempo o risco de converter a "pequena guerra" numa maior. Zhukov fez-o com grande habilidade, aniquilando os japonenses e aprisionando o Coronel Nashimoto, comandante da divisão blindada. Mais tarde, Nashimoto converteu-se em seu melhor amigo.

Foi na Mongólia que Zhukov teve uma discussão com Lazar Mekhlits, o chefe onipotente da POUR (Departamento Político do Estado Vermelho), o chefe de todos os delegados políticos do Exército. A discussão terminou numa verdadeira peleja, quando os generais estavam reunidos em Conselho de Guerra, a tratar de planos estratégicos. Zhukov, vermelho de raiva, jogou seu livro de anotações ao rosto de Mekhlits. Desde então, ele foi conhecido como o "lançador do livro de anotações".

LITERATO POLÍTICO

A queda do poder de Zhukov já tinha sido preparada em 1944. As personagens mais importantes que contribuiram nisto, foram: Vassilievsky, Sokolovsky, Bagramian e Voroshilov. Tentaram convencer Stalin, que sempre tivera um alto conceito de Zhukov, descrevendo o vencedor de Berlin como um can-

didato. Chegaram, ainda, ao extremo de procurar no passado de Zhukov e mencionar sua amizade com Thukhachervsky, que fora seu instrutor na Academia Militar. Thukhachervsky, tinha sido apontado como traidor.

Stalin, todavia, se manteve firme. Nos começos da guerra, tinha anunciado nas assembleias gerais, no Kremlin: "Vosso passado não conta muito agora — Sómente vossos acertos militares são importantes. Dou-lhes a minha palavra de honra que ninguém terá dificuldades por algo acontecido no passado". Beria estava presente nesta reunião.

Assim, contra Zhukov, foi empregado um método diferente. Foi acusado de ser um "literato político" porque nunca "assimilou exatamente" os princípios do marxismo revolucionário. Inclusivamente, foi acusado de ser o "candidato do General Vlassov para um golpe de Estado".

A verdade é que Zhokov conhecia Vlassov desde a batalha de Moscou, na qual este derrotou a Segunda Divisão de Tanques alemães e a 106 divisão de Infantaria, antes que fosse feito prisioneiro. Zhukov, na realidade, tinha recomendado ao então Tenente General Vlassov para uma condecoração. Quando Vlassov, que colaborou com os germanos, foi feito prisioneiro na fronteira Polônia-Checoeslováquia, depois da queda de Hitler, declarou antes de ser sentenciado e enforcado, que tinha planejado comunicar-se com Zhukov com o fim de executar um golpe de Estado em Moscou, contra o governo de Stalin, mas que "dificuldades de ordem técnicas" impossibilitaram-no de comunicar-se com ele. Vlassov deu uma lista ulterior dos Generais e Marechais russos com os quais tinha planejado estabelecer contato. Constavam mais de 40, porém nenhum foi alguma vez chamado para dar explicações a esse respeito.

* *

"Na carreira militar de Zhukov, houve dois dias decisivos: o da sua vitória na batalha de Moscou e o

do cruzamento do Vistula, que as tropas atravessaram indo à conquista de Berlin. Em ambas as ocasiões com ele.

A 16 de dezembro de 1941, tive oportunidade de observar Zhukov no seu Quartel-General. A Batalha de Moscou aproximava-se do seu feliz final. Zhukov estava muito cansado e abatido. Os olhos rodeados de olheiras, a débil pose de quem não dormiu durante noites, a voz agonizante, todos os detalhes evinham uma completa fadiga humana.

Algumas xícaras de chá estavam sobre a mesa. O chá era intensamente prêto. Era a bebida favorita de Zhukov e ajudou-lhe a permanecer acordado durante toda a grande batalha.

Embora fatigado, não perdeu suas severas maneiras. Estava justamente telefonando ao General Byelov, que era conhecido pela sua teimosia de Cossaco do Don e pelo seu hábito de resolver problemas sem comunicar ao Alto Comando.

"Eu ordeno que o senhor esteja aqui dentro de 15 minutos..." — gritou Zhukov. "O que, o senhor não pode?; isto é uma ordem. Se não se retratar agora mesmo, terei que fazê-lo prisioneiro."

Não posso esquecer que Byelov tinha recebido pouco antes uma condecoração e havia sido mencionado na ordem do dia...

Inclusive, estive com Zhukov no dia em que atravessamos o Vistula, em janeiro de 1941. Seus olhos estavam vermelhos e sua voz agonizante; olhava o mapa do Estado-Maior Geral.

"Devemos acelerar o cruzamento em face da intervenção de Roosevelt e Churchill. Temos que repelir a ofensiva das Ardenas. Não estamos perfeitamente preparados, porém, mesmo assim, temos que derrotar os alemães; recorrerei, às minhas reservas para avançar. Elas estão mais ou menos prontas. Desta vez levo-lhes vantagem..."

O Marechal encontrava-se tão emocionado que dava uns socos no mapa, como se estivesse despedaçando o inimigo. Nunca o tinha visto em tais condições. Ainda dois

dias mais tarde, quando recebeu a comunicação do Exército que confirmava nosso êxito, não estive tão excitado; só observei um ligeiro rubor, nascido de uma emoção oculta, porém permaneceu calmo e repousado.

"Ensinamos aos alemães nosso "Kushinu mat" (expressão que significa quebrar seus pescoços) e também a seu famoso O.K.W. (Comando Supremo da Wehrmacht), foi assim que os castigamos..."

O FALSO MAPA DA O.K.W.

(Estado-Maior do Comando Superior da Wehrmacht)

Pouco depois da batalha de Moscou, na qual Zhukov salvou a cidade, eu tive oportunidade de conversar com ele sobre sua vitória mais importante. Nessa ocasião, deu-me a seguinte descrição detalhada da batalha que decidiu a guerra mundial, embora nós não soubéssemos então. A narrativa de Zhukov revela o que, desde esse tempo, até agora, nunca chegara ao conhecimento do público: a tremenda intervenção dos mapas incorretos do Estado-Maior do Supremo Comando da Wehrmacht (OKW) e seu fatal efeito para os tanques armados alemães. Zhukov contou-me:

"a segunda fase da batalha de Moscou começou a 2 de outubro de 1941, como afirmaram sempre os germanos. Na realidade, começou com uma rápida e, para nós, inesperada manobra do Exército de Guderian, seguindo a tomada de Kiev por Von Rundstedt. Guderian seguiu o curso superior do rio Desna, com o propósito de alcançar Novgorod, Seversk e Trubchivsk e situar-se diante da linha ferroviária Kromy-Orel e fora da Moscou-Kharkov. Devo confessar que não imaginavamos que a ofensiva alemã tomasse esta direção."

"Sobre o flanco esquerdo de Guderian, o 2º Exército de Von Weich atacou Bryansk, que estava a ponto de ser atravessada ao mesmo tempo pelo 6º Exército de Von Kluge, que viera de Roslavl com o propósito de adiantar-se sobre seu flanco es-

querdo por intermédio do 9º Exército, constituído de formações de tanques. Em direção ao norte, na região das colinas de Valdal, os germanos enviaram a principal parte de sua cavalaria e infantaria motorizada.

"Tínhamos que resistir conjuntamente a uma força armada de 100 divisões, incluindo 20 divisões de tanques. Nesse serviço de informações confirmou a presença, sobre essa parte do "front", das melhores formações de divisões motorizadas, as que pertenciam, principalmente ao 9º Exército, sob as ordens de Von Strauss. Nós só tínhamos 60 divisões incluindo 9 blindadas e 7 motorizadas. Na grande batalha de Trubchivsk, Guderian abateu nossos tanques e tomou Kromy e Orel."

"Perto de Bryansk, os exércitos do General Yeremenko, com suas melhores divisões, que quase tinham passado do sul ao noroeste, foram rapidamente cercados e, apesar de sua heróica resistência, só conseguiu salvar uma pequena parte. Boldin, na zona Vyazma e Rokossovsky, ocupado Syevkay Ezhev, foram, inclusive, rapidamente arrazados. Em direção ao sul de Vyazma, os germanos cortaram através de Kukhnov e Medyn. A 15 de outubro, já estavam em Mozhaisk. Nossa capital encontrava-se em perigo de morte."

DEFESA ATÉ O FIM

A 8 de outubro, solicitei perante o Departamento Político o pedido de uma imediata evacuação de Moscou. Isto foi aceito em parte, no que diz respeito aos Comissários do Povo (Ministros) e aos diplomatas estrangeiros. O dia da ocupação de Mozhaisk, terça-feira, 15 de outubro, às 12,45 hs, o camarada Molotov informou a Sir Stafford Cripps, desta decisão.

"Decidimos defender Moscou até o fim. Com o fito de reforçar nossas tropas armadas fora da cidade, decidimos mobilizar 40 divisões de "Voluntários". Isto proporcionou-nos 800.000 combatentes, entre homens e mulheres. Na batalha aberta, eles não seriam de

eficiência militar contra a Wehrmacht, porém, lutando na rua, nos subúrbios e no vale entre Mozhaisk, Borovks, Nora Fomontk e Podolsk, poderiam ser eficientes contra os tanques. Seus espíritos combativos e suas armas um tanto primitivas seriam suficientes para atacar os tanques."

"Esta massa de combatentes introduziu-nos na linha de fogo, reforçando nossas tropas, que detiveram os germanos sobre a linha do rio Nara e na região de Volokomansk. Eu segui o exemplo de Gallieni na batalha do Marne, solicitando todos os ônibus e taxis de Moscou e ainda as carroças de nossos comissários e do Kremlin. O camarada Stalin apoiou-me contra a oposição dos outros..."

"Depois de deter-se no Nara, os alemães reataram a ofensiva sobre Nara Mominck e Serpukhov, ponto chave das nossas defesas. Pela força, conseguiram abrir caminho sobre Podolsk e nos subúrbios do sul, onde lhes foi possível, marchando, ao mesmo tempo, ao longo do rio Oka em direção a Koloma e cortando ali através das principais linhas ferroviárias que correm de Moscou ao sudeste."

"Esse foi um momento trágico. Em lugar de fazer o que eu esperava, a Wehrmacht atacou energicamente ao sul de Oka, em direção ao noroeste, este e sudeste, na região de Tula. Ocuparam Yeletz, que não era de valor estratégico e que não os aproximou da principal linha ferroviária Moscou-Kolomna-Ryzan-Voronez-Rostov."

ARMADILHA DE TANQUES

"Ao mesmo tempo, utilizando o "movimento" de pinça tão comumente usado, ocuparam Kalinin, Tver e Klin e atacaram em direção este a linha ferroviária local, Moscou-Kimry, sobre o Volga. Ali as tropas germânicas ganharam terreno numa extensão considerável, isto, porém, foi completamente inútil, já que nesta região, como é sabido, resulta praticamente impossível avançar do oeste para este."

"Entre Moscou e o Volga superior não existem estradas que conduzam

do oeste para este e praticamente nenhuma ponte sobre os rios tributários do Volga, além de haver numerosos pântanos, bosques, lagos e quebradas. Foi assim que os alemães cairam numa armadilha gigantesca de tanques."

"A pinça dos germanos não podia ser fechada, porque faltava a parte do norte, que se tinha afundado no terreno na região do Volga superior."

"Sinceramente, eu não podia compreender porque o Comando Supremo alemão (OKW) tinha cometido este erro fatal. Porém, um dia, nossos soldados trouxeram um importante prisioneiro, um coronel alemão do Estado-Maior Geral, que recebera uma ferida grave na batalha de Klin. Levava consigo um mapa do Estado-Maior na região compreendida entre Moscou e o Volga superior. Nêle descobri, com grande consternação, cinco caminhos que conduziam do oeste para o este, os quais nunca tinham existido, nem tinham a dezena de pontes que encontrei no mapa. E só encontrei assinalados alguns pântanos e barrancos."

"Os alemães queriam atacar com tanta velocidade que não se preocuparam de que a Luftwaffe pudesse investigar a exatidão do mapa do Comando Supremo alemão (OKW) ou talvez o O.K.W. fez suas decisões sem consultar ao Comandante do Grupo de Exército que encontrava-se em Tver."

"Uma vez falei ao camarada Timoshenko sobre tal mapa. Ele sorriu e disse que nossa contra espionagem achava possível chegar às mãos do Coronel D. Hans Krebs, este falso mapa. Krebs fôra membro da delegação alemã em Moscou, desde 1940 até 1941 e chefe do serviço de espionagem militar alemão na União Soviética."

O SUPER-ESTIMADO GENERAL INVERNO

"Frequentemente explica-se a derrota de Hitler ante Moscou como resultado do severo inverno de 1941. Na sua declaração ao Reich, a 26 de abril de 1941, Hitler tinha muito que dizer a respeito do velho

"General inverno" e ainda adiantou-se a provar que Napoleão tinha encontrado melhores condições, em 1812, que a Wehrmacht em 1941-1942."

"A verdade é que a participação do "General inverno" foi bem menor do que era esperado."

"É verdade que o inverno de 1941 começou 3 semanas antes do normal e que sua mais baixa temperatura, de 52° abaixo de zero, excedeu a do inverno de 1812-1813, quando a média foi de 25° abaixo de zero. É verdade, inclusive, que os alemães sofreram muito com o frio porque estavam inconveniente-mente agasalhados. Um chefe menos brilhante, porém bastante mais prevenido que Hitler, poderia haver proporcionado uniformes adequadados. Assim mesmo, o inverno de 1941 foi mais favorável para as armas e tanques do que uma estação normal. Os lagos, pântanos e rios congelados facilitaram suas operações. O "rasputitza" (período entre o outono e o inverno, com chuva e vento derretido), não se fez sentir e favoreceu a ofensiva da Wehrmacht."

"Por último, o começo antecipado do inverno significou, na Rússia, como sempre, que não haveria neve. Profundas capas de neve podem significar um sério obstáculo para uma ofensiva. Durante o rigoroso inverno de 1904-1905, as batalhas entre os russos e os japonenses, na Mandchúria, continuaram graças à ausência de neve, já que o frio, por si mesmo, não era um obstáculo. Em 1922, durante a invasão da Sibéria pelos japonenses, nossos comandantes viram-se favorecidos em suas operações por um inverno aprazível, o qual causou grandes nevadas e immobilizou os japonenses."

"O inverno de 1941 foi, antes de tudo, um período sem vento. Todo o mundo sabe que é mais fácil suportar um inverno de frio severo sem vento, do que um menos frio, porém ventoso. O coeficiente de resistência é de 2,5, isto é, uma temperatura de 10° abaixo de zero, com o vento que equivale a uma tempe- ratura de 25° abaixo de zero nos dias frios e ali não havia vento.

Assim, a Wehrmacht teve que suportar únicamente uma tempera-tura equivalente a 12° abaixo de zero, comparada com os 35° com os quais os granadeiros da "Grand Armée" gelaram-se até a morte."

Em 1812 foi, realmente, o severo inverno a causa da derrota de Napoleão? Na Academia Militar, todos nós temos estudado a história da invasão de Napoleão. As verdadeiras causas do que aconteceu foram não estar ele preparado para um inverno rijo, pois basta obser-var os seguintes fatos:

— Suas enormes perdas na batalha de Borodino.

— O efeito que teve sobre suas tropas, ao comprovar nossas táticas terrestres e a indecisão de Napoleão depois da ocupação de Moscou.

— As atividades dos nossos soldados.

— As linhas de comunicações com a retaguarda fizeram impos-sível uma retirada ordenada.

"Hitler estava verdadeiramente numa situação mais favorável. Quer dizer que os três primeiros fatores estiveram presentes inclusive para a Wehrmacht e entravaram suas atividades, porém o quarto não exis-tia, já que os progressos das linhas ferroviárias garantiam suas linhas de conexão. Não pode haver dúvida alguma de que, se Napoleão, em 1812, tivesse uma só linha ferroviária à sua disposição, como por exemplo, a linha Moscou-Smolenk-Vilna, à "Grand Armée" não teria perecido."

"De qualquer maneira, Hitler não obteve benefício das suas rotas de conexão, já que carecia de meios de locomoção. Ele admitiu, no seu discurso ao Reichstag, "preparar um número suficiente de meios de locomoção para a futura campanha de inverno na Rússia."

O "General Inverno" causou à Wehrmacht menor dano do que a falta de meios de locomoção."

CERCOS CONCÉNTRICOS

"Na batalha de Moscou, pusemos em prática, em primeiro lugar, o princípio de "Cercos concéntricos". Este princípio, conhecido já há mu-

to tempo, foi usado na guerra dos Trinta Anos. Seu inventor foi Gustavo Adolfo da Suécia. Os germanos sabiam, tão bem como nós, que resultava incompreensível que houvessem caído duas vezes na mesma armadilha: em 1941 perante Moscou e, em 1942, em Stalingrado."

"A volta decisiva perante Moscou efetuou-se a 2 de dezembro de 1941. Nesse dia expedi uma ordem de ocupar, a qualquer risco, a vila de Kyevo, situada 30 km ao norte de Moscou. Esta vila foi tomada depois de um ataque à baioneta. Solnichnogorsk caiu pouco depois. Ao mesmo tempo, Liliushenko tomou Rogacnov e rodeou Klim; Boldin fez um forte ataque à Wehrmacht no noroeste, entre Tecla e a capital; Byelov, com seus guardas, tomou Mikhaislov e Yepifania. O homem realmente responsável pela vitória de Moscou foi o camarada Koniev, que na região de Kalinin, deu um golpe terrível contra a Wehrmacht, ao confundir seu comando, atraindo a maior parte das tropas alemãs para ele."

"Haveria, com efeito, uma enorme quantidade de coisas para contar no estrangeiro, sobre a parte jogada pelos seus regimentos siberianos nesta batalha. Seria muito comprido, porque tanto os agregados militares como os periodistas estiveram impressionados pelo ar marcial dos nossos camaradas do outro lado dos Urais. Nessa época, tínhamos somente 3 divisões siberianas, além das 74 próximas a Moscou. O papel desempenhado pelos "Voluntários" foi também importante no que toca, porém, ao ponto de vista psicológico. Este Exército foi levado a combater somente nas vilas imediatas (Khimki, Kyero). O local mais longínquo da capital onde combateram foi sobre o lado do canal Moscou-Volga, situado a 56 km da mesma. Ali protegeram aos 3º e 4º exércitos de Tanques com grandes perdas de vidas humanas. Foi ai que o camarada Pantilov (2) estreou pela primeira vez

contra tanques. Pantilov, que uma vez fora Comissário militar em Kirzhazia, obteve o primeiro "Batalhão de cães" dos Podolk Kennels e mandou-os contra os tanques após dias de treinamento (3)."

O papel dos Cossacos foi inclusive subestimado. Sómente tivemos duas divisões, comandadas pelos camaradas León Dovator e Byelov...

HITLER AINDA ESTÁ VIVO

É bem sabido que Zhukov não podia acreditar na morte de Hitler. Uma vez falei com ele sobre isto, quando trabalhavamos juntos em Berlin, em 1945. Zhukov procurou provar-me, nesse tempo, que sua teoria era correta. Eu não acreditava nisso, porém é interessante conhecêr a opinião do conquistador de Berlin. Ele contou-me:

"Depois da ocupação de Berlin, recebi uma ordem pessoal do camarada Stalin para que confirmasse a morte de Hitler. Este problema foi tratado muito seriamente pelo Departamento Político. Temia-se que Hitler tivesse se salvado e mais tarde fosse utilizado pelos anglo-americanos, no caso de produzir-se um conflito militar. Pessoalmente, eu não pensava que isso fosse possível, porém as instruções de Stalin foram: fazer uma inquisição cuidadosa sobre os possíveis para-deiros de Hitler."

"Designei uma comissão especial com o fim de interrogar a Reich Kanslei e averiguar as numerosas testemunhas do último dia que Hitler passou em Berlin. O informe desta comissão revelou os seguintes pontos":

"Nenhum vestígio dos corpos de Hitler ou Eva Braun";

"Nenhum vestígio do fogo que se diz havia consumido os corpos."

"Declarações de testemunhas que disseram haver prometido a Hitler, sob juramento, que, se eles fossem capturados pelo inimigo, deveriam testemunhar que tinham visto, com seus próprios olhos, seu desapare-

(2) Ele encontrava-se na frente da 316ª divisão de Infantaria.

(3) Os cães tinham explosivos sobre suas costas quando foram enviados contra os tanques.

cimento mediante o fogo, no pátio de Reich Kanzlei. Nenhuma dessas testemunhas viu os corpos e o fogo. Eram, evidentemente, declarações que foram falsificadas de propósito, com o fim de desviar qualquer pista."

Foi comprovado, sem deixar dúvidas, que um pequeno avião abandonou o Turgarten (aeródromo), na madrugada de 30 de abril de 1945 e que, com três homens e uma mulher, fugiu para Hamburgo. A mulher só podia ter sido a senhora Goebbels ou Eva Braun. A senhora Goebbels está morta e temos provas disto. Por outro lado, um bote gigante "U" abandonou Hamburgo antes da chegada das tropas britânicas, transportando umas poucas personagens secretas, entre elas, uma mulher. Com respeito a este último, possuímos a confirmação de um camarada que se encontrava no porto de Hamburgo, como agente do nosso serviço de informações. Este bote gigante "U" poderia ter alcançado facilmente qualquer lugar do mundo, a uma distância de 25.000 km de Hamburgo, alguma ilha deserta ou qualquer lugar inexplorado.

"Tenho certeza que Hitler e Eva Braun abandonaram vivos a Alemanha em maio de 1945..."

Pessoalmente posso acrescentar que não acredito nesta história, porém tenho certeza de que Zhukov sim.

KONIEV, O CIVIL

Koniev é um tipo extremamente raro de encontrar entre os Marechais. Tem a mania de vestir roupas civis. Seguiu com seu hábito ainda durante a guerra, quando a batalha de Byelgorod estava em pleno desenvolvimento. Seu ajudante de campo, Solomkhim, levava consigo constantemente, nas suas malas, um ou dois ternos civis, que o Marechal acostumava usar de vez em quando.

"Outra paixão de Koniev são os cavalos. Conheci-o no tempo em que tinha duas éguas "ches" (alazães), do "stud" de Orel. Atualmente possui uma cocheira com dez cavalos de corridas."

"Koniev é um comandante em chefe que só deixa seus subordinados em paz quando está dormindo. De outro modo, está continuamente no telefone, comunicando-se com os comandantes dos vários setores do "front", aos que pede notícias antes de transmitir-lhes as ordens. Ouvi freqüentemente conversações telefônicas como as seguintes":

"— Camarada Pavlov? Suas notícias?"

"— E o que me diz do bosque à sua direita? O senhor está conosco ou com o inimigo?... Isto deve ser defendido em tódas as circunstâncias... Não, o senhor não deve atacar as fábricas, deixe-as passar por alto... não tente ocultar-me nada. Não se retire. Adiante!... Ponha em ação outras duas baterias; eu ajudarei, desde aqui, com minhas reservas... Não, não venha até aqui. Eu irei vê-lo esta tarde..."

Nem na batalha mais difícil Koniev perde o controle. Tinha o rosto queimado pelo sol, de feições firmes, com pómulos salientes. Os pequenos olhos cinzas maliciosamente brilham. Gosta que lhe respondam rapidamente, sem vacilações. "Quem procura uma resposta, prepara uma mentira".

Koniev lê muito, mesmo durante as batalhas. Seus livros favoritos são: o do General Dragomirov sobre Suvarov. Os poemas de Rushkin (especialmente os primeiros) e "Guerra e paz" de Tolstoy. Nas conversações com seus oficiais, freqüentemente faz comparações com os heróis destas novelas.

Koniev fala e lê o inglês, necessita porém de um dicionário. Agrada-lhe enormemente Bernard Shaw.

O Marechal tem modos autoritários para com seus oficiais; costuma tratá-los de "você", a começar do primeiro tenente e emprega o mesmo trato quando fala aos soldados e voluntários, embora isto não seja oficialmente permitido no Exército Vermelho.

Um dia, Stalin disse-lhe que o Departamento Político estava preparando uma ordem que proibia-lhe de empregar esse tratamento

com pessoas de hierarquia e oficiais. Esta piada transtornou Koniev de tal maneira que Stalin, batendo-lhe no ombro amigavelmente, disse-lhe rindo: "Bem, Ivan Stepanovich, deixa isso assim, se você prefere". O notório é que Stalin nunca emprega o termo familiar "você" quando fala aos seus Marechais, à exceção de Vorochilov.

KURSK, O PRINCÍPIO DO FIM

Koniev considerou a batalha de Orel-Kursk-Byelgorod, como o "princípio do fim" da Wehrmacht. Segue-se o que nos narrou:

"No verão de 1943, tínhamos tropas e equipamento suficientes para planejar uma grande ofensiva contra Orel. Havíamos reunido consideráveis reservas no triângulo Lgor-Kurek-Fatez, desde que soubemos, por intermédio do nosso serviço informativo, que nossos agentes secretos na Suíça tiveram conhecimento de eminente ofensiva contra Kursk."

"Devo confessar que não esperava por isto. As concentrações de tropas germânicas sobre a linha Sevsk-Ryesk-Sumy estavam de acordo com a minha opinião, tratando de deter nossa ofensiva. O fato de nos atacar desde essa linha teria pouco valor estratégico, já que os rios Svapa e Samy, correndo através do vale desde Lugov, constituiam um considerável obstáculo natural com possíveis pântanos."

"De qualquer maneira, soube, nesse dia, que a Wehrmacht estava reunindo tropas no sul, em Paiol e o Donetz, e compreendi logo que a ofensiva era eminente. Os germanos queriam, pela milésima vez, repetir seu plano "Schleffen-Nolte-Bernhardi-Clausewita", e tentar uma "batalha de Cannes" contra nós."

"De acordo com a informação recebida, o Marechal Von Kluge, a quem conheci por ter-lhe causado prejuízos consideráveis na área Viazma-Rahev, estava concentrando um bom número de forças de combate para esta batalha de aniquilamento. Mais ao norte, tinha o 3º Exército de Tanques com cinco divisões, dentre as quais 60% era

regimentos de "Ferdinandos". No sul, tinha à sua disposição o 2º Exército de Tanques de Von Hott, que consistia em quatro divisões de tanques, uma motorizada, quatro divisões de infantaria, quatro regimentos de artilharia motorizada e o corpo de tanques SS, com quatro divisões. Von Kluge tinha fortes reservas em Orel, três divisões blindadas e três de infantaria..."

"Em resumo, isto significava uma massa integrada por meio milhão de homens, o que vinha a ser a canção do cisne da guerra relâmpago. Porém, como nossas forças de combate, no vértice do Kursk, eram, pelo menos, o dobro (tinhamos 950.000) preparadas, não há a menor dúvida de que a batalha de Kursk estava perdida, desde o princípio, para a Wehrmacht."

BARRICADA MORTAL

"A ofensiva germânica começou a 5 de julho, no norte e no sul do vértice do Kursk. A 6 e 7 de julho, foram dias terríveis. A Wehrmacht adiantou-se e ocupou Maloarchangesk. Colocamos, porém, barricadas nas zonas de combate, dentro das quais, havíamos calculado de ante-mão, a Wehrmacht trataria de introduzir-se. Nossa reserva de munições permitiu-nos manter estas barricadas sem interrupção, numa extensão suficientemente longa para destruir 45% dos tanques alemães. Em face da inferioridade de sua artilharia, a Wehrmacht não podia responder da mesma forma."

"A 11 de julho, os tanques alemães atacaram (tinham ainda duas divisões), desde Zmievka, o flanco esquerdo das tropas de Popov, perto de Nomch. Nossa artilharia aniquilou-os. A 12, 13 e 14, a batalha de Kursk terminou com a derrota da Wehrmacht no setor norte. Começamos o ataque sobre Orel, que ocupamos a 4 de agosto. A cidade de Kromy caiu a 5 de agosto..."

"No setor sul da saliente do Kursk, a batalha prolongou-se mais. Nesse setor, resultava possível aos germânicos ganhar terreno dentro da região da linha ferroviária Byelgorod-Kursk. O Exército de Vatu-

tin sofreu perdas consideráveis. Entre 10 e 15 de julho, a batalha estendeu-se sobre as colinas e vertentes dos rios Seým-Psile-Donetz, ao sul da estação Rhzava. De qualquer maneira, foi impossível aos alemães estender seu avanço em direção ao oasis (Rhzava-Obyan). Atacaram no oeste e atravessaram o Donetz em direção a Korocha. Depois de alguns dias de luta, estivemos em condições de detê-los sobre as colinas perto de Chebekino, entre o Koren e Korotska, dois afluentes do Donetz. A 21 e 22 de agosto, a Wehrmacht começou sua retirada e a 23 de agosto de 1943 a batalha de Kursk tinha terminado..."

"Em Maloarchangelsk, no comando abandonado de uma divisão germanica, encontramos os planos da batalha de Kursk. Era patético, Von Kluge ignorava a disposição geográfica das nossas posições fortificadas, como também não tinha idéia do caráter topográfico da saliente do Kursk. Nossa zona fortificada estava melhor no sul do que no norte, porém os germanos começaram um ataque simultâneo contra ambas as partes. Por conseguinte, só podíamos lançar nossas reservas ao setor mais débil, onde os alemães estavam em condições de avançar muito mais facilmente."

"Inteiramo-nos de que a Wehrmacht tinha atacado o setor sul, três dias antes, no norte e que, ao mesmo tempo, tentou uma manobra de diversão em direção ao oeste. Talvez houvessem conseguido condições de liquidar o saliente do Kursk, embora isto não fosse decisivo, dada a nossa superioridade em número. Em todo caso, haverá significado consideráveis perdas, para nós, nesta batalha, que assinalou o começo da grande retirada e teria demorado nossa ofensiva, a que conduziu-nos à vitória do Kursk-Orel-Byelgorod. Assim é que tomamos Byelgorod, a 4 de agosto, isto é, no mesmo dia que Orel..."

BATALHA DE GUERRILHEIROS

Dentre todos os Marechais russos, Koniev é um dos que tem desempenhado mais importante papel nas

operações de guerrilheiros, cuja importância militar ele comprehendia perfeitamente. Isto é o que disse o Marechal a esse respeito.

"Pouco depois do começo das operações militares, o Departamento Político organizou uma sessão extraordinária, que congregava as seguintes personagens: o chefe do Departamento Político do Exército, Sheervakov o chefe da N.K.V.D., Beria; o presidente das Uniões de Comércio Shvernik e os secretários dos comitês locais do Partido Comunista."

"Foi nesta ocasião que Voroshilov expôs a idéia de organizar unidades de guerrilheiros, com o fim de utilizá-las, como guerrilhas, na retaguarda do Exército germano."

"Os primeiros guerrilheiros apareceram na Byelov-Rússia (Rússia Branca), perto de Minsk. Logo, toda Uchânia achou-se coberta por grupos secretos, organizados em distritos, pertencentes aos exércitos de guerrilheiros. Na primavera de 1942, apareceram na Rússia Central."

"Pelo tempo das atividades mais importantes, os guerrilheiros somavam um milhão e meio de combatentes, os quais estenderam-se através de bosques, pântanos e as desembocaduras dos grandes rios (como o Don) nas estepes do sul e nas "zonas de terrenos baixos" compreendidas entre a Ucrânia e a "Grande Rússia". Sua organização consistia simplesmente nisto:

— Um núcleo integrado por uma unidade das tropas de NKVD;

— Tropas gerais, constituídas principalmente de paisanos.

Os guerrilheiros estavam bastante bem armados, especialmente aqueles do Don e da Ucrânia. Tinham espécies de metralhadoras, pistolas automáticas e rifles e, às vezes, ainda canhões de 76 mm.

"A tarefa básica dos guerrilheiros, a princípio, não foi combater o inimigo, mas aniquilar os colaboradores nos territórios ocupados. O Departamento Político tem na realidade, uma "colaboração em massa" com o inimigo. Converteu-se logo em evidência que as táticas políticas dos alemães eram re-

sistidas pela maioria da população civil, com exceção de algumas regiões no norte do Cáucaso, os tár-taros de Criméia, os Nogais Nsl-mucks, os Ingush e os Ossetes."

"Assim, os guerrilheiros entraram nas atividades de guerra. Suas atividades tiveram para a Wehrmacht tanta importância como as do Exército Vermelho. De acordo com as estatísticas do Estado-Maior Geral russo, pelo menos 20 ou 25 % dos contingentes de reforços germanos não alcançaram seu destino em 1942-1943, graças às atividades dos guerrilheiros ao longo das linhas de comunicações."

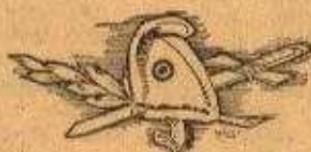
"Em fins de 1942 e princípios de 1943, os guerrilheiros converteram-se na escolta regular das tropas dos Exércitos Blindados dos camaradas Rotmistrov e Bodganov. Acontece que nossos tanques deslocavam-se com tal velocidade que a infantaria, por si mesma, não poderia marchar ao mesmo tempo que eles. Era todavia perigoso abandoná-los aos tanques germanos e à infantaria. Assim sendo, dei ordens táticas ao camarada Blinniv, que comandava os guerrilheiros na zona seguinte."

"Os guerrilheiros receberam pequenas armas anti-tanques, as quais os ajudavam freqüentemente para combater os tanques Tigre e Pantera. Foram os tanques germanos

que mais sofreram com o efeito das atividades dos guerrilheiros, foram os pequenos Katzen (gatos) que resultaram aniquilados por completo."

"Na operação onde os guerrilheiros jogaram a parte de um exército regular foi na batalha de Kersun-Chechekovsky. Ali, as 43 e 76 e 22 brigadas autônomas tomaram parte na conquista das vilas de Shendrovka, Komarovka e Djurdjennt. Outra operação não menos importante e feliz foi realizada pelos guerrilheiros no curso do Dnieper perto de Tsherkassy. Dois ataques dos guerrilheiros produziram uma forte diversão, atraindo as tropas de encontro dos Walonia e Wilking. Seis brigadas de guerrilheiros combateram contra estas duas fortes divisões de tropas germanas, com seu respectivo equipamento 'individual.'

"As perdas dos guerrilheiros foram enormes; mais de 70 %, porém, graças à sua tática de diversão, atravessaram o Dnieper, 20 km acima da vila Zhukova e nossa ponte principal sobre a margem direita do Dnieper, permitindo aos tanques de Bodganov ocupar Kanev. Assim, o cruzamento do Dnieper, que de outro modo nos teria levado, no mínimo, uma semana, foi reduzido a dois dias, graças à ação dos guerrilheiros."



AS BASES AMERICANAS NA ESPANHA

Gen. Bda. R-1 MANOEL IGNACIO CARNEIRO
DA FONTOURA



AFIRMA-SE que um dos erros cometidos pela estratégia da Alemanha, por ocasião da II Guerra Mundial, foi não ter arriscado a ocupação da Península Ibérica, o que não seria difícil, em face do debilitamento da Espanha, mal refeita da cruenta guerra civil.

Sem dúvida, do ponto de vista geopolítico, a Península Ibérica, particularmente a região de Gibraltar, reveste-se de extraordinário valor militar pelo fato de achar-se situada entre a Europa e a África, constituindo o famoso penhasco uma das colunas do portão ocidental da importante via aquatil, que liga o Atlântico ao Índico, via Suez. Com relação à rota do Suez ressalta, à primeira vista, a considerável diferença de extensão em seu favor, comparada com a do Cabo da Boa Esperança, na comunicação marítima entre o Oeste e o Leste. Além disso, há a considerar ainda entre a Europa e a Ásia, de um lado, e a África, de outro, ao longo da ligação inter-oceânica através do Suez, como consequência da menor proximidade da orla costeira, a existência de quatro "áreas de trânsito" intercontinentais, a saber: a de Aden, a do Suez, a da Sicília e, por último, a de Gibraltar. Na bacia do Mediterrâneo Ocidental, por exemplo, as "áreas" Ceuta-Gibraltar e Tunis-Sicília foram utilizadas, no decorrer dos séculos, como eixo de invasão por vários exércitos, quer num, quer outro sentido. Com efeito, Ani-

bal, Cipião, Genserico, Tarik, Rommel e Eisenhower são, entre outros, nomes de célebres capitães que ressoam nos alcantilados dessas vestudas paragens.

Ocorre-nos, a propósito, o trecho de um relatório ultra-secreto divulgado, há tempos, por um jornal francês, que tanto alarmou o mundo, particularmente a população da Europa Ocidental. Falso ou verdadeiro, o trecho do relatório em questão, cuja autoria fôra atribuída a um destacado chefe naval norte-americano, encerra, na verdade, argumentos com a força de conclusões baseadas no exame da situação estratégica dos dois poderes que o mundo parece estar dividido. Intencional ou não, a divulgação do periódico parisiense produziu o efeito de alertar o Ocidente do perigo que o ameça e pôr em foco, mais uma vez, a importância do Mediterrâneo no jogo da política mundial. A se confirmar a hipótese da deflagração de conflito armado dentro de um período, por exemplo, de cinco anos, não será difícil, em face do grau de preparativos dos prováveis contendores, de as forças de um dos poderes expandir-se através do Elba, ocupando, em curto prazo, a Europa Ocidental, possivelmente até os Pirineus e a Mancha, duas formidáveis barreiras naturais que se admitem sejam obstáculos à sua maior expansão. Nessas condições, apesar da enorme desvantagem inicial da perda temporária do formidável potencial humano e industrial de grande parte do continente europeu, o partido que

dispuser dos pontos-chaves da rota aquatil Gibraltar — Malta — Suez — Aden, bem como dos estreitos de Dardanelos e Bósforo, terá a possibilidade de ganhar a guerra, visto tais rotas permitirem o ataque direto a pontos vitais, situados dentro e fora da zona do interior do adversário.

Com relação à Espanha, ou melhor à Ibéria, com sua posição, dominando um dos "pontos-chaves" do Mediterrâneo, ou constituindo uma das "áreas de trânsito" intercontinental, um olhar retrospectivo na história militar, evidencia-nos a sua importância estratégica, nas grandes contendas que abalaram o mundo. Mencionamos, por ordem cronológica: o aparecimento dos cartagineses é seguido pela ocupação romana; a invasão dos visigodos força os recém-chegados vândalos a se estabelecerem na África; a dominação maometana, facilitada pela ambição de um conde andaluz, traz, como consequência, a reconquista cristã, base da formação dos modernos estados ibéricos; o estabelecimento dos ingleses em Gibraltar assinala a preponderância marítima da Grã-Bretanha; e, por último, a infrutífera tentativa de controle político por Napoleão marca o ocaso de seu poderio. Sem dúvida, a raiz do inquebrantável patriotismo peninsular está na milenária tradição de permanente luta contra os invasores de seu solo.

Levado por tais considerações, esboçou-se, por iniciativa dos EUU., um movimento em favor da aproximação com a Espanha, a única nação ocidental fora do pacto do Atlântico Norte. Apesar da reticência da França e da Inglaterra em aceitá-la, chegou-se a bom termo com a assinatura do acordo e consequente início imediato da construção de bases militares americanas na Península Sul-Oeste da Europa.

No que diz respeito às operações militares no continente, a Ibéria, devido à distância dos prováveis teatros, terá uma posição secundária, inicialmente. Todavia, a evolução dos acontecimentos em determinado sentido poderá modificar esse aspecto e conceder-lhe um papel de suma importância. De qualquer modo só o uso das bases aéreas espanholas pela aviação norte-americana justifica o interesse com que a pátria de Cervantes foi recebida na comunidade do Atlântico Norte.

Levando em conta não só os variados recursos econômicos, como também, quer pela topografia acidentada do país, quer pelo caráter combativo dos habitantes, a Ibéria está magnificamente dotada por Deus para cumprir o seu destino de sólido e secular baluarte da Civilização Cristã, ou como diz Toynbee, da Cristandade Ocidental.



A ENGENHARIA NA INDO-CHINA

II

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO SERVIÇO DE ENGENHARIA (3)

Coronel ROBERT

Traduzido, "data venia", pelo Maj. FERNANDO
ALLAH MOREIRA BARBOSA



Serviço de Engenharia, na Indo-China (4), criado no momento da chegada do Corpo Expedicionário por missões:

A) Zelar pelo patrimônio militar, tomando a seu cargo:

— a construção e a conservação dos imóveis necessários à instalação dos órgãos das forças terrestres (Estados-Maiores, tropas, serviços, etc.) ;

— os trabalhos de fortificação permanente e tudo que lhes diga respeito;

— a execução de certos trabalhos de construção, de interesse para outros departamentos militares (Aeronáutica, Marinha, Abastecimentos, etc.) ;

— supervisionar a distribuição e a conservação do material de engenharia pertencente às dotações dos corpos de tropa e formações de serviços;

— organizar e reaprovisionar os depósitos de material de engenharia;

— experimentar e propôr a adoção de materiais novos, condizentes com certas missões tipicamente locais.

B) Inspecionar o material de engenharia em uso.

C) Apoiar as unidades de engenharia no combate, assim como as das demais armas, provendo-as de materiais de engenharia, (material de comunicações, de Organização do terreno, de purificação de água, etc.)

D) Encarregar-se, juntamente com o Serviço de Intendência, da organização dos processos de requisições e indenizações.

E) Tomar a si certas missões que vinham sendo desempenhadas por repartições civis extintas no momento em que foi concedida autonomia aos Estados da Indo-China francesa, desde que indispensáveis ao prosseguimento da guerra.

F) Encarregar-se de trabalhos militares, de interesse para os Estados da Indo-China francesa, desde que solicitados pelos interessados, como sejam: instalações para escolas, campos de instrução, aquartelamentos, etc.

* *

Para poder cumprir essas missões, o Serviço de Engenharia, na Indo-China, foi obrigado a uma constante evolução de organização

N.R. — Continuação do n. 473, de dezembro de 1953.

(3) Revue de Génie Militaire — número de setembro-outubro de 1952.

(4) O serviço de engenharia já existia na Indo-China, entretanto, desde 1903, data da criação do Serviço de Construções da Diretoria de Artilharia.

e, atualmente, está articulado da maneira seguinte:

— uma Diretoria do Serviço, em Saigon, comportando uma secção de projetos;

— três Subdiretorias, cujas atribuições são, pouco mais ou menos, as das Diretorias Regionais, na França;

— seis Chefias de Serviços — duas por Subdiretoria — análogas às Diretorias de Obras;

— comissões anexas, correspondentes aos canteiros de trabalho;

— um Depósito geral de material de Engenharia, abrangendo as tarefas concernentes aos serviços de eletro-mecânica e os parques de material de engenharia;

— unidades de serviço;

— companhias de Engenharia de combate, da reserva geral, à disposição do Serviço, de acordo com as necessidades.

* * *

O exame das missões e da estrutura do Serviço mostra que a Engenharia que exerce as funções de serviço territorial, na Indo-China, é, ao mesmo tempo, a Engenharia de Exército do Corpo Expedicionário. Nesse quadro geral, ela apoia, material, financeira e tecnicamente, todas as Unidades de Engenharia e, dessa forma, participa, diretamente, das operações militares.

Um artigo publicado no número da "Revue de Génie Militaire" de janeiro-fevereiro de 1948 (5), nos deu uma notícia a respeito do serviço de engenharia e das servidões que norteavam sua vida.

A partir dessa data, o serviço tem sofrido a influência da rápida evolução das situações política e militar, evolução essa que tem acarretado considerável aumento de encargos, principalmente pelo aparecimento de missões novas.

(5) "Organização e funcionamento da engenharia na Indo-China", do Ten.-Cel. Houssay.

(6) O Serviço de engenharia da Indo-China tem oportunidade, diariamente, de aplicar as técnicas de trabalho mencionadas em um artigo publicado no número de julho-agosto da Revue de Génie Militaire: "Infraestrutura aérea", do Cel. Guillot. Na realidade, a Engenharia de Aviação, que já funciona na Indo-China há quatro anos, possui um Batalhão como tropa orgânica.

No campo político, a transferência, para os Estados da Indo-China francesa, cujos serviços são, ainda, embrionários, das grandes obras que vinham sendo empreendidas pelos franceses, obrigou a Engenharia Militar a tomar sob sua responsabilidade a maior parte dos encargos referentes a obras públicas, quase a totalidade da rede rodoviária e uma boa parte das tarefas de exploração das ferrovias e de alguns portos marítimos.

Do ponto de vista militar, a eclosão dos acontecimentos de 1950 obrigou o cumprimento de várias missões novas, das quais as principais foram a fortificação do delta tonkinês, a construção de novos campos de pouso para a aeronáutica, o aumento e melhoramento de aeródromos existentes e a dispersão e proteção de aviões no solo.

(6)

Concomitantemente, as tarefas habituais aumentaram de volume, pelo aparecimento de necessidades sempre crescentes, a urgência de organizar um apoio logístico, que não existia, e o emprego de materiais técnicos, cada vez em quantidades maiores e de qualidade altamente especializada.

* * *

O fato de ser o Serviço de Engenharia da Indo-China, ao mesmo tempo, serviço local e Engenharia de Exército do Corpo Expedicionário francês, exigiu a adoção de novos métodos de trabalho.

É preciso levar em conta, nesse particular, que, em um Teatro de Operações, o ritmo das operações é atribuição do Comando; que o fator tempo é preponderante para o sucesso e que as obras só têm utilidade quando terminadas rapidamente.

É mister não esquecer, igualmente, que a guerra apresenta grande

quantidade de imprevistos. Portanto, o Serviço de Engenharia da Indo-China não pode cumprir um programa de trabalhos, prescrito pelo escalão superior, dentro dos processos clássicos de ação. Muito ao contrário, ele tem que trabalhar dentro de uma situação que exige larga margem de previsão, para que se possa adaptar às eventualidades. Entretanto, para se conseguir isso, é indispensável estar, constantemente, a par das intenções do Comando, a fim de que se possa antecipar as decisões e ter, quando necessário, soluções prontas e materiais depositados nos locais convenientes.

Também convém ter em mente que, se durante o último conflito mundial, a engenharia era generosamente suprida por parques vultosos, cujos estoques eram renovados sem restrições, o mesmo não vem acontecendo na campanha da Indo-China, que é mantida por verbas orçamentárias, votadas pelo parlamento. As despesas, assim como os meios, são limitados dentro do que se pode prever, pelo orçamento, na elaboração do qual se avaliam, geralmente, muito mal, as "eventualidades".

Assim, para poder fazer frente às exigências do Comando, a Chefia do Serviço de Engenharia é obrigada a se manter informada, diariamente, da situação das verbas, dos estoques de material e das ações dos executantes.

* *

Por outro lado, além de ser verdade que as tarefas de execução do serviço são muito prejudicadas pelas constantes flutuações dos planos de trabalho, há ainda a acrescentar as dificuldades resultantes das condições econômicas do país.

A Indo-China não possui o desenvolvimento industrial que seria indispensável para fazer viver, com os recursos locais, o Corpo Expedicionário francês, de modo que a parte do equipamento, que tem sido destruída, não tem sido convenientemente substituída.

No domínio das obras públicas, além das disponibilidades financeiras serem, sempre, muito inferiores ao volume dos trabalhos, urgentemente necessários, acontece, ainda, que o mercado de materiais de construção é, muito particularmente, instável.

Em consequência da guerra, as fontes de suprimento se retrairam, espontaneamente; os impostos cobrados, pelos dois adversários, sobre a extração ou manufatura de materiais, a falta de segurança dos transportes e outras circunstâncias análogas, fizeram com que o preço das mercadorias não possa ser fixado, senão no local de entrega. Mesmo para as mercadorias importadas, com exclusividade, pelos órgãos militares, é preciso levar em conta que as entregas se fazem sem continuidade, de acordo com as disponibilidades de "praça" nos navios e que os artigos desaparecem, rapidamente, nos estoques do mercado negro chinês, o qual especula com a irregularidade das entregas, a fim de exigir preços que atingem, freqüentemente, dez vezes o valor da mercadoria.

Evidentemente, é impossível cumprir um orçamento em tais circunstâncias e, mesmo, conseguir fornecedores de material.

Desse modo, o Serviço de Engenharia foi obrigado a criar suas próprias pedreiras, suas próprias fundições, suas próprias oficinas e a ir buscar, no exterior (França, Estados Unidos, Japão), os materiais abundantes que lhe permitissem agir no mercado de materiais, evitando a alta exagerada de preços e saneando a praça, periodicamente, pela eliminação dos traficantes sem escrúpulos, que especulam com as necessidades do Exército, sem terem, habitualmente, outro equipamento comercial, além de u'a mesa e de uma cadeira, em algum edifício de escritórios de Saigon, e que se evaporam, sempre que surge alguma dificuldade na execução do contrato.

Graças a essas providências, os pequenos empreiteiros viet-namitas puderam, uma vez aliviados das

especulações em torno dos materiais, concorrer às distribuições de trabalhos que não exigissem conhecimentos técnicos aprimorados, ficando esses reservados aos grandes empreiteiros franceses. Os contratos firmados prevêem, sempre, a obrigação do Estado entregar os materiais, ao pé da obra, de acordo com o plano de execução da mesma, ficando a responsabilidade do serviço entregue, inteiramente, ao empreiteiro. Tais contratos são, habitualmente, de prazo de duração muito curto, e são adjudicados, seja após tomada de preços regular, seja mediante entendimentos diretos.

Se, porém, o contrato tiver que ter duração maior que a habitual, os pagamentos parcelados são feitos de acordo com as épocas da colheita do arroz, que rege, quase completamente, a vida da mão de obra nativa.

Esse processo de execução de obras tem contribuído, grandemente, para o desenvolvimento da economia vietnamita, sobretudo no que se refere ao artesanato, que era muito insignificante. Há, agora, certos empreiteiros que podem reunir mais de 1.000 (7) operários, em prazo muito curto.

Infelizmente, essas iniciativas não dispõem do apoio das instituições de crédito. Os bancos continuam pouco interessados, em virtude da instabilidade do clima político. (Vários empreiteiros foram assassinados ou assaltados nos locais das obras). Além disso, as taxas de juros dos empréstimos feitos pelos agiotas chineses, verdadeira praga social do país, são, absurdamente abusivas (8).

Para sanar esses inconvenientes, a administração adotou o processo do pagamento imediato dos trabalhos executados. Tal prática, porém, tem influenciado, de maneira sensível, a organização do Serviço.

Inicialmente, o Diretor de Engenharia era a única autoridade com atribuições para adjudicar serviços a empreiteiros civis. Atualmente, as adjudicações foram descentralizadas, dando-se a mesma atribuição aos Subdiretores, nas zonas de sua jurisdição. Ao mesmo tempo, foram aumentados os órgãos pagadores, passando-se de três a seis chefias de serviço.

Ainda que alguns trabalhos devam, por vezes, serem executados sob regime de administração direta, ou em condições que não permitam a assinatura de um contrato de empreitada, eles decorrem, normalmente, das operações militares ou há necessidade de utilizá-los antes de inteiramente terminados. Nesses casos, a solução tem sido o emprêgo de diaristas e, para tanto, as Chefias de Serviço e suas Comissões de obras dispõem de adiantamentos importantes (2 a 15 milhões de francos, conforme o caso). A justificação das despesas é feita, então, "a posteriori", o que não deixa de ter inconvenientes, um dos quais é a avaliação da eficiência do serviço pela rapidez com que são feitos os pagamentos.

• •

Além dessas, outras dificuldades se têm apresentado, no campo das realidades práticas.

Os problemas afetos aos quadros são de tal complexidade, que exigem considerável tirocínio de engenheiro. Todas as técnicas conhecidas são empregadas e outras novas se impõem, por vezes. Frequentemente, é na própria experiência local que se deve procurar a fonte da solução a adotar. O solo dos deltas é, mais ou menos, móvel; tem pouca consistência. Como há necessidade de construir, aí, pistas de aterrissagem, aéreas de estocagem, reservatórios de com-

(7) Os canteiros de trabalho asiáticos são caracterizados por numerosa mão de obra, 30 % da qual é representada por mulheres "coolies" (ajudantes de pedreiros, cavaqueiras, etc.). Essa mão de obra substitui os equipamentos pesados, que exigem especialistas difíceis de achar.

(8) Os empreiteiros vietnamitas vêm demonstrando uma preferência marcante pelas contas-correntes abertas do Tesouro francês.

bustível e instalações de toda espécie, é necessário consolidar o solo, drenar e evacuar as águas, levando-as para as zonas atingidas pelas marés. As fundações de uma edificação comum exigem, muitas vezes, trabalhos vultosos e o menor erro de avaliação pode, facilmente, quintuplicar o preço da obra.

O que foi dito, no artigo aparecido no número da "Revue de Génie Militaire" de janeiro-fevereiro de 1948, já citado, sobre a qualidade dos quadros do Serviço de Engenharia da Indo-China, continua sendo inteiramente verdadeiro.

O sistema de classificar os oficiais na Indo-China, logo após haverem deixado a escola de formação, não deixa de ter seus inconvenientes. Se, de um lado, é aconselhável que o oficial vá, desde logo, para a tropa, aí recebendo a confirmação do galão recentemente conquistado, devemos convir, por outro lado, que a experiência é uma condição de plena eficiência, em missões como as que estão afetas ao Serviço de Engenharia da Indo-China.

Os oficiais que não receberam uma adequada formação prévia (9), nem adquiriram um certo grau de experiência, encontram dificuldades no cumprimento das missões recebidas, mas se esforçam, por um trabalho individual louvável, por se aperfeiçoarem, adquirindo as noções técnicas que lhes faltam. Em geral, conseguem êxito nessa tarefa, mas em região de clima tão rigoroso, e tendo em vista as doenças que aí reagem, inevitavelmente, devemos admitir que tais esforços podem ser improdutivos. Os desmaios são muito freqüentes, o que prejudica o andamento dos serviços, sem, aliás, aliviar as vítimas, pois a carência dos efetivos não permite ter substitutos à mão, mesmo para os postos mais importantes.

Além disso, não se pode encontrar, nas fileiras do Corpo Expedicionário, cuja tropa é recrutada pelo sistema do voluntariado, os

graduados técnicos necessários à confecção dos projetos. A utilização do pessoal civil contratado não tem dado grandes resultados, pois os indo-chinenses não têm habilidades para serem mais que auxiliares. Desse modo, o trabalho dos oficiais fica extremamente sobre-carregado.

A Diretoria de Engenharia da Indo-China foi, por esse motivo, obrigada a especializar alguns oficiais em uma secção de estudos, de modo a facilitar o trabalho dos órgãos executantes. Essa seção de estudos conseguiu limitar a alguns tipos padronizados, as construções mais comuns. Essa padronização tem sido conseguida, principalmente, no domínio das instalações, mediante a utilização dos vigamentos de ferro, que podem ser fabricados, preliminarmente, nos parques, o que permite trabalhos de construção rápidos. Tal padronização tem, também, a vantagem de simplificar os projetos, permitir o cálculo mais aproximado dos prazos, unificar os termos dos contratos de empreitada e aliviar a tarefa dos Chefes de canteiros de trabalho.

Um "Conselho de planejamento", organizado em Tonkin, para tratar dos assuntos referentes à fortificação, conseguiu uma padronização tão pormenorizada, que os ferros de concreto puderam chegar às obras já dobrados, prontos para serem colocados, amarrados e devidamente numerados.

A secção de estudos tomou ao seu cargo, igualmente, os projetos das grandes obras exigidas pelo desenvolvimento logístico da Indo-China. Isso não implica em se menosprezar o trabalho desenvolvido pelos órgãos executantes, que são encarregados de todos os trabalhos preliminares, no terreno, em condições que, em alguns casos, não teriam deixado de aterrorizar os menos combativos.

* *

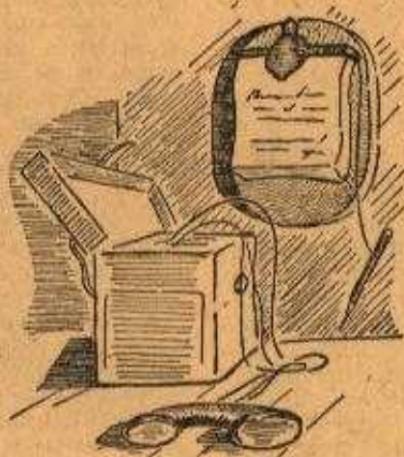
Estas poucas linhas mostram o clima moral, económico e técnico

(9) Muitos só vão para a Escola Técnica Superior após o regresso à França.

vivido pela Engenharia, na Indo-China. Evidenciam o esforço solicitado dos quadros e as qualidades de flexibilidade, iniciativa e capacidade de improvisação, que se exigem deles.

Os problemas surgidos não podem esperar soluções demoradas; o comando é, sempre, impaciente e não aceita ponderações. Isso faz com que nasçam, do contacto com a realidade, sapadores eficientes, que são, ao mesmo tempo, soldados e

Engenheiros, administradores e economistas. Entretanto, é bem verdade que tal resultado não pode ser atingido se não se eliminar o conformismo. Alguns embaraços têm surgido, por vezes, da parte dos dirigentes religiosos locais, mas todas as observações feitas, nesse sentido, mostram que a Engenharia tem sabido se impor, em todas as ocasiões, sendo isso uma das razões do êxito que vem obtendo.



ENSINAMENTOS DA CAMPANHA DA CORÉIA

V

Ten.-Col. MICHELET

Traduzido, data vinta, da "Revue Militaire d'Information", de abril de 1953, pelo Tenente-Coronel FLORIANO MÖLLER.

IV — OS MEIOS ANTICARRO



Pos termos examinado os resultados obtidos com os carros, consideraremos os alcançados com os meios anticarro.

Tal como os caças de outrora, a aviação fez maravilhas. E, de fato, os caça-bombardeiros, com seus rojões de 4,5 polegadas, suas bombas de napalm, estão magnificamente equipados e são tecnicamente capazes de destruir, sem dificuldade, qualquer tipo de carro de combate.

Há, entretanto, um fato real: a intervenção quase imediata da aviação aliada não impediu os T 34-85 de se aproximarem rapidamente do reduto de Pusan e, somente a entrada em linha dos carros aliados de certa potência foi que os impediu seriamente de entrar em Pusan.

Isto é explicado com facilidade. A aviação não pode operar à noite; muito menos com teto baixo e visibilidade insuficiente. Os caça-bombardeiros são em número limitado e não podem manter-se indefinidamente no ar. É preciso lhes reservar longos períodos para manutenção, suprimento de combustível e de munição e bem assim para o repouso dos pilotos. Os aviões não podem satisfazer a todas as tarefas e nem podem estar em toda parte. E preciso fi-

xar-se uma ordem de prioridade entre missões igualmente urgentes. Além disso, deve-se ter em conta os retardos em suas intervenções, por vezes consideráveis.

O avião não está à disposição exclusiva daquele que vai ser atacado; desse modo, não pode estar presente no instante preciso em que irromper um ataque blindado inimigo, em geral, repentinamente. Se bem que o avião seja incontestavelmente o inimigo n. 1 dos carros, só se o deve encarar como um meio suplementar. Não se deve contar com ele para a defesa anticarro, e muito menos para a defesa aproximada.

A mina, inimigo n. 2 dos blindados, não tem efeito senão onde o terreno canaliza e obrigue os carros a passarem sobre ela.

A Coréia preenche magnificamente esta condição. Mas, há terrenos em que as minas, mesmo em grandes quantidades, não constituem senão uma barreira ilusória e de alto custo, e onde os carros facilmente encontrariam uma variante de modo a contornar os campos de minas, por mais extensos que fossem. Em que peso esses fatores, — as minas, e sobretudo ao fornecimento de mina, devem os carros aliados, na Coréia, a maior parte de suas perdas.

Os canhões sem recuo, de 57 e 75 mm fizeram um grande fiasco em seu papel de arma anticarro. Tudo lhes falta: poder perfurante, alcance e precisão. A in-

fantaria americana desde cedo renunciou à idéia de considerá-los armamento anticarro. O termo oficial presentemente é o de "armamento de apoio, de tiro tenso".

Desde fins de 1950, não foi possível conseguir qualquer munição de carga dirigida para os canhões sem recuo, apesar dos esforços dispendidos na Coréia. Todavia, é possível introduzir-se melhoramentos consideráveis nesse armamento. Pode-se mesmo fazê-los atirar com projéts estabilizados por meio de estabilizadores idênticos aos das bombas de avião, em vez de o serem pela rotação, o que triplicará, no mínimo, o seu poder perfurante. É indispensável dar a este armamento uma precisão excelente a alcances superiores a 500 metros, porque até esta distância será rapidamente superado pelo lança-rojão, mais leve e no qual os progressos têm sido surpreendentes.

Do lado aliado, os lança-rojões de 2,36 e 3,5 polegadas só deram motivo a desilusões e críticas. Muitas "Medalhas de Honra" foram concedidas póstumamente a combatentes que lograram destruir um "T 34" a rojão. Mas, no conjunto, este armamento esteve longe de corresponder às esperanças nêle depositadas.

Do lado chinês, o emprêgo destes mesmos lança-rojões foi mais frutífero, e um certo número de carros aliados foram destruídos sem qualquer apelação. Mas é preciso assinalar que, em cada uma dessas ocasiões, uma falha fundamental fôra cometida no emprêgo dos blindados: haviam sido lançados sem apoio de infantaria, num terreno coberto ou encaixotado, eminentemente favorável à emboscada. Na maioria das vezes, os carros foram alvejados à queimaria, ou seja, em condições tais em que uma granada de carga dirigida bem lançada ou uma carga de explosivos bem colocada, teriam produzido exatamente os mesmos efeitos. Num outro terreno que não o da Coréia, o problema se apresentaria sob um ângulo bem diferente. Entretanto, se o número de carros aliados atin-

gidos é relativamente elevado, o número de equipes de lança-rojão liquidadas pelos carros foi bem maior. "Nunca um lança-rojão pôde destruir mais de um carro. Nenhum mesmo conseguiu lançar mais de uma granada". E nisto está, sem dúvida, o fundamental da questão: tem-se demasiada tendência em se apresentar o carro como um enorme vagão blindado que anda completamente às cegas, muito bom para servir de alvo para granadas, e inteiramente desprovido de quaisquer possibilidades de reação.

O PROBLEMA DO LANÇA-ROJÃO

Retomemos pela base o problema carro-bazooka. Suponhamos que o progresso da técnica moderna permite fornecer à infantaria um lança-rojão de 90 mm, transportável e capaz de ser utilizado por um único homem. Suponhamos que este lança-rojão seja capaz de acertar no alvo, a 500 metros, uma munição de carga dirigida, perfurando uma armadura de aço, de espessura ilimitada, sob quaisquer ângulos de incidência.

Sabemos que o lança-rojão é uma arma fácil de ser produzida em massa e, relativamente, de pouco custo. Mas, resta examinar de que maneira se pode transportar este armamento e os homens para servi-la. O batalhão de infantaria americano, com efetivo de 917 homens tem, atualmente em sua dotação, 27 lança-rojões de 3,5 polegadas. Para aumentar sua dotação, é necessário distribuir esse armamento a uns tantos voltadeiros ou suprimir algumas armas coletivas. O problema deve ser estudado em suas minúcias. Poder-se-ia evidentemente criar batalhões anticarro de tipo especial. Mas, no que concerne ao batalhão de infantaria normal, parece difícil aumentar sua dotação acima de 75 lança-rojões, sem comprometer gravemente suas possibilidades de combate contra a infantaria inimiga.

Se um tal batalhão for atacado por blindados, considerando-se a

grande vulnerabilidade dos lança-rojões, o mesmo perderá, sem dúvida, um terço de seus tubos, atingidos pelos estilhaços dos projéctis e bombas de fragmentação, no curso da preparação efetuada pela artilharia e a aviação. Restarão, desse modo, 50 lança-rojões. Ora, se se der crédito a Guderian — "uma unidade de infantaria dotada de 50 armas anticarros é capaz de enfrentar 50 carros; mas nunca poderia resistir a 200", recai-se em um dos aspectos do problema — a quantidade numérica. Mas, é preciso também fazer entrar em linha de conta duas considerações essenciais: o alcance e a precisão de tiro, além do terreno que permite aproveitar mais ou menos bem esse alcance e essa previsão.

ALCANCE E PRECISÃO DE TIRO

O verdadeiro perigo no emprego dos lança-rojões, originariamente, era o fato de os mesmos atirarem à queima-roupa, localizados em grupos de casas ou bosques, isto é, em condições em que a camuflagem era mais fácil e em que o carro era mais afetado em suas possibilidades, atacado, em geral, na direção oposta àquela a que fazia frente e não tendo o tempo necessário para manobrar com sua torre. E bem evidente que engajar blindados em tais condições, sem o apoio de infantaria, para a proteção aproximada, constitui um erro imperdoável.

Mas, a partir de uma distância de 200 metros, o carro adquire superioridade sobre o lança-rojão, porque atira muito mais longe, com mais precisão e em cadência mais rápida. Se o "super-bazooka" do futuro for capaz de perfurar um carro de primeiro golpe, a 500 metros, o carro não experimentará dificuldade em alojar, a 1.000 metros, seu primeiro obus explosivo no abrigo individual do atirador de lança-rojão. O problema consistirá, então, para o carro, em localizar os abrigos onde se ocultam os atiradores.

O abrigo individual chinês, em forma de tronco de cone, alargado na base, coberto por um entrançado de palha que o torna invisível do alto, constitui a melhor proteção para o combatente a pé. Mas, esta proteção não vale nada contra o tiro preciso dos carros, a partir do momento em que a posição seja localizada: tal assertiva não é menos válida para a artilharia e os morteiros. Encontrou-se, após o combate de Chipyong-Ni, uma colina em que a contra-encosta havia servido de posição de espera a um regimento chinês de reserva. A área comportava mais de 3.000 abrigos individuais. Muitas centenas de abrigos estavam sumariamente cobertos de terra; haviam se convertido no túmulo de seus ocupantes, vítimas dos tiros de percussão. O "napalm" e as balas de metralhadoras dos vaiões haviam igualmente completado esse trabalho.

Todos sabem que o lança-rojão que atira é identificado com facilidade. É mesmo possível acompanhar com os olhos o rojão ao longo de sua trajetória. Qualquer bazooka que abrir fogo será imediatamente pôsto fora de combate pelos carros instalados em bases de fogos a 1.000 metros de distância. O progresso feito pelo equipamento ótico dos carros, com suas lunetas de grande alcance e seus telémetros, não deixam margem de dúvida sobre este ponto. Será mesmo possível aos carros, uma vez a posição inimiga revelada em seu conjunto, identificar alguns lança-rojões no momento em que o atirador ponha a cabeça fora de seu abrigo para observar, carregar sua arma ou apontá-la para seu objetivo.

No combate de infantaria, o voluntador avança com precaução, identifica a metralhadora inimiga e a assinala ao morteiro que a destrói. Da mesma maneira, a tática blindada consistirá em avançar uma parte dos carros até o limite de alcance eficaz dos lança-rojões para os forçar a se descobrirem; o restante dos carros, em posição à boa distância, destruirá

os lança-rojões à proporção que se revelarem.

Voltamos, pois, exatamente ao mesmo ponto em que os "Pz Kw IV" e os "88" de Rommell superaram em alcance os canhões anticarro ingleses de granadas de 6 libras. O êxito do combate depende evidentemente do terreno. Em terreno difícil para os carros, florestas, selva tropical, arrozais, montanhas, aglomerações de casas, a superioridade pertencerá aos lança-rojões. Entretanto, em terreno médio, fracamente ondulado, mas bastante coberto, a superioridade será dos carros, porque estarão em melhores condições de se valerem do alcance e da precisão de seu armamento.

Nesse tipo de terreno, o blindado continua sendo a única defesa anticarro com a qual a infantaria poderá contar sem solução de continuidade. Uma verdadeira defesa anticarro, em verdade, não é a que se contenta em impedir os blindados inimigos de esmagarem a infantaria em seus abrigos, mas sim aquela que os impede de atirar sobre a infantaria a longo alcance.

O lança-rojão não deve constituir apenas uma arma de auto-defesa da infantaria. Todavia, não se pode basear, sobre ele, uma verdadeira manobra anticarro. Mal comparando, o dono de casa que acredita ser atacado em sua propriedade pode se contentar com um modesto "22", mas o policial que se lança na perseguição de um perigoso facinora tem necessidade de uma arma de maior porte.

V — A ARTILHARIA

Se nenhum tipo de armamento de infantaria, atualmente em uso, mostrou-se capaz de substituir o carro de combate ou de o eliminar do campo de batalha, por sua vez, não existe ainda nenhuma outra arma que possa substituir ou combater eficazmente a artilharia.

a) A Artilharia em conta-gôtas.

A história da artilharia, no decorso da Campanha da Coréia, não

é senão a da potência de fogo. Já frizamos, antes, o caráter excepcional das operações no decorso dos seis primeiros meses da campanha. Tentamos mostrar que o significado desse período havia sido completamente deformado pelas bruscas reviravoltas da situação, pelas modificações na proporção das forças em presença, a fraquíssima densidade das tropas da ONU, tanto em largura quanto em profundidade, a ausência de front contínuo e bem assim de posições organizadas. Salientamos, também, a fragilidade das conclusões que se tinha acreditado poder tirar desses seis meses.

A característica verdadeiramente dominante desse período é que nunca as forças das Nações Unidas chegaram a aplicar plenamente a potência de fogo que constituía o único elemento de superioridade possível. Para dizer a verdade, a potência de fogo aliada permaneceu praticamente inexistente durante todo esse período e não é preciso procurar alhures a explicação dos revezes, ou pelo menos, das dificuldades dessa época.

A artilharia das Nações Unidas estava, então, estritamente limitada à artilharia divisionária ou seja a quatro grupos por divisão americana e um só grupo para a divisão sul-coreana.

Por outro lado, a munição estava sempre severamente rationada. A 10 de setembro de 1950, sobre o Nakton, foi imposto à artilharia da 2ª DI, até nova ordem, um limite de 25 granadas por peça e por dia. Como esperar fazer-se a guerra nestas condições? Essa situação era devida a muitas causas, entre as quais a circunstância de que a produção não retornara ainda o seu ritmo de plena capacidade, além do alongamento frequente das linhas de transporte aliadas e bem assim a frequência com que os estoques de munição caiam em mãos do inimigo.

b) A Artilharia atira e vence.

Desde o dia em que o novo Comandante-Chefe das forças da ONU repôs a potência de fogo no lugar

que lhe competia, a situação mudou de figura. É assim que, a 6 de fevereiro de 1951, em Wonju, a artilharia da 2ª DI, reforçada, abrindo fogo sobre duas DI chinesas identificadas pelos aviões de ligação, executa a primeira concentração verdadeiramente remunerativa até então e infinge 5.000 perdas ao inimigo, constrangendo o restante à retirada. Primeira vitória da potência de fogo, primeira vitória da artilharia.

Desde então, o valor da potência de fogo não deixa mais dúvida no espírito de ninguém. A artilharia desempenha um papel cada vez mais preponderante em todos os sucessos aliados. Através das estatísticas e também por intermédio dos interrogatórios de prisioneiros, a artilharia se adjudica uma percentagem elevada (70 a 80 %) de todas as perdas infligidas ao inimigo.

Os combatentes constatam que as barragens de artilharia e de morteiros detêm os ataques inimigos muito mais seguramente que as armas automáticas, porque o relevo escarpado do terreno tira a estas últimas todo o efeito de rasante. Por outro lado, a infantaria, na defensiva, está em geral desdobrada em frentes de extensão considerável. A "rainha das armas" não pode desempenhar avenas o papel modesto de escalação de vigilância e de desencadeamento de fogos. Os oficiais de ligação e de observação da artilharia, destacados junto aos batalhões e às companhias, tornam-se personagens populares. Toda patrulha de um certo efetivo leva consigo obrigatoriamente um observador de artilharia. Desde que se encontre a menor resistência, os fogos de apoio são desencadeados.

Algumas unidades de artilharia de reforço, a maior parte oriundas da Guarda Nacional, chegaram à Coréia no decurso dos primeiros meses de 1951 e vieram constituir a artilharia de C Ex, que até aqui vinha primando pela ausência.

Os grupos de 105 são normalmente colocados em "reforço do apoio direto" e o mais das vezes

tomam posição no limite entre uma divisão americana e uma divisão "Rok", de maneira que esta última, particularmente desprovida de artilharia, possa se beneficiar de um apoio suplementar. Os grupos mais pesados são empregados na "ação de conjunto", em contra-bateria e nos fogos de neutralização a grande alcance.

c) O consumo de munição.

Pari-passu, o remuniciamento não cessava de melhorar, tanto em tonelagem, quanto na pontualidade de sua distribuição. Semana após semana, dias após dia, as cadências de tiro, os consumos diários e as curvas representativas das perdas inimigas sobem em flecha, como se se tratasse de bater um record, para atingir um ponto culminante por ocasião da segunda ofensiva de primavera. A 17 de maio, a artilharia da 2ª DI atirou 30.000 granadas em 24 horas, e 44.000 granadas a 19 de maio, no mesmo espaço de tempo.

Só na frente do 23º RI foram lançadas 13.300, 18.240 e 16.560 granadas a 19, 20 e 21 de maio, respectivamente.

Ainda no dia 19 de maio, na frente atribuída a uma das companhias do 38º RI, foram lançadas 2.000 granadas em 8 minutos. A artilharia da 2ª DI dispunha, nessa ocasião, além de seus três grupos de 105 e do 155 orgânicos, um grupo de 105 auto-propulsado, um grupo de 155 curto, uma bateria de 155 longo e uma bateria de obuses de 8 polegadas.

O "Massacre de Maio" resultou de um esforço conjugado de todas as armas: infantaria, blindados, morteiros, apoio aéreo diurno e bombardeio noturno pelo radar. Mas, de acordo com a unânime opinião de todos os combatentes, confirmada pela estatística, a parte preponderante das perdas inflingidas ao inimigo coube à artilharia. Eis porque o General Ruffner, Cmt. da 2ª DI, a 20 de maio, endereçou a todos os artilheiros a seguinte mensagem: "Well done".

d) A artilharia em frente estabilizada.

A segunda fase (após Kaesong) veio acentuar a preponderância da destruição sobre a neutralização; da precisão sobre a densidade de fogo e da artilharia pesada sobre a artilharia média. A tarefa essencial é agora a destruição das obras de fortificações inimigas. Na maior parte das vezes, este resultado não pode ser obtido senão por um processo ressuscitado de 1916, ou seja, a regulação percutente de precisão, executada com um único obus de 8" atirando granadas explosivas com espoleta de retardo. É preciso, em geral, muito tempo e paciência, observadores qualificados e bastante munição, mas chega-se afinal a resultados bem apreciáveis.

Uma outra tarefa que mostrou ser necessária nessa época, — foi a contrabateria, pois a densidade de morteiros e de artilharia do lado inimigo aumentava em proporções consideráveis. Apenas a artilharia os fazia emudecer por pouco tempo, ou seja, até a substituição da guarnição que tenha sido morta.

e) Poucos tubos, mas muito fogo.

Todos estes resultados foram obtidos, contrariamente ao que se pensa, com uma artilharia muito pouco numerosa. Existia, com efeito, na Coréia, em setembro de 1951, além das AD, seis grupos de 105, cinco de 155 curto, três de 155 longo e três GO de 8".

Ora, tratava-se de apoiar um conjunto equivalente a 19 divisões, em que 10 divisões sul-coreanas apenas possuiam um grupo de artilharia orgânico, em vez de quatro. Se se compararam esses efetivos aos previstos antes da guerra da Coréia, constata-se que os americanos, baseando-se na sua experiência de 1942-45 estimavam ser necessário, a priori, para um teatro de operações dessa importância, uma artilharia ao menos três vezes mais forte. Isto, entre parêntesis, é igualmente verdadeiro no que tange à Engenharia e a

todos os serviços, salvo o de Saúde. A Coréia é, segundo os padrões americanos de 1945, um teatro incrivelmente pobre em meios e em recursos de toda ordem. O Comandante americano, estava bem longe de se mostrar satisfeito com esta pobreza em artilharia; ao contrário, não cessava de a deplorar.

Os americanos lograram suprir o pequeno número de bocas de fogo, graças ao vultoso consumo de munição.

Com isto, os grupos de artilharia, trocando freqüentemente seus tubos, bateram records em número de granadas atiradas por grupo, desde o inicio da campanha, atingindo 150.000 em março e 200.000 em setembro de 1951, números que afixavam feericamente em suas viaturas e na entrada de seus estacionamentos.

f) A vulnerabilidade da artilharia.

No que se refere à vulnerabilidade da artilharia, não se notou, entre os artilheiros, nenhuma inquietude suficiente para lhes fazer desejar trocar de lugar com os infantes. A artilharia não é nem mais, nem menos vulnerável aos ataques aproximados do inimigo, do que os PC, os trens de combate, a engenharia, os depósitos, os serviços, etc. O importante é não deixar o inimigo penetrar no nosso dispositivo e, isso se conseguirá bem mais facilmente, em se valendo da artilharia do que a suprimindo sob pretexto de que o inimigo a poderia atacar.

Quanto à vulnerabilidade da artilharia aos golpes da artilharia dos adversários, ela foi objeto de um ceticismo, pelo menos da mesma extensão. Certamente a artilharia é vulnerável quando se desloca; entretanto, não o é nem mais nem menos que outra qualquer coluna motorizada, PC ou os trens de infantaria, etc...

A artilharia sino-coreana e a da ONU são magnificamente instaladas em posição, enterradas e camufladas. A nossa é, além disso, protegida por uma excelente AAAé.

Nesse domínio, verificou-se a fraqueza da aviação tática, cada vez que se tratava de identificar e destruir peças no terreno, mesmo designadas por suas coordenadas, ou assinaladas por projéts de fumaças coloridas. Nunca a aviação aliada conseguiu eliminar completamente a artilharia adversária, nem mesmo na época do reduto de Pusan.

O material de artilharia propriamente dito não é muito vulnerável aos estilhaços. É preciso um tiro direto para colocar fora de ação uma peça de artilharia. Em compensação, os lança-rojões são extremamente vulneráveis aos estilhaços.

Mesmo que a artilharia estivesse rigorosamente condenada a desaparecer sob as bombas da aviação tática, isto não suprimiria nunca a imensa necessidade que se tem de seus serviços, necessidade essa que até o presente, nenhuma outra arma ou órgão é capaz de satisfazer tão plenamente e tão magistralmente quanto ela o tem feito —

nem os lança-rojões nem os morteiros e nem mesmo a própria aviação.

No próximo número:

VI — Os morteiros e outras armas.

- Os morteiros.
- A questão do alcance.
- As outras armas.

VII — A mobilidade.

a) Mobilidade e potência de fogo.

b) A mobilidade por parte do inimigo.

VIII — Artilharia e apoio aéreo.

a) Apoio aéreo em guerra de movimento.

b) Apoio aéreo em frente estabilizada.

c) Ação aérea sobre as retaguardas.

d) A artilharia vista pelo inimigo.

IX — Conclusão geral.



SERÁ POR MERA CASUALIDADE?

Major LUIZ FELIPPE DE AZAMBUJA



UAS situações diferentes. Dois cenários diferentes. Atores também diferentes. E uma só conclusão. Será por efeito de mera casualidade?

Somos nós que pensam que o fortuito deixa de sé-lo, quando sua incidência passa a ser frequente. Não cremos que os fatos que vamos relatar sejam simplesmente resultantes de acontecimentos incertos. Menos ainda de que sejam os únicos verificados em nosso meio militar. Numerosos outros exemplos há de haver, por certo, vividos no Brasil e no estrangeiro, particularmente no Continente Sul-Americano. Nesta convicção se fundamenta, em nosso modo de ver, a existência de uma tese. Uma tese que tem sofrido violentas acutiladas e que tem sido posta à margem, mas que é teimosa. Reage, resurge, sempre vivificada pelas duras lições da realidade prática. Vejamos...

* * *

Estavamos em manobra no interior do País. Manobra de quadros, mas com tais requintes de organização e tão intensamente vivida que pouco faltava aos participantes para verem os dois bandos em luta nas renhidas rffregas do combate.

O inimigo chegara a ameaçar seriamente uma região de vital importância para o comando de nossas forças. Mas fôra detido e, a seguir, obrigado a recuar, perdendo a iniciativa das operações.

Um Destacamento de Exército, constituído de duas Divisões de In-

fantaria semimotorizadas — uma das quais daria base aos estudos que iríamos proceder — e, mais, uma Brigada de Cavalaria, tudo com a organização que nos é conhecida, teve por missão "repelir" o inimigo para W de um importante curso d'água existente a pouco mais de 30 km da linha em que o inimigo fôra detido, bem como "preparar seu próprio desembocar" na margem W desse mesmo corte.

Vale aqui um parêntesis. Não temos o mais leve propósito de criticar a solução adotada, perfeitamente lógica para os objetivos didáticos que se tinha em mira. Quem já organizou temas sabe, de sobejo, que a solução que interessa no momento é a que permite focalizar, sem distorções nos princípios regulamentares básicos, os ensinamentos que se quer transmitir. Despidos de tal preocupação, faremos algumas considerações sobre "outra solução", no decorrer deste artigo, a fim de facilitar a compreensão da idéia que lhe serve de origem. Sem fazê-las, seria muito mais difícil expressar o que desejamos tique bem claro.

O inimigo parara. O Comando de nossas forças, como é comum nos casos reais, não se achava em condições de avaliar, com absoluta segurança, as causas verdadeiras que o obrigaram a semelhante mudança de atitude. Tratava-se, pois, de montar uma operação sob o signo da rapidez, para anular qualquer possibilidade de recidiva da ameaça que chegara a ser feita. Mas, para que isso viesse a ser feito de todo conveniente aproveitar a existência daquela curso d'água a

trinta e poucos quilômetros, fechando todas as suas passagens e buscando a destruição do inimigo que se encontrava a L dele.

Esta manobra não foi visualizada, porque certamente não emprestaria as vivas-côres que os motivos de ordem didática impunham ao trabalho a realizar pelos participantes do exercício. Ademais, o terreno, com seu poder soberano, não facilitava este gênero de operação por tropas, como as que deveríamos estudar, que não eram dotadas da necessária, da indispensável fluidez. Se a situação fosse outra, que comportasse o emprêgo judicioso daquela Brigada de Cavalaria, não temos dúvida de que teria sido uma excelente oportunidade para demonstrar quanto vale, em terrenos difíceis, uma tropa hipomóvel nas mãos de um Comando audacioso.

A existência de duas únicas estradas boas, com capacidade de tráfego satisfatória e obras de arte suscetíveis de suportar o peso máximo do material dado em reforço, quase paralelas, mas muito próximas entre si; a presença de uma zona bastante movimentada, por onde essas duas estradas serpenteavam, assinalando sua passagem com numerosos cortes e aterros; e, finalmente, a limitação produzida por grande número de riachos que, para serem ultrapassados, exigiam prévia preparação das respectivas margens, foram os motivos que, embora se chocando uns contra os outros, levaram a conduzir o impeto ofensivo na justa direção em que o inimigo aplicaria seu esforço defensivo, estático ou dinâmico.

E foi o que observamos realmente. Verificada a ruptura do contacto, lançou-se o Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, que não conseguiu aprofundar-se em sua zona de ação consideravelmente estreita devido à precariedade de estradas. Uns elementos foram detidos pelo inimigo; outros não puderam progredir por causa do terreno. Nossa força passou, então, a tropeçar em defesas descontínuas, para ganhar tempo, até que, numa das regiões que teriam sido desta-

cadas pelos Exames de Situação de ambos os partidos, houve necessidade de montar um ataque centralizado do escalão em estudo.

Dai por diante, a defesa desmoronou-se. Intencionalmente? Talvez. O fato é que o Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado, ao ser novamente lançado, não teve dificuldades para progredir, a não ser aquelas oriundas do próprio terreno. E, quando seus primeiros elementos chegaram às barrancas do rio já referido, foram vivamente hostilizados por nutridos fogos, partidos... da outra margem. Entre nós e o inimigo ali estava aquêle obstáculo respeitável que, para ser vencido, exigia uma operação de transposição. E esta, por sua natureza, só o escalão superior poderia comandar.

O Destacamento cumprira a missão que lhe fôra atribuída, mas o inimigo, de sua parte, fizera o que fora por ele planejado. E até parece que do outro lado do rio, estava a proclamar: "Venham se forem capazes, mas venham já! Quando vocês chegarem aqui, já estaremos longe!..."

Não ouvimos isto, é claro. Mas, à beira daquelas águas que rolam celeremente em busca de novas paragens, escutamos as palavras de encerramento do exercício que, havia vários dias, vinhamos estudando. Farta messe de ensinamentos, como não poderia deixar de acontecer num trabalho tão metódico e meticulosamente conduzido. E, quando o oficial que fazia a crítica — instrutor experiente, renomado por sua cultura profissional — abordou a situação em que ficaram nossas tropas, debruçadas sobre aquêle obstáculo e sem poder transpõe-lo imediatamente, foi que colhemos o maior ensinamento que aquela manobra nos propiciou. Não passou despercebido por nossa alma de cavalarianos, que se não conformam com a situação a que uma forte corrente quer relegar a tradicional e ainda insubstituível Arma de Osório. E assim não passou, porque só quem sabe sentir os seus problemas e dar-lhe o devido valor é capaz de compreender a

profunda significação destas palavras que foram, então, proferidas: "QUANTA FALTA, SENHORES, QUANTA FALTA NOS ESTÁ FAZENDO AGORA... O VELHO RCD!"

* *

Façamos a roda do tempo avançar três anos, mais ou menos. Estamos, agora, em outro palco completamente diverso daquela em que os acontecimentos já comentados se desenrolaram. Sim, outro palco e mais: outra peça e outros personagens. Mas a conclusão a que chegámos foi exatamente a mesma, fruto de uma tenaz teimosia, talvez. Talvez? Bem, aceitemos esse "talvez" e passemos a narrar o fato. Caberá ao leitor o trabalho de chegar às deduções.

Um Corpo de Exército, beneficiado pelo tempo que lhe fora garantido por uma GU de Cavalaria, que cumprira integralmente uma das mais belas missões clássicas da Arma, vai atacar. Ação convergente de duas Divisões de Infantaria para conquistar uma região de valor tático exponencial. Tudo levava a crer que, após a posse dessa região, as portas estariam praticamente abertas para o escorregamento de novos meios, que iriam solucionar o problema proposto à base da mobilidade tática.

Uma das duas Divisões de Infantaria teria de realizar, preliminarmente, uma transposição de curso d'água; a outra atacaria em linha seca, partindo de uma cabeça de ponte. O escalão de ataque das duas D I teria de progredir em terreno plano e limpo. Frentes consideravelmente extensas.

A dificuldade no ataque desta última GU decorria destes dois fatores, principalmente: frente e direção. Para obter a desejada convergência, a direção de ataque que lhe foi imposta se apresentava pronunciadamente oblíqua em relação à sua enorme frente, dado que esta era limitada ao N pela zona de possíveis atividades do inimigo. Sério problema de flanco, portanto. Prin-

cipalmente porque pairava sobre ela uma forte ameaça que, uma vez concretizada, poderia comprometer o sucesso da operação planejada pelo Corpo de Exército. Justamente por isso, o escalão superior acorreu às necessidades desta Divisão, dando-lhe um Regimento de Cavalaria como reforço virtual, por isso que ficou em certa zona avançada, em condições de atuar, a qualquer momento, em proveito dessa Divisão de Infantaria. Era a solução, imposta pelo terreno, que mais se adaptava às exigências da segunda parte da manobra do Corpo de Exército. Por isso mesmo se revestia da forma de reforço virtual. A partir de um dado instante, determinado pela sucessão dos acontecimentos, ele deixaria de subsistir e, como consequência, as ultimiores necessidades táticas presentes à D I teriam de ser atendidas por seus próprios meios.

Realizada com êxito a transposição pela GU do N, o ataque partiu como fora previsto. O inimigo opôs tenaz resistência, o que, aliado às dificuldades oriundas do terreno — com suas sanguinolentas traiçoeiras — tornou penosa a progressão, em particular dos carros de combate. Com a tranquilidade que adveio daquela reforço virtual, único aliás que poderia atuar a despeito das condições do terreno no flanco exposto, a D I do S conseguiu aplicar toda a potência de seus meios no cumprimento de sua missão precípua e o objetivo foi, finalmente, conquistado.

Para a parte final da missão desta D I, seu Comandante ficou privado da cooperação eventual da referida Unidade de Cavalaria. Teve, então, de empenhar seu Esquadron de Reconhecimento Mecanizado, apesar do pequeno rendimento que dêle poderia esperar, por causa do tipo das estradas que conduziam aos pontos dos quais era indispensável obter informações.

Passemos para o recinto de um cinema, no qual se realizou a crítica da manobra. Crítica serena, muito bem concatenada e farta de preciosos ensinamentos. Antes que a autoridade principal presente fi-

zesse a apreciação geral do trabalho executado, os Comandantes de G U foram ouvidos um a um, pela sucessão cronológica dos acontecimentos estudados. Quando chegou a vez do Comandante daquela D I que atacara em linha seca — Chefe ilustre, ex-instrutor de oficiais, perfeitamente atualizado — ouvimos-lo discorrer proficientemente sobre os princípios doutrinários que regeram a conduta de sua Divisão. E, quando ele abordou a questão daquele Regimento de Cavalaria que tanta tranqüillidade lhe proporcionou, mas que fugiu de suas mãos num momento em que tanto déle necessitava, percebemos uma apre-

ciável mudança em sua tonsalidade de voz. Recurso de instrutor experiente que deseja inocular mais profundamente o ensinamento que tem para transmitir. E todo o espaço coberto daquela cinema de cidade engastada no interior longínquo da Pátria foi pequeno para conter o soberbo sentido da seguinte frase, misto de inquietação, de condenação e de tristeza:

"AH, MEUS SENHORES, QUANTAS SAUDADES EU TIVE DO NOSSO VELHO R C G !

* * *
Será, mesmo, por mera casualidade?



ANO DE INSTRUÇÃO DE 1952-53 NA 3^a RM

Maj. NELSON MAURELL SALGADO, do EM
da 3^a RM

Nota da Redação — Chama-se a atenção, particularmente, para os comentários sobre o emprêgo do Esq Rec Mec

1. O Ano de Instrução de 52/53 foi, para a 3^a RM, pleno de acontecimentos dignos de registro, ressaltando os referentes às Manobras de Quadros levadas a efeito em agosto de 52 e março de 53.

As primeiras — planejadas e executadas pelas próprias GG UU — tiveram por finalidade exercitar o funcionamento dos PC de RI (RC, RCMTz), dos Agrts de Art (Gr), dos RCMec (Esq Rec Mec) e dos meios de comunicações correspondentes. Graças à meticulosidade com que foram preparados os exercícios e ao adestramento dos oficiais participantes, foi possível chegar-se ao término dos trabalhos com resultados altamente compensadores.

A segunda — preparada e dirigida pelo EMR, consoante as diretrizes baixadas pelo então Cmt. da 3^a RM, o Exmo. Sr. Gen. Div. Coriolano de Andrade, teve por objetivo fazer trabalhar as Divisões integradas por todos os seus elementos no quadro de uma situação de guerra que permitisse a condução das operações por um Escalão Superior.

As considerações abaixo expressas dizem respeito à Manobra de âmbito Regional, por constituir a mesma o coroamento do ano de instrução da 3^a RM.

2. Reuniu a Manobra de Quadros de 53 um número bem apreciável de oficiais (cerca de 400). Ademais, há que considerar que os deslocamentos das unidades dos seus aquartelamentos aos locais de concentração foram feitos à base de transporte rodoviário, do qual re-

sultou a movimentação de 368 viaturas dos mais variados tipos. A tudo isso pode ser acrescido a apreciável soma de 1.700 praças responsáveis pela vida administrativa das unidades em campanha e pelo estabelecimento do Sistema de comunicações, quer para as necessidades dos acampamentos, quer para aquelas que diziam respeito às operações. Este conjunto, articulado pelas regiões de estacionamento, vivendo em barracas e com rancho próprio, deu às Manobras de Quadros características bem reais, a ponto de ser ter a impressão, quando das visitas às GG UU, de que a Tropa também participava das mesmas.

3. Desde o início se procurou dar aos trabalhos um cunho bastante objetivo, o que foi sempre conseguido graças ao ajustamento de todos ao trabalho de imaginação que se lhes impunha. Ademais, os documentos elaborados foram dados a conhecer, à proporção que o desenvolvimento das situações exigia, exceto o referente à "Situação Geral", distribuída com antecedência para os fins de adaptação necessária. Este procedimento provou ser excelente, pois os Cmts de GU e os seus EM, apenas tendo uma vaga idéia das operações a que poderiam ser chamados a realizar, lançaram-se a um proveitoso trabalho de planejamento, durante o qual esqueletaram e solucionaram todas as ações possíveis. Informações colhidas "a posteriori", dos próprios executantes, tornaram conhecido o ambiente de nervosismo,

muito próximo do real, vivido pelas GU e Unidades que, a cada passo, sentiam a necessidade de maiores indicações para o cumprimento desta ou daquela missão. O que lhes parecia de inicio um mal, ou melhor dito, uma armadilha, foi depois reconhecido como medida salutar aos fins que se tinha em vista alcançar. O critério acima exposto, seguido até o final das manobras, colocou sempre o executante face a situações de grande verossimilhança, solucionadas todas elas, no terreno, e à luz das informações prestadas, na ocasião, pelo escalão superior.

4. A Técnica seguida pelas GU e Unidades para a solução das várias situações criadas foi a preconizada pelo "Trabalho de Comando", publicação da nossa Escola de Estado-Maior. Sobejamente provado ficou, como em muitas outras oportunidades, a excelência do método, de que trata a referida publicação. É um método ordenado, simples e flexível, que aplicado com justeza e inteligência corresponde perfeitamente a quaisquer necessidades operacionais. Como muitas vezes nos chegam notícias de estar o mesmo em vias de sofrer radical transformação, ocorre-nos perguntar se não será perigoso ou prematuro abandonarmos um método que começou a ser compreendido e aplicado em todos os trabalhos d'estes últimos anos.

5. A Manobra, cuja finalidade precipua foi a de exercitar os EM de GU e Unidades, como já aludimos, teve todos os trabalhos orientados no sentido de se alcançar os objetivos visados. De inicio, notou-se certas falhas no trata do método aplicado à solução d'este ou daquele problema. No entanto, à proporção que o exercício evoluía, eram as mesmas corrigidas e o trabalho conduzido com rapidez e precisão.

Cumpre aqui ressaltar, para apreciação, a conduta dos comandos e dos Estados-Maiores quando chamados a tomar uma decisão qualquer.

O "Trabalho de Comando" define, para todas as fases de estudo

de uma situação, os procedimentos que correspondem ao Comando e ao seu Estado-Maior. É evidente que, tratando-se de um método de trabalho, não pode e nem deve ser observado com rigidez absoluta. No entanto, visando-se, com sua aplicação, o aperfeiçoamento do trabalho de equipe, ao qual somos por educação e por índole tão avessos, parece-nos imprescindível a observância da sequência nêle preconizada.

A última Manobra de Quadros evidenciou que nem sempre foi o método fielmente observado. Houve Comandos que decidiram prescindindo da colaboração do seu EM. Apesar das decisões correspondentes plenamente às situações criadas, melhor rendimento ter-se-ia obtido nos trabalhos se os EM tivessem sempre participado dos mesmos. Tal ocorrência não deve ser considerada, como erro, mas como omissão que, com a realização de novos exercícios, poderá ser facilmente corrigida.

A verdade indiscutível é que já muito se conseguiu no entrosamento dos comandos com os seus EM, o que evidencia o aprimoramento de uma técnica, da qual é lícito esperar-se os melhores resultados.

6. Do conjunto dos trabalhos realizados, cumpre destacar os fatos seguintes :

a. Planejamento das operações

Tendo em vista a importância do planejamento das operações militares, a Direção de Manobra, conforme já foi dito, organizou o exercício de forma que as GU não contassem, desde logo, com todos os elementos que lhes permitissem a tomada de decisões. As GU se deu, inicialmente, indicações muito vagas, com o objetivo de lhes possibilitar a realização dos planejamentos que considerassem necessários. Este objetivo foi amplamente atingido, pois as GU estudaram minuciosamente todas as operações possíveis, o que lhes possibilitou a feitura de um planejamento excelente. No de-

curso das várias situações de combate, os EM, tendo por base o planejamento realizado, viram, de muito, simplificadas suas tarefas, em virtude das previsões anteriores corresponderem aos fatos que se lhes apresentavam.

b. Redação de Ordens

Foi possível observar, em todos os escalões, a uniformidade com que foram elaboradas as diversas ordens de operações. Bastante aliviadas em seu texto, pelo uso de círculos e croquis informativos, tornaram-se as mesmas claras, concisas e precisas.

c. Emprégo das Reservas

O emprégo das Reservas, por parte dos chefes, constitui assunto dos mais complexos. Além de exigir conhecimento seguro das operações em curso, requer também minucioso plano de emprégo, o qual deve responder às mais variadas atitudes que possa o inimigo tomar.

As falhas principais ainda observadas são abaixo enumeradas:

- zonas de reunião das reservas — distantes demais das prováveis regiões de emprégo, o que colide com a oportunidade de sua intervenção;
- atribuição de missões que dificilmente poderiam ser cumpridas, como a que foi conferida ao... Esq Rec Mec. Essa Unidade, que se encontrava em reserva, deveria, após a conquista do primeiro objetivo divisionário (OD1), ultrapassar o escalão de ataque da sua Divisão (2 RI), para alcançar o objetivo fixado para o C Ex. A impressão sobre o inimigo, tanto do C Ex como da D1, rezava a possibilidade de o mesmo oferecer resistência na região que constituía o objetivo do C Ex. Assim, lógicamente, não era indicado o emprégo do Esq Rec em u/a missão que melhor seria continuar sendo da atribuição do 1º escalão de força divisionário.

d. Emprégo inadequado dos Esq Rec Mec

Os Esq Rec Mec são unidades organizadas para o cumprimento de missões de reconhecimento. Missões que exijam, por parte dessas Unidades, ações de combate, só lhes devem ser cometidas em casos excepcionalíssimos.

O... Esq Rec Mec recebeu u/a missão que implicava:

- em transpor o Rio X, juntamente com o escalão de ataque de sua D1, para participar de toda a operação, como tropa de cobertura de flanco.

Considerada, por um lado, a impossibilidade de levar o Esq, desde logo, para a margem inimiga e, por outro, o seu quase nulo valor como força de cobertura imediata do escalão de ataque, dois problemas surgiram à Divisão:

- falta de cobertura do flanco de ataque, pelo menos até a conquista do seu primeiro objetivo;
- precariedade da referida cobertura durante a conquista dos demais objetivos.

Depreende-se do estudo dos nossos manuais que, quando o Esq Rec Mec se encontra na cobertura de um flanco da Divisão, essa cobertura é mais feita à base das informações que pode ele prestar, do que pela força que representa. Realmente, alertada a Divisão, pelo Esq, de uma ameaça em um dos seus flancos, pode ela acionar seus elementos reservados para contrapor-se à ação delineada pelo inimigo.

Assim sendo, não nos parece solução aceitável atribuir ao Esq tarefa para a qual não está preparado. Cobrir, intimamente ligado ao escalão de ataque, o flanco da Divisão, é emprégo por demais pensado para um elemento que dispõe mais de meios para ações de reconhecimento do que os indicados para aquelas que exijam força e condições para durar no terreno.

7. Durante os trabalhos de campo, procuramos ouvir a opinião dos

companheiros que haviam participado das Manobras de Quadros de agosto de 52 (âmbito GU e Unidades), sobre o rendimento dos exercícios, agora realizados em escalão superior, para as Unidades participantes.

Em que pese o reconhecimento por parte de todos dos ensinamentos colhidos na manobra regional, manifestaram-se, entretanto, favoráveis a manobras conduzidas pelo escalão Divisão. A favor dessa predileção, apresentaram o seguinte argumento :

— nos exercícios a cargo das GU, as várias situações de combate foram mais amplamente apreciadas, resultando daí maior gama de ensinamentos, porque os EM divisionários, conhecendo, "a priori", o desenvolvimento do exercício e sem serem acionados por um escalão superior, dispunham de maior tempo para orientar o trabalho dos elementos participantes.

Realmente, tudo o que acima está dito foi observado pela DM. Os EMD tendo que solucionar problemas propostos pelo escalão superior (no caso escalão C Ex), deixaram-se envolver, muitas vezes, pelos seus próprios encargos, com repercussão sobre os trabalhos das Unidades.

Do exposto, consegue-se :

— pelas vantagens apresentadas, as manobras de quadros, para as Divisões e Unidades integrantes, devem ser realizadas em todos os anos de instrução ;

— periodicamente, devem ser as GU e Unidades orgânicas agrupadas para que, em manobras de maior envergadura, possam treinar no ambiente que lhes será normal, isto é, como elementos intermediários entre o escalão superior e as suas unidades, a fim de que, com o hábito do trabalho assim contínuo, sejam superadas as deficiências apontadas.

8. Apesar do êxito obtido na Manobra de Quadros da 3ª RM,

aconselha a experiência adquirida que os pontos abaixo especificados sejam, de futuro, em exercícios idênticos, mais amplamente explorados :

a. PC

Não devem ser instalados sómente os PC iniciais. O exercício ganhará em realismo se os PC evoluirem de acordo com as situações, a fim de permitir o trabalho do Comando e dos EM nos locais que realmente seriam ocupados no decorso do combate. É bem de ver que tal exigência demandará maiores prazos para os exercícios, o que, no entanto, deve ser concedido tendo em vista os objetivos que se pretende alcançar em exercícios dessa natureza.

b. Comunicações

Para que se pudesse observar o treinamento do pessoal de comunicações e o estado atual do material, foi o SRCom/3 encarregado de estabelecer uma rede de comunicações à base de postos rádio e centrais telefônicas. Essa rede, além de atender às necessidades administrativas da Manobra, cooperou, em alguns casos, em proveito das operações. Parece-nos, entretanto, que nos próximos exercícios, deve-se exigir mais dos elementos de comunicações, fazendo-os participar ativamente das operações das Unidades a que estiverem afetos.

c. Utilização das Cartas

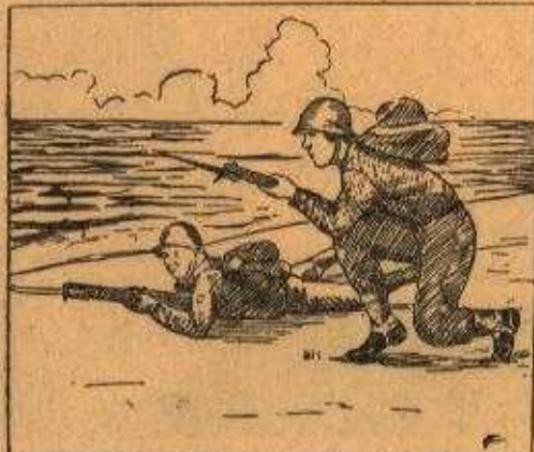
As cartas são imprescindíveis às operações militares, mormente na fase relativa ao planejamento das mesmas e nos reconhecimentos iniciais do terreno. Devem, no entanto, ser abandonadas desde que tenham já servido à sua finalidade precípua, pois não é admissível que num terreno já conhecido estejamos a mencionar direções, objetivos, limites de unidades, ainda pela carta. Este tem sido um mal mais ou menos generalizado entre nós, o qual devemos combater implacavelmente, para que não cheguemos a cometer erros que poderão ter consequências desastrosas.

d. *Boletins de Informações*

A Direção de Manobra deve fornecer, em complemento às ordens e situações criadas, boletins informativos sobre o conjunto das operações em curso, para que os acontecimentos entre uma situação e outra não se apresentem aos participantes, pelo desconhecimento global dos fatos e da seqüência encarada, como pecando por falta de continuidade. Conseguir-se-á dar às Manobras de Quadros, com a

adoção de tal procedimento, um cunho de intensa e vivida realidade.

9. Ao tecermos os comentários acima, um único objetivo tivemos em mira: dar a conhecer aos camaradas de outras RM o que foi o Ano de Instrução de 52/53 na 3^a Região Militar. Esperamos que essa iniciativa seja seguida, para que os oficiais em serviço no RG do Sul possam também se inteirar do realizado em outras partes do nosso vasto território.



O CAIXÃO DE AREIA — UMA ARMA DO INSTRUTOR

O "CAIXÃO DE AREIA" ENTRE OS MEIOS AUXILIARES DE INSTRUÇÃO

Cap. E. FISCHER VIEIRA SANTOS

Nos últimos anos, tem sido incontestável a melhoria que tomou a instrução, quer na tropa, quer nos diversos estabelecimentos de ensino militar, graças, sobretudo, à utilização dos meios auxiliares, fruto da evolução que a EIE pôde imprimir, surpreendentemente, às novas como às antigas gerações de instrutores.

É fora de dúvida, porém, que o emprégo de meios auxiliares muito deixa a desejar, nas escolas como na tropa, por ignorância na forma de seu emprégo, ou por ilógico comodismo ou, ainda, por incoerente e infundada negação de seu rendimento. Uns, por comodismo, julgam que a preparação dos meios materiais é uma sobrecarga para o instrutor, não compensando o esforço nela dispendido. Em consequência, vêm os intermináveis "discursos", enfadonhos, monótonos, findos os quais, o instrutor, esgotado, muitas vezes bem intencionado, julga haver ministrado uma "boa instrução". Outros, ao empregarem os meios auxiliares, sem objetividade, e, principalmente sem Imaginação, condenam a sessão a um fracasso quase total, desiludindo-se de suas tão decantadas vantagens e proporcionando, também, "argumentos", "fatos", àqueles outros mais que negam sistematicamente o seu rendimento. O que é certo é que, infelizmente, um grande número de instrutores, embora plenos de conhecimentos pedagógicos "teóricos", obtidos nos seus cursos de formação através de matérias como "Métodos e Proces-

sos de Instrução", etc., ignoram, inconsciente ou propositadamente, um princípio fundamental do ensino, que

"FALAR NÃO É ENSINAR"

relegando a utilização dos meios auxiliares à classe de um luxo a que se dão àqueles que desejam "cartaz" de bom instrutor.

E o que se dá com o "Caixão de Areia", a respeito do qual a "Defesa Nacional" tem publicado um ótimo trabalho da autoria do Tenente Fernando Cesar Gonçalves (Mar 51) e cuja utilização já era insistente recomendada por nossos verdadeiros mestres na arte da guerra, pelos inesquecíveis oficiais da Missão Militar Francesa e aconselhados por nossos companheiros mais antigos (Manual de Serviço em Campanha, Dalmasy de La Garenne, adaptação do então Cap. José Horacio da Cunha Garcia — Nota n. 67, pág. 298).

Mas, o que se vê é a ausência quase absoluta do caixão de areia do número de meios auxiliares, e, quando existente, como um "bibileto", como uma peça de enfeite, artigo de luxo que ninguém utiliza, no qual não se toca, servindo de complemento à alguma Sala de Instrução ou Gabinete.

Confuso, é daqueles meios auxiliares que mais pouparam instrutor e instruindo, com um rendimento excepcional para a instrução, não só dos quadros e subalternos, para o que eram aconselhados, como principalmente dos recrutas.

Particularmente é necessário muita imaginação.

CONFECÇÃO DO "CAIXÃO DE AREIA"

Temos, por experiência própria, que o caixão não deva apresentar um modelado permanente (talvez uma das razões porque seja abandonado após umas poucas instruções) em gesso, sabro, tabatinga, ou outro plástico, mas cheio de areia que o instrutor modele a seu sabor, segundo as necessidades do momento do assunto a ministrar.

Por outro lado, suas dimensões têm uma importância muito maior

do que à primeira vista se possa supor. O "Caixão de Araia" deve ser o mais amplo possível.

Entretanto, se as suas dimensões forem muito grandes, surgirão uma série de inconvenientes decorrentes de seu excessivo custo e da exigência de uma sala para a sua instalação. Considerando estes fatores e depois de constatar os bons resultados advindos para a instrução ministrada em um caixão de areia, confeccionado em madeira, de 1,81 m x 1,20 m x 0,20 m, resolvemos construir outro, porém de material.



Fig. 1 — O "Caixão de Areia" torna possível a concepção de noções fundamentais, de difícil materialização no terreno. Na foto, praças da Seção de Morteiros 60 mm estudam, dentro do sistema de fogos do Regimento, as missões próprias à sua unidade elementar. Note-se os cruzamentos de fogo das Seções de Metralhadoras, — pedaços de arame (de alfafa) — bem como as trajetórias dos projéctis dos Morteiros cujos tiros previstos estão representados por flocos de algodão

Escolhido um canto do páteo, e, obtida a necessária permissão, levantamos um pequeno muro de tijolos, de 0,24 m de altura, e de 7,50 m de comprimento por 4,20 m de largura, cujo excelente rendimento para a instrução sugeriu-nos este artigo.

bumidade, enfim, da tropa emprenhada em determinada ação.

O "Caixão de Areia" torna isto possível, e permite mais, materializar certas noções fundamentais, como o cruzamento de fogos, apoio mútuo, profundidade, flanqueamento, ligações, remuniciamento,



Fig. 2 — Neste tipo de "Caixão de Areia", onde os instrutores (e os instruendos solicitados) se locomovem no seu interior, pelo seu tamanho, com várias linhas de altura paralelas, muito se presta ao ensino do mecanismo da patrulha

O "CAIXÃO DE AREIA" E OS ASSUNTOS DO PP

Nos nossos exercícios de serviço em campanha, na nossa instrução tática (Arma de Cavalaria), torna-se extremamente difícil dar ao soldado, ao graduado, e mesmo ao cadete, a visão de conjunto, a ideia do que representa sua ação no âmbito da unidade elementar, da su-

etc., etc. É na parte de Instrução Tática, de Serviço em Campanha, principalmente, que se podem aquilatar os seus benefícios, amarrados que estamos às estradas, cerceados em nossa ação aos reduzidos, quando existentes, terrenos das Invernadas, muitas vezes longínquos, tornando impraticável a instrução diária no campo. Não que se tenha a utópia de imaginar que o

"Caixão de Areia" possa substituir a instrução no terreno. Jamais o "Caixão de Areia" deixará de ser um complemento, embora o mais ideal. Porém, toda e qualquer instrução no terreno deveria ser obrigatoriamente antecipada por uma sessão no "Caixão de Areia" principalmente para o recruta, para o soldado, que, muitas vezes, corre no campo sem saber o que está fazendo, enquadrado pelos graduados e oficiais que lhes afirmam que se deve rastejar, que é preciso progredir, sem que se veja o porque de toda aquela "guerra".

Além disso, para determinados assuntos o "Caixão de Areia" é insubstituível. O Tenente de Cavalaria, especialmente, não ignora a dificuldade que é ministrar ao seu recruta a instrução básica de sua Arma, eixados pelas estradas, sem possibilidades de penetrar nos terrenos circunvizinhos cultivados e, mais do que isso, castigados pela falta crônica de forragens para a cavalhada, e jungidos às prescrições de tempo dos nossos "famosos" PP.

Assim é que, ensinar ao soldado a função de Explorador, dentro das seis horas previstas no PP (PP-2-1-R 29), torna-se inconcebível. Mas, conduzidos, os recrutas ao "Caixão de Areia", e lá, vistos a razão de ser da patrulha, o mecanismo de sua marcha, as escolhas dos P.O., os lances dos exploradores, o apoio da esquadra de fuzileiros, a segurança e a observação do chefe, a transmissão dos informes, o recruta, posteriormente levado para um terreno real, apesar de todas as servidões impostas, tem neste uma aplicação, em ponto maior, do que aprendeu, no terreno, em miniatura.

Cutrossim, muitas horas de instrução poderão ser empregadas mais vantajosamente, se preparadas previamente no "Caixão de Areia". Por exemplo, dificilmente se poderá encontrar na região do quartel, dentro de uma distância razoável, um terreno que apresente um conjunto de formas topográficas variadas, onde se aponte ao recruta a nomenclatura e valor militar cor-

respondente. Todavia, no "Caixão de Areia", é possível mostrar-lhe, com mais precisão, a garupa comparada com o espião, o colo e a ravina, a encosta e a contra-encosta, e pico e o mameião, a crista topográfica e a crista militar.

Instrução Tática, Serviço em Campanha, Topografia, Maneabilidade, Fortificação Sumária, Comunicações, Observações, um sem número de assuntos que podem ser conduzidos para o caixão de areia com um rendimento inacreditável, provocando naqueles que o experimentarem corretamente, a mesma reação que o Cmt. Gerin, nos tempos de antanho, diz de seus oficiais-alunos: uma revelação!

Tomemos, como mais um exemplo, um dos assuntos do PP, (PP-21-1 — 3ª Parte, 3ª RM) — "Apresentação do armamento da unidade: características principais — Empreço". Vejamos de que forma foi este assunto ministrado aos recrutas de nosso Esquadrão na atual incorporação:

- organizou-se, no "Caixão de Areia", um campo de batalha em miniatura, com todos os seus mínimos detalhes, empregando-se "miniaturas" de armamentos, viaturas, mecanizados, blindados, aviação, com a representação de seus fogos, obstáculos, observatórios, PC, posições de bateria, pontos de suprimentos, etc., etc.;
- ao lado do "Caixão de Areia" foram dispostas as armas realmente existentes na unidade;
- conjugou-se a apresentação do armamento com a visão de seus efeitos no campo de batalha construído em miniatura, ressaltando-se, de forma prática, suas características mais importantes.

**MINIATURAS INDISPENSÁVEIS
PARA A INSTRUÇÃO NO
"CAIXÃO DE AREIA"**

Indicamos, as que temos usado, obtidas de Trol S/A Indústria e Comércio (Rua Diana, 245 — São

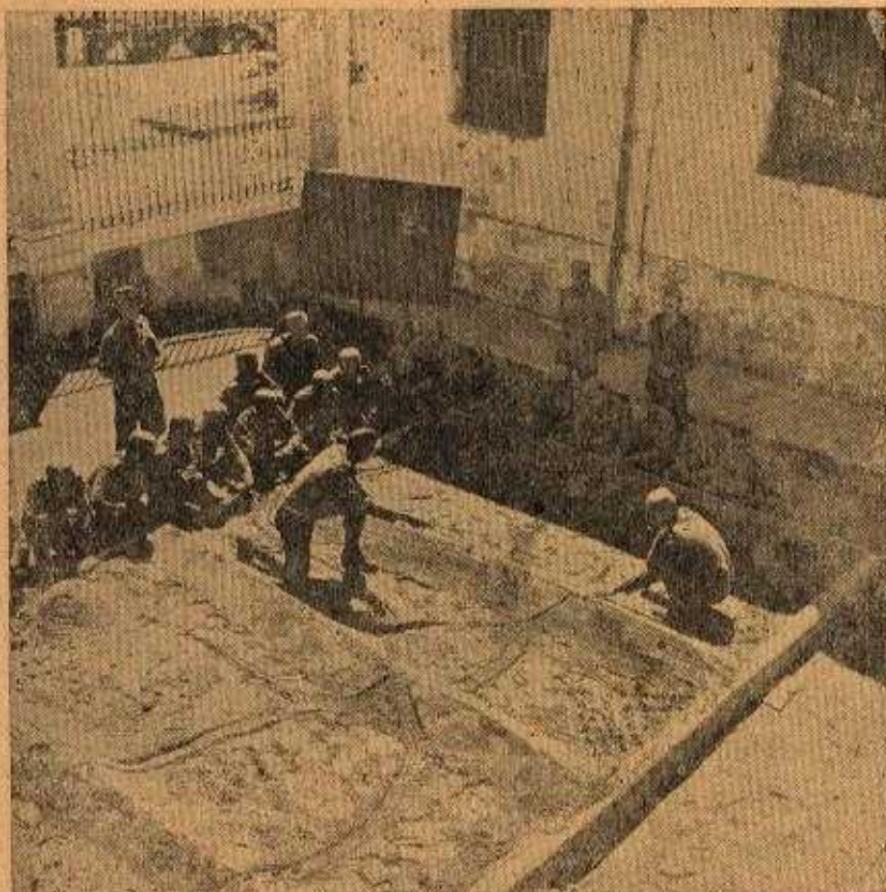


Fig. 3 — O instrutor cria incidentes e obriga os instruendos, colocados nas funções dos elementos empregados, a emitirem suas decisões

Paulo). Fabricadas em escala, existem os mais diversos engenhos bélicos, os mais variados tipos de combatentes. Como armamento, podemos contar com pequenas metralhadoras .30, .50, Morteiros, obuseiros, artilharia leve, pesada, etc. Se temos necessidade da intervenção da moto, uma coleção de viaturas nos fornece Carros de Reconhecimento, Carros de Combate Leves, Médios, Pesados, Jeeps, Jeeps Anfíbios, etc. O mesmo em relação à aviação, infantaria, sapadores, comunicações, etc.

Estas "miniaturas", combinadas com peças de chumbo, adquiridas em qualquer "Loja Americana",

permitem materializar um sem número de incidentes, impossíveis de serem criados no terreno.

REVIVENDO O "JOGO DA GUERRA"

O "Jogo da Guerra", que há três décadas tão em moda esteve em nosso Exército, também pode ser ressurreto no "Caixão de Areia", de forma talvez mais eficaz, porque liberto das interpretações topográficas da carta.

Já o experimentámos com graduados no Curso de Aperfeiçoamento de Monitores, que funcionou na Unidade conforme prescrição divisaária, como preparação da atual incorporação.



Fig. 4 — Numa prancha, os instruendos "revisam" seus conhecimentos relativos à organização de um Pelotão de Fuzileiros Hipo, no Combate a Pé. Nos intervalos das sessões de instrução, estas pranchetas são entregues aos soldados, cujo interesse prendem naturalmente, com todas as consequentes vantagens

Após algumas sessões prévias, em que se estudavam, no próprio "Cai-xão de Areia", determinados princípios táticos, era desencadeada uma situação minuciosamente organizada, com dupla ação, divididos os instruendos em dois partidos, aos quais se entregava o comando de uma tropa "em miniatura".

O instrutor, transformado em árbitro, intervinha somente na evolução dos acontecimentos para impor sanções que o Fogo ou o Terreno, num caso real, tornavam necessárias, ou para julgar das possibili-

dades das "decisões" apresentadas pelo "porta-voz" de um dos partidos, na sua vez de reagir ao adversário.

Nos testes, a evolução da situação era indicada pelo instrutor, que, em seguida, exigia, por escrito, de cada instruendo, a solução correspondente.

FONTES DE CONSULTA

Para maiores detalhes existem uma infinidade de trabalhos, dentre os quais citamos:

— "Curso de Topografia Militar" — do Major Olivio Gondim de Uzeda — Anexo II;

— "Um Caixão de Areia para o seu Pelotão" — "A Defesa Nacional", março de 1951;

— "Manual de Serviço em Campanha da Cavalaria" — Biblioteca Militar — 1941 — Tradução e adap-

tação do então Cap. José Horácio Garcia NT-67,

nos quais nos baseamos para a confecção e emprégo desta arma do instrutor, que é o "Caixão de Areia", que possibilita o desempenho eficaz da mais nobre missão, razão de ser de um Exército,

— A INSTRUÇÃO !



A "BOIA" NA GUERRA

(Oferta da "CASA NENO")

A alimentação na Campanha do Paraguai variava com as circunstâncias do momento. Quando havia abundância de viveres era farta a reação e, ao contrário, quando escasseavam, era natural que diminuíssem a sua porção, sem que isso trouxesse aborrecimento para os combatentes. Desta ou daquela maneira, porém, a "Boia" sofria, na guerra, solução de continuidade conforme o critério adotado pelos chefes.

No tempo de Osório, por exemplo, a carne era distribuída em maior quantidade. Polidoro (Polidoro Quitanilha da Fonseca Jordão) mandou aumentar a farinha, porque essa era a preferência dos soldados do norte. O Marquês de Caxias ordenou feijão e carne seca. O Príncipe Conde d'Eu, para mitigar a fome, em Capivari, nos dias magros das Cordilheiras, forneceu uma lata de sardinha de Nantes por praça. Os soldados historicavam as diferentes fases da alimentação na campanha na seguinte quadra :

Osório dava churrasco
O Polidoro farinha,
O Marquês deu-nos jabá
E Sua Alteza, sardinha.

— 0 —

Os tempos mudaram, o Exército evoluiu. Permanece sempre em íntima ligação com o passado o mesmo espírito alegre e "blaguista", do voluntário da Pátria ao Pracinha de hoje. A lembrança dos companheiros de caserna jamais se apaga de nossa lembrança. Por isso o Major reformado Paulo Ramos faz questão que todos os companheiros que procuram a "CASA NENO" seja atendido da melhor maneira.

Apresente sua identidade e leve no mesmo momento a mercadoria escolhida. Tudo em 10, 15 ou 20 pagamentos mensais.

Procure a "CASA NENO" num dos seguintes endereços, de acordo com a sua conveniência :

Rua Sete de Setembro, 145 — Tel. 43-2215 e 43-9134 (Matriz)

Rua Buenos Aires, 151 — Sobrado — Tel. 43-7778

Avenida Passos esquina Presidente Vargas — "Esquina da Casa Neno" — Tel. 43-6905

Rua República do Líbano, 7 — Tel. 22-4590

Em Madureira : Rua Maria Freitas, 110 (loja própria)

Em Niterói : Rua da Conceição, 47

Na Penha : Largo da Penha, 59-C.

Rádios, Geladeiras, Televisão, Pianos, Liquidificadores, Ferros de engomar, Toca-discos, Enceradeiras, Ventiladores, Relógios, Bicicletas, Máquinas de lavar, Aspiradores e demais artigos elétricos, Máquinas de costura, Máquinas fotográficas, Motocicletas, Máquinas de escrever

Um mundo de coisas ao seu dispor

RAÇÃO DE COMBATE R-2

Cap. C. A. FIGUEIREDO

I — INTRODUÇÃO



M agosto deste ano, a nossa Unidade recebeu, para proceder a uma experimentação prática, algumas amostras da Ração de Combate R-2; essa ração se destina a substituir a tradicional "ração fria" e foi elaborada para uso pelas Forças Armadas.

A título de divulgação, trazemos à "Defesa Nacional" os resultados por nós observados quando da aplicação dessa ração; esperamos ter contribuído, com pequena quantidade, para o aperfeiçoamento futuro da alimentação da tropa em campanha. Procuraremos apenas dar uma idéia de como poderá ser, talvez em breve, a alimentação em campanha.

II — CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

Para cumprir à risca as determinações do ECS, a 1^a Cia. Fzo, designada para experimentar a ração, teve de acampar cinco dias, sendo os seus homens separados em três grupos: um, de 30 elementos, alimentado exclusivamente, nesse tempo, com a ração R-2; outro, também de 30, alimentado única mente com a ração comum de campanha; e os demais também com a ração comum, apenas sem que fossem submetidos a nenhum controle.

No primeiro grupo foram incluídos os três oficiais da Cia., tanto para efeitos psicológicos como para tornar possível, mediante seu maior desenvolvimento intelectual, expri-

mir mais desembaraçadamente as opiniões e sugestões. Além disso, um dos oficiais, já idoso, iria servir de "cobaia" para se verificar as reações da R-2 num organismo diferente dos demais do grupo, composto, de soldados tendo em média 19 anos.

Tomaram-se medidas para que, diariamente, logo pela manhã e ainda em jejum, fossem os homens examinados pelo Médico da Unidade; tanto os da ração R-2 como os da ração comum se submetiam a tal exame, que se compunha das seguintes observações: Peso — força das mãos — perímetro toráxico e abdominal — apneia voluntária — informações sobre apetite, insônia e distúrbios digestivos.

O regime de trabalho, durante o acampamento, foi intensivo; foram executadas duas sessões de instrução noturna, além das sessões normais, pela manhã e pela tarde.

O tempo apresentou-se quente e com sol; apenas à noite de 2º para o 3º dia, assim como todo o 3º dia, choveu.

III — O PESSOAL

De preferência, os homens para as duas turmas a observar deveriam ser voluntários, como é lógico. Como os oficiais da Cia. estavam automaticamente incluídos, teríamos de selecionar 27 soldados para o grupo da R-2, e 30 para o da ração comum.

Os oficiais da Cia., após o competente exame médico de uma amostra de cada lata, foram se familiarizar com os alimentos e verificar como deviam ser preparados. Com grande surpresa nossa —

surpresa sim, pois sempre andamos "com um pé atrás" com as realizações brasileiras... — achamos ótimos todos os alimentos.

Veiu, então, a ocasião de comunicar tudo aos soldados e procurar os voluntários para as duas turmas. Começamos com uma explanação sobre as finalidades da experiência e em que condições ela se desenrolaria; falámos dos dois grupamentos, da obrigatoriedade de só consumir os alimentos previstos, e da importância de agir honestamente para permitir aos responsáveis colherem os ensinamentos vividos, para benefício de futuras turmas de convocados.

Depois dessa "doutrinação", perguntamos quais eram os que se apresentavam como voluntários; apenas uns oito elementos ergueram o braço. Eram os tipos mais dispostos da Companhia...

Largamos então a nossa "bomba de retardamento": declararamos que os oficiais já estavam inscritos, e que qualquer falha porventura existente seria por nós sentida; que seria muito pouco provável haver alguma falha, pois os alimentos já haviam passado por vários exames. E, finalmente, dissemos que os BISCOITOS, o CHOCOLATE, os CIGARROS e o LEITE já haviam sido por nós experimentados e estavam em bom estado... Foi a conta: um movimento de animação percorreu logo a Companhia; com os sorrisos e os comentários costumeiros, logo quase a totalidade dos soldados levantou o braço, porque "se tem cigarro então eu quero"... E o trabalho passou a ser outro: escolher, entre todos, os que deviam ser mais dignos de confiança, para se poder ter a certeza de que não deixariam de cumprir a palavra empenhada, alimentando-se apenas com os elementos fornecidos.

Depois desse trabalho preliminar, continuamos por dois dias a preparação moral: visámos sempre a salientar a importância desse ponto: os soldados só deveriam se alimentar ou com a ração R-2 ou com a ração comum, deixando de lado

qualquer outro alimento. O ambiente era animador. Sempre se notava entre os soldados os comentários a respeito da novidade e sentia-se o seu orgulho em terem sido escolhidos para essa missão.

Na véspera do acampamento, reunimos os soldados que iriam consumir a R-2, para mostrar como se devia preparar cada alimento. E dava gosto ver as fisionomias dos mesmos, quando viam a preparação do leite em pó, ou quando se quebrava e repartia um pedaço de chocolate, ou se procedia a uma distribuição dos cigarros a fim de que "tomassem o gosto"...

Estava tudo pronto, afinal. Podíamos iniciar os testes.

IV — OS ALIMENTOS

Acondicionados em latinhas pintadas de verde-garrafa ou verde-oliva, os alimentos eram os seguintes:

- 1 — Feijão com dobradinha.
- 2 — Macarrão com molho.
- 3 — Carne com legumes.
- 4 — Carne de porco e presunto (denominada PRESTO).
- 5 — Salsichas.
- 6 — Almôndegas.
- 7 — Complemento 1.
- 8 — Complemento 2.
- 9 — Complemento 3.
- 10 — Pacote.
- 11 — Diversos.

Desses alimentos, seria quase desnecessário falar sobre os seis primeiros. Diremos apenas que os legumes eram batata e cenoura, e o chamado "Presto" — o único alimento tipo "comercial", pois nem mesmo a lata era pintada como as outras, e sim rotulada como os enlatados à venda no comércio — era mais ou menos igual à conhecida Presuntada.

Já os complementos podem ser assim descritos:

Complemento 1 — 4 biscoitos — Vic Maltema — Geléia — Mate — Leite — Açúcar.

Complemento 2 — 6 biscoitos — Sanduiche — Vic Maltema — Mate — Leite — Açúcar.

Complemento 3 — 6 biscoitos — Sanduiche — Geléia — Mate — Leite — Açúcar.

Pacote : contendo um maço de cigarro ("Urca" ou "Oxford"), uma caixa de fósforos, um comprimido de vitaminas, dois pequenos rolos de papel higiênico, uma rodelha de chocolate, uma caixinha de chicletes e pacotinhos de leite, mate, açúcar e sal.

Diversos : Colherinhas de matéria plástica, abridores (muito práticos e dizem que de tipo semelhante ao distribuído à FEB) pequenos sabões, e abridores do tipo comum (para girar, enrolando uma "fita" metálica e abrindo assim as latas pelo lado).

V — EXECUÇÃO

Partimos numa quarta-feira pela manhã, após o 1º exame médico. Marchamos doze quilômetros e esbalecemos o acampamento. Por todo o resto da semana levamos a vida normal num acampamento, na Praia do Cabo Branco. No segundo dia, o tempo mudou, chovendo toda a noite e todo o terceiro dia. Com a chuva caída à noite, os soldados iniciaram logo um "curso intensivo de acampamentos" ; como a lona de todas as barracas vasava a mais não poder, começando pela dos oficiais, o terceiro dia foi dedicado, em suas horas de folga, pelos soldados, à construção de "choças" com folhas de coqueiro, por sobre cada barraca.

Depois que a maioria havia tomado essa mesma providência, o Ten. Dagmauro achou que "aquilo se parecia mais a uma aldeia de índios que a um acampamento de soldados" — opinião, de resto, espalhada também pelo nosso Comandante, Ten.-Cel. José Arnaldo, quando nos veio visitar... Para nós, entretanto, aquilo vinha reforçar a opinião que havíamos exposto ao Fiscal da Unidade, poucos dias antes, quando viera examinar os panos de barraca da Cia : apesar do bom aspecto exterior, nossa lona atual não é impermeável senão por pouco tempo de uso. E o Major Serrão, que nos vinha visitar diá-

riamente, por ocasião do exame médico, viu, "com os próprios olhos", o interior de cada barraca "impermeável"...

Os mais previdentes fizeram também, além da "choça", os giráus ; e os mais preguiçosos imitaram essa louvável atitude, quando, após a terceira noite, correu o boato de que haviam aparecido cobras "namorando" o pessoal de algumas barracas...

No domingo, pela manhã, tivemos a missa rezada pelo Capelão Frei Leovigildo e, depois, desportos de praia, inclusive "peladas", pois havíamos levado rede e bola de voleibol e improvisado um campo de futebol na praia. A tarde, houve uma limpeza no armamento e à noite um "show", para encerrar o acampamento. Muitos dos soldados já estavam perguntando se, na segunda-feira, ainda continuariam a "comer as latinhas" ou se já iriam voltar "ao boião do Sgt. Machado" — sinal evidente de que o "ponto de saturação" estava sendo atingido... Como, entretanto, as próprias instruções admitiam como máximo de tempo 8 dias, é razoável pensar que todos teriam suportado bem, caso lhes fosse exigido suportar as rações por esse prazo.

No domingo, ainda, o médico Dr. Gullardo, após os exames que fazia logo que se tocava a alvorada, resolveu dar conosco um passeio pela praia, a fim de aproveitar a ocasião e ir conhecer o famoso Cabo Branco. E como não podia deixar de acontecer, lá surgiu a tentação no nosso paraíso, disfarçado desta vez não em maçã, mas em bonitos cocos... E raciocinando — com permissão do médico... — que "água de coco não é alimento", sendo até um bom diurético, os oficiais — principalmente o Ten. Carlos Pereira — tiraram o atraço...

Na segunda-feira, pela manhã, regressamos ao Quartel.

VI — OBSERVAÇÕES

Perdões-nos o leitor essa digressão : quisemos evitar a monotonia do que se vai seguir, com a série de observações e dados colhidos

entre os homens. Inicialmente, vamos falar da organização das rações e criticar as falhas — poucas, aliás, e de pequeno vulto — observadas.

As latas foram enviadas numa base média de 80 de cada tipo para as refeições e de 160 para os complementos e pacotes. Isso tornou difícil, logo d'esaída, estabelecer a divisão desse número pela quantidade de homens, em cinco dias.

A documentação remetida falava

em 160 rações — o que nos daria, levando em conta que 30 homens em 5 dias consumiriam $30 \times 5 = 150$ rações, uma sobra de 10 rações, para os exames, experiências e demonstrações. Mas, na base em que foram recebidas as rações, tornou-se necessário ao Médico da Unidade calcular as calorias e elementos simeiliares de cada um dos alimentos enviados, e estabelecer um quadro de distribuição. Foi elaborado então o seguinte quadro:

Refeição	1º	2º	3º	4º	5º
1º 06,30	Presto : 30	Salsicha : 30	Presto : 30	Salsicha : 30	Presto : 23
	Pacote : 30	Pacote : 30	Pacote : 30	Pacote : 30	Salsicha : 7
	Comp. 2:30	Comp. 2:30	Compl. 2:30	Comp. 2:30	Pacote : 30
2º 11,30	Feijão : 30	Macarrão : 30	Feijão : 30	Almôndega : 15	Feijão : 21
	Compl. 3:30	Almôndega : 30	Compl. 3:30	Macarrão : 15	Almôndega : 9
		Compl. 3:30		Compl. 3:30	Compl. 3:30
3º 17,30	Carne : 30	Almôndega : 30	Carne : 30	Macarrão : 30	Carne : 23
	Compl. 1:30	Compl. 1:30	Compl. 1:30	Compl. 1:30	Macarrão : 7
					Salicita : 15

Como se observa, as refeições dos dois últimos dias foram completadas com as sobras de rações dos dias anteriores, o que se explica quando se considera que 5 é número ímpar; portanto, para que as contas dessem certo, seria necessário que os alimentos a consumir no 1º, 3º e 5º dias viessem em número de 90 latas; e os destinados ao 2º e 4º dias, deveriam vir apenas com 60 latas, ressalvando-se as sobras para experimentações.

Recebendo-se o total de 80, em média, forçosamente teria de haver esse desequilíbrio.

Leve-se mais em conta que muitas das latas de complemento estavam com seu número original recoberto por outro, a carimbo, dando má impressão da organização do serviço.

Quanto aos alimentos: todos os enlatados estavam em ótimo estado de conservação, nem à unidade, de conservação. Já o pacote foi um fracasso. Não resistindo à pressão nos transportes, nem à umidade, apesar de envolto em celofane, permitiu que ficasse completamente deteriorado, em geral, os seguintes alimentos: leite, mate, vitamina, chiclete, os quais ficavam ou endurecidos ou emolecidos, conforme o caso. Os cigarros também mojavam, sendo de notar que os "Oxford" se estragavam mais que os "Urca" (perdõe-nos o leitor se fazemos propaganda gratuita...).

Não podemos porém negar aplausos à embalagem dos componentes: o leite, mate, o Vic Malteria, o açúcar e o sal, em pacotinhos de um

material plástico (quase papel), são notáveis. Embalagem perfeita.

Os abridores tipo FEB e as colherinhas de matéria plástica também foram inteiramente apreciados; não chegaram para as encostas de "recuerdos"...

Resumindo as opiniões dos oficiais e soldados, poderemos assim responder aos questionários propostos pelo ECS:

1 — Peso e Volume da ração: Satisfazem inteiramente. As latas de 450 g não constituem carga pesada, considerando-se a base em que foi servida a ração (quadro acima); o volume das latas é também pequeno, facilitando completamente o transporte.

Sugestões: Do ponto de vista do transporte, seria mais aconselhável modificar o formato das latas, achata-las (tipo marmita americana). A única vantagem real apresentada pelo formato atual é que se presta, após ser aberto, à transformação imediata em um ótimo caneco, melhor que o de campanha; com efeito, precisando-se mexer os ingredientes, o fundo circular da lata é melhor do que o fundo oval do caneco de campanha.

Foi também apresentada a sugestão de reunir toda a refeição numa só lata; subdividida internamente; essa ideia não teve grande aceitação entre os soldados, que julgam mais fácil o transporte sendo a refeição distribuída entre duas latas — o alimento e o complemento.

2 — Embalagem.

O pacote não aprovou, permitindo a deterioração de vários componentes da ração. A embalagem em latas, porém, foi completamente aprovada. Todos os alimentos se conservavam perfeitamente. Note-se mais que foi também considerada muito boa a embalagem dos pequenos pacotes de papel plástico: açúcar, leite em pó, manteiga, etc.

Nenhum soldado abriu suas latas pelo lado, usando o abridor de enrolar; todos as abriram por cima, usando o de corte; isto mostra que

pode ser suprimido o primeiro desse abridores.

3 — Quantidade.

Sem exceção, todos acham pequena a quantidade de açúcar; além do mais, vinham geralmente um pacote de leite, um de mate e um de açúcar. E sucedia que o açúcar era todo consumido só na preparação do leite, ficando o mate sem se poder preparar (os pacotes continham 10 g de nó, fôssem de leite, mate ou açúcar).

Quanto ao mate, praticamente todos o acharam muito amargo; em média preparavam-se três copos de mate com o conteúdo de um só pacote, pois o mate tem sabor pronunciado. O açúcar, por esse motivo, foi, ainda mais, considerado insuficiente.

A maioria achou demais o conteúdo da lata de "Presto", levando em conta que era tomado esse alimento pela manhã e se compunha de presunto. Quase todos deixavam parte da lata para completar o almoço. O "Presto", apesar de ter bom paladar, é demais consistente e com sabor muito especial para poder ser ingerido ao lado de biscoitos, Vic-Maltema e chocolates...

4 — Qualidade.

Muito boa. De maneira geral, os soldados estranharam o "resto", por sua consistência. O tempéro é por demais uniforme: parece que seria aconselhável uma pequena variação na maneira de preparar os alimentos.

Alguns homens estranharam também as folhas de "Iouro"; quase todos acharam muito apimentado e por demais igual o paladar.

A maioria opinou pelo acréscimo de um pouco de farinha (não fossem nordestinos...) "para dar mais consistência". Aém disso, os soldados achavam que deveria haver maior variedade de alimentos em cada refeição, completando-se cada lata com um pouco de arroz, batatas, cenoura, etc. Houve mesmo sugestão para que se fizesse uma lata subdividida internamente, possibilitando assim, em cada lata, dois alimentos.

Todos foram acordes em julgar necessário um pouco de café, substituindo assim um dos pacotes de mate. Na ocasião, isso nos parecia difícil, de vez que não havia sido permitido ainda que se fizesse o café solúvel no Brasil. Já agora o mesmo se encontra à venda e poderá ser acrescentado à Ração. É bom lembrar que, além de ser um vício brasileiro, o café será útil nas condições de combate em que se empregará a ração R-2.

Quanto ao chiclete, não se desco-
briu com que finalidade foi pôsto na ração; não faz parte dos hábitos nossos mascar essa goma e há mesmo correntes divergentes de opinião quanto ao seu uso. Os soldados, sem exceção, declararam que preferiam mais biscoitos ou chocolate em lugar da goma.

Os cigarros são bons, mas mofaram-se por terem sido acondicionados nos pacotes. O leite, o mate, o Vic-Maltema, o açúcar, o sal, os biscoitos, chocolate, etc. — tudo de primeira qualidade. Só estranhamos que o Vic-Maltema trouxesse, na embalagem, as palavras: "AMOSTRA GRÁTIS"...

Só se pode dizer mais que ninguém conseguiu descobrir qual a "geleia" anunciada na tampa de algumas latas de complemento, a menos que fosse um creme que havia entre duas rodelas de biscoito; esse deveria então ser o que se chamava "Sandwich"...

6 — Aspecto.

Muito bom. Nenhum alimento pode ter sido recusado pelo aspecto. As próprias latas, bem pintadas, foram fator de sucesso na apresentação.

7 — Aceitação.

Completa. Ao chegar o 5º dia, contudo, estava sendo atingido o ponto de saturação. Todos os homens afirmaram que aguentariam, se necessário, oito dias, havendo mesmo alguns "valentes" que diziam poder aturar o regime por mais tempo.

De qualquer forma, poderemos aceitar o limite de 8 dias, calculado pelo ECS, como real.

8 — Paladar.

Torna-se necessária uma pequena variação, seja entre os tipos, seja entre as latas. Uns poucos homens acharam a ração muito salgada. Em compensação, houve quem achasse doce a dobradinha com feijão...

VII — QUESTIONARIO

O ECS remeteu, para preenchimento pelos elementos, um questionário. Como, todavia, diversos homens são analfabetos ou semi-alfabetizados, julgamos melhor reunir suas impressões, inclusive por podermos descrever suas opiniões e sugestões, cousa que dificilmente alguns deles fariam.

Eis aqui o resultado das pesquisas a que procedemos, interrogando um a um:

1 — Satisfaz quanto ao volume e peso?

Todos acharam que sim, mas que o formato poderia ser modificado, passando a ser achatado; apenas 12, no entanto, acham que deve haver essa modificação; os demais acham que pode haver, mas lembram que isso irá prejudicar o emprégo das latas como caneco, muito melhor que o do equipamento.

Pode ser transportada, normalmente, pelo soldado?

Todos acharam que sim; a forma achatada seria ideal para facilitar mais ainda o transporte.

Nove elementos julgaram que cada refeição deveria vir numa lata apenas, ao invés de duas e três, como sucedeu.

2 — A quantidade é boa?

Em geral, sim. Doze soldados acharam que o biscoito vem em pouca quantidade. Dezoito acharam excessiva a quantidade de "Fresto", para a primeira refeição. Vinte e três acharam muito amargo o mate, quando tomado todo o pacote num só copo; e tomar mais de um copo é aumentar a falta de açúcar... Um apenas achou demasiada a quantidade de salsichas,

e outro julgou também muito o macarrão.

Quanto ao açúcar, todos são unânimes em jugá-lo insuficiente.

3 — A embalagem deve mudar?

O pacote deve ser substituído por uma lata, foi a resposta geral; ou no mínimo ser substituído por outro, mais resistente e impermeável. Quanto às latas, apenas houve a sugestão de alterar o formato, já citado.

4 — A qualidade é boa?

Sim. Com exceção de alguns produtos embalados no pacote e que se deterioraram (mate, leite, açúcar, vitamina, chiclete, alguns cigarros, etc.), todos os alimentos foram julgados, por todos os elementos, como ótimos. Só um soldado achou de mau gosto a almôndega classificando-a como "insuportável".

5 — Quais as modificações?

Onze soldados acham que não deve haver modificações; dos restantes, anotamos as seguintes sugestões: dez julgam que os alimentos devem vir com maior variedade (arroz, farinha, batatas, etc.); oito acham que a farinha deve ser empregada para dar maior consistência; seis declararam que devia haver mais consistência, fosse com farinha ou não. Um soldado achou falta de sal, e quatro julgam haver sal em excesso. Todos acham que deve vir pelo menos um pacote de café solúvel; e dez opinaram por uma modificação, ligeira embora, no paladar.

6 — O aspecto é bom?

Só um soldado achou o cheiro dos alimentos muito pronunciado; outro declarou não ter gostado do feijão com dobradinhas. O restante foi, em geral, julgado bom.

7 — O paladar é bom?

De modo geral, sim. As únicas exceções são quatro soldados que acharam um pouco salgados os alimentos, e outro que achou um dêles doce. Quase todos notaram muita uniformidade no paladar,

especialmente entre o feijão, a almôndega, o macarrão e a carne; sempre o molho tinha o mesmo tempero.

O "Presto" foi julgado, por seis soldados, como intragável; já o feijão foi igualmente classificado por outros quatro; o macarrão, por quatro também; as folhas de "louro", por cinco; a carne com legumes, por três; a salsicha, por um; e o mate, por outro.

8 — A aceitação foi boa?

Inteiramente. Dentro do prazo médio de 5 dias, pode-se dizer que foi de 100 %. No limite de 8 dias pouco diminuirá essa aceitação, especialmente considerando-se que sempre há possibilidades do homem arranjar por conta própria, em campanha, pequenos suplementos à refeição regulamentar.

VIII — INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

1 — Classificação pelo paladar:

Agradável: Em geral, todos os alimentos.

Tolerável: Mate (3 soldados) — Almôndegas: 1 soldado — Carne: 1 soldado.

Intragável: Presto (6 soldados), Dobradinha (4 soldados), Macarrão (quatro), Carne (três), Folhas de Louro (cinco), Salsicha (um) e Mate (um).

2 — Quanto à quantidade:

Farta: Presto (18 soldados) Mate (vinte e três), Salsicha (um) e Macarrão (um).

Satisfatória: em geral, todos os alimentos.

Pouca: Açúcar (Todos os oficiais e soldados), Biscoitos (doze soldados) e Vic-Maltema (dez).

3 — Quanto à capacidade energética: (Relatório do Médico).

4 — Distúrbios digestivos:

Prisão de ventre: 4 soldados (pouca).

Diarréia: 2 soldados (1 dia).

Azia: Nenhum.

5 — Preparo quente: Fácil: Todos os alimentos, em geral; duas latas de complemento apenas se

precisa adicionar água quente ao leite, mate ou Vic-Maltema.

Difícil: Nenhum.

6 — Preparo frio: Fácil: Todos os alimentos.

Difícil: (Nenhum).

Note-se contudo que a aceitação do "Presto", frio, foi quase nenhuma;

ma; e que o leite, mate, Vic-Maltema frios são muito menos aceitos que quentes.

De maneira geral, os alimentos quentes têm sua aceitação aumentada; nenhum, entretanto, se tornará intragável pelo fato de ser servido frio.



TREINAMENTO FÍSICO MILITAR

GINASTICA BÁSICA DA EsAO

Cap. ESTEVAM MEIRELES

Instrutor da EsAO



MODALIDADE de trabalho físico mais indicado para os oficiais alunos da EAO, não resta dúvida, é o jôgo desportivo. É uma atividade que permite a conservação do valor físico e serve como um sadio derivativo das lides intelectuais intensas. Entretanto, há o caso de capitães com um prazo relativamente longo de afastamento da prática continuada de exercícios físicos. Os motivos são, em geral, os seguintes: falta de oportunidade, seja por não disporem de tempo ou locais próprios; pouca habilidade que podem demonstrar nos jogos ou desportos; desconhecimento ou falta de hábito de praticar séries de exercícios de conservação. Os resultados são: oficiais fora de forma.

Ora, o jôgo é uma atividade em que o participante, no calor da disputa, realiza, por vezes, grandes esforços. A articulação, o músculo ou a resistência circulo-respiratória, não estando suficientemente fortes para resistir em tais esforços, são passíveis, até de lesões danosas; o que é contrário aos princípios de uma educação física científica.

Como muitos dos capitães alunos apresentados à EAO não gozam de preparo físico em condições de simplesmente ser conservado, é indicado um trabalho físico de recuperação das qualidades perdidas por uma vida sedentária. Eis o motivo do aparecimento, en-

tre as atividades físicas que a Escola pode proporcionar aos capitães alunos, da ginástica básica. Trata-se de uma modalidade de trabalho por nós estudada detalhadamente no último artigo. Representa a atividade "formativa" por excelência; pois visa iniciar o preparo físico do homem, deixando-o apto a intervir nos jogos e desportos de um modo geral. Como tal, é aconselhável à totalidade dos oficiais, porque, a par da recuperação das qualidades perdidas, realiza o preparo do valor físico necessário aos mesmos para poderem intervir vigorosamente nos jogos, sem perigo de danos para o organismo.

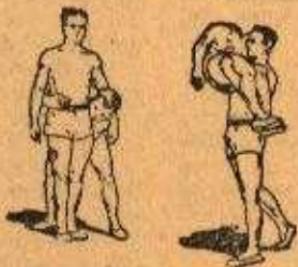
A ginástica básica é um trabalho físico geral que ocupa pouco tempo, não exige muita habilidade ou iniciativa e pode ser dossado. Convenientemente graduada, pode ser empregada, com ótimos efeitos, na instrução dos grupamentos de mais de 35 anos.

É de grande importância que as melhores sejam verificadas através de um teste simples e constante de quatro exercícios: 1 — Canguru (exercício 9 da série básica). 2 — Braço (exercício 6 da série básica). 3 — Abdominal (ver 13º exercício que figura em nosso último artigo). 4 — Apoio (exercício 3 da série básica). Estes do últimos em 2 e 1 minuto, respectivamente.

Estas são as idéias com que procuramos explicar o motivo da inclusão da ginástica básica ao lado do volei, do basquete, do fu-

tebol e da corrida rústica; as atividades cuja prática metódica a EAO pode proporcionar aos oficiais alunos, durante o curso, para conservarem o seu vigor físico. O oficial pode se inscrever para a prática de uma ou mais das

atividades acima citadas, de acordo com o gosto ou preferência de cada um. O médico e o instrutor de educação física orientam o trabalho e controlam os resultados do treinamento dentro de um programa racional de esforços.





DISTÓRBIOS PSÍQUICOS OU PERTURBAÇÕES DA PERSONALIDADE

SÍNTESE DE ALGUNS CONCEITOS DA OBRA DE L. P. THORPE
CITADA, COM COMENTÁRIOS

Cel. J. H. GARCIA

Lidando, na paz ou na guerra, com rapazes ou homens, já se foi há muito o tempo em que não se cogitava das características da personalidade de cada um. Quer para tirar o maior partido possível do esforço individual, quer para influir na conduta de cada um, particularmente nos momentos difíceis para uma coletividade, o conhecimento de causas e efeitos do comportamento dos indivíduos é de real valor.

Dadas as consequências poderosas do emprego das armas modernas, não tanto sobre o físico, mas especialmente sobre a moral dos combatentes, urge que enfrentem estas armas e as utilizem homens perfeitamente normais.

É velha a influência de um indivíduo fraco sobre um grupo e todos conhecemos os perigos das crises de coragem que ocasionam pânicos, etc.

Daí a importância do estudo da personalidade do indivíduo para afastar aquêles cujas características não são teoricamente 100 %.

A designação dos homens para os diferentes postos de combate não é feita por simpatia ou por golpes de vista; hoje em dia, acabou-se o chefe que "mete o olho" e diz quem é capaz ou não; hoje, tudo se mede e tudo se prevê.

* *

Há indivíduos equilibrados, isto é, que são capazes de se adaptarem com facilidade às mais variadas situações; e há os indivíduos "raros", "estranhos", "desequilibrados", "anormais", "neuróticos" e até "psicopatas" que designam os indivíduos que fracassaram em adaptações.

Diz Louis P. Thorpe em seu "Psychological Foundations of Per-

sonality" que estes indivíduos "que têm tendências e se comprazem na prática de atos considerados como desvios das formas racionais da vida" constituem os anormais.

O mesmo autor, logo a seguir, pergunta "quando poderemos afirmar que uma determinada pessoa se caracteriza por certas perturbações da personalidade?"

Vejamos, então, as variações da conduta normal, sintomáticas dessas perturbações.

De logo convém esclarecer que não é necessário a ausência de conflitos personalísticos para caracterizar-se a normalidade. Diz J. J. B. Morgan, em sua "Child Psychology", "que desde as fases mais simples às mais complexas da vida, os conflitos são comuns".

São considerados normais os indivíduos que respondem aos conflitos principais da vida de modo adequado. Não é forma adequada chorar diante de um estímulo que a todos normalmente faz rir.

Devem ser considerados, pois, normais os indivíduos médios e anormais os que se desviam de forma notória da tendência central ou norma de seu grupo.

Diz Thorpe, na obra citada, "os psicólogos consideram como psicologicamente normais os indivíduos que se comportam e se adaptam às formas típicas do comum dos indivíduos".

Alguns investigadores afirmam que a conduta anormal sempre difere da normal em um sentido quantitativo, isto é, que sempre se trata de "demasiado ou demasiado pouco".

Diz G. H. Higginson, em seu livro "Fields of Psychology", que "a pessoa que odeia demasiado ou demasiado pouco; que teme tudo ou nada teme; um indivíduo caprichoso em excesso ou que por nada se interessa: todas essas pessoas e muitas outras são consideradas mentalmente anormais".

Estes desvios quantitativos da conduta são muito claros; entretanto, ocorrem outros que devem ser considerados qualitativos. Por exemplo, cita o autor "o paranóico que vê sinistros e maus designios

nas ações dos que cruzam seus caminhos; o maníaco que ataca os que desejam ajudá-lo a satisfazer suas necessidades práticas; o esquizofrênico que se nega a comer e a beber, etc.".

ESTAS FORMAS SÃO EXTREMAS E FÁCEIS DE ENCONTRAR

Conforme diz C. Campbell, em sua obra "A Present Day Conception of Mental Disorders", constituem personalidades perturbadas: os banqueiros respeitáveis que se mostram brutais para com suas mulheres; crianças com noites cheias de terrores, fanáticos reformadores do mundo; pacientes delirantes de febre ou vencidos por uma grande variedade de enfermidades orgânicas; outros vivendo em mundos fantásticos, etc., etc."

Realmente, a nós não interessam os casos graves, claramente visíveis, pois que estes não passam os portões de nossos quartéis, as juntas médicas os afastam, mas há as personalidades desviadas que aparecem em determinadas situações eclodem.

Embora, na relação de Campbell, isto agrupe quase toda a gama de perturbações de conduta, como dissemos acima, nos interessa estudar as perturbações observadas em indivíduos que nos rodeiam quotidianamente.

* *

Segundo F. A. Moss e T. Hunt, em sua "Foundations of Abnormal Psychology", "há excessiva tendência a culpar cegamente a herança como agente casual da anormalidade, quando ignoramos a causa verdadeira", tratando da casualidade biológica versus a social.

Mesmo que haja duas pessoas na mesma família com a mesma tara, ainda assim, sem estudos complementares, não se pode atribuir à herança, conclui Thorpe.

Na atualidade, muitos psicólogos e psiquiatras de renome são unânimis em afirmar que a maior parte das desordens psicológicas são devidas as influências do meio.

Por outro lado, outros investigadores têm tentado determinar o grau da relação existente entre os distúrbios da personalidade e as perturbações glandulares, isto é, pesquisar uma base física para as desordens psicológicas.

Thorpe, após citar vários autores, conclui que o equilíbrio endócrino seja, para a maioria, muito importante para a conservação da integridade orgânica, não é sempre um fator imperativo para a conservação da personalidade normal.

Stoddard e Wellmann, em sua "Child Psychology", comentando o importante problema das lesões orgânicas, concluíram que embora se encontre alguma base orgânica para as tendências anormais, podia ocorrer que a mesma não fosse a causa verdadeira e sim, por exemplo, a causa estivesse nas relações pessoais e sociais da criança, como na anormalidade endócrina ou do tecido nervoso.

• •

Em síntese, atualmente, com referência à etiologia da conduta anormal, trata-se de saber se os antecedentes das perturbações da personalidade são, sempre, de origem orgânica ou provém da vida psicológica do indivíduo; diz Thorpe que hoje chegou-se à conclusão de que tanto pode ser causada por uma ou por outra, ou por ambas.

Os materialistas se agarram às desordens orgânicas e os demais às funcionais.

O ponto de vista funcional se está tornando muito comum nos círculos psicológicos, haja visto o que diz B. Glueck "Os investigadores que ainda se aferram a uma teoria exclusivamente materialista das desordens mentais tropeçam com grandes dificuldades para manter sua doutrina frente aos inúmeros fatos incontravertidos publicados em vista de investigações modernas realizadas no campo de psicopatologia".

Continua o mesmo autor, citado ainda por Thorpe, dizendo que "seja qual for o substrato físico das desordens mentais, não nos ajuda a compreender a expressão peculiar

assumida por uma psicose determinada".

A palavra de Glueck não é a última.

Por outro lado, F. A. Moss, citado por Thorpe, como os outros autores que vimos citando, diz que "as causas verdadeiras residem em infecções bacteriológicas, toxinas, perturbações glandulares, deficiências dos céritos nervosos, deterioração dos tecidos, etc. e que as condições do ambiente, inclusive a tensão emocional, os esforços provocados pela civilização moderna, as condições matrimoniais que outros investigadores destacam como causas fundamentais não são mais que偶然ais e de importância menor". Aquelas são algumas das causas conhecidas das psicoses orgânicas enquanto, com referência às psiconeuroses e psicoses funcionais atuais, Moss as encara de causas parcial ou totalmente desconhecidas. Estas afirmações de Moss parecem haver encontrado alguma razão experimental, conforme diz Thorpe, uma vez que Carlos Mayo, o da clínica, comunicou que estão aperfeiçoando uma droga que promete restabelecer aos doentes jovens atacados de demência precoce.

No fracasso da satisfação das necessidades como causas das perturbações da personalidade (necessidades orgânicas, sociais e psicológicas), segundo os gestaltistas, estas necessidades, estes desejos, se transformam em fins a alcançar, em tensões que exigem solução.

Segundo Thorpe, disto se conclui que o indivíduo é lançado continuamente a um estado de tensão ou de desequilíbrio que exige soluções, sob a forma de desejos, para manter a integridade da sua personalidade, significando também, o inverso, que a falta de adaptação, as perturbações da personalidade podem acrescentar-se quando tais impulsos resultam excessivamente frustrados.

Disto não se deve deduzir que as privações leves e ocasionais podem pôr em perigo a integridade de uma personalidade; na realidade, a maioria das crianças e dos

jovens são podem suportar frustrações.

Continua Thorpe, como conclusão, deduzindo que os imperiosos desejos humanos produzem determinadas consequências: os conflitos e as frustrações constantes ou duradouros chegam a ser a verdadeira causa das desordens da personalidade.

Da mesma forma que o organismo físico se desintegra e perece ante continuas privações e falta de cuidados, assim também o estado moral de um indivíduo se quebra quando deve afrontar constantemente o ridículo e a hostilidade.

Thorpe diz que não é possível negar que uma calorosa aprovação social ou um desprêzo da mesma ordem constituem as forças mais influentes para a determinação da conduta.

A. M. Jordan, em sua "Educational Psychology", diz as causas gerais da adaptação defeituosa nos meninos constituem o sentimento de inferioridade ocasionado pela hostilidade, o ridículo ou a indiferença, real ou imaginária por parte de adultos ou de companheiros.

Muitos dos esforços do indivíduo se orientam no sentido de um reconhecimento especial; tanto seu estado de ânimo como seu grau de adaptação social são, portanto, dependentes do quanto puderam realizar este desejo.

E. Bagby, em sua "The Psychology of Personality", concretiza este problema na seguinte fórmula:

"Qualidades — Atitude hostil — Terror — Reações defensivas".

que deve ser assim interpretada segundo Thorp: O indivíduo possui certas qualidades que provocam reações desfavoráveis de seus companheiros; ante esta atitude por parte dos outros, o indivíduo responde com idéias de inferioridade pessoal e de temor; a tensão do temor origina a tensão dos hábitos de retração no pensamento e na conduta. Estes "hábitos redutivos" se relacionam aos diversos mecanismos de defesa por meio dos quais um indivíduo preocupado tenta reduzir as tensões de seu temor.

Poderíamos considerar certas tensões em sua forma de perturbação emocional (anciedade, temor, indiferença, inferioridade, amargura, insegurança, etc.) como o resultado natural da repressão só excessiva do impulso vital, visando um reconhecimento social favorável fundado em um êxito merecido.

É comum observar que os indivíduos diferem muito do modo como recebem essas frustrações de seus desejos. Alguns permanecem imparciais e outros dobram-se às menores dificuldades.

Diz Thorpe que a capacidade para tolerar frustrações é decididamente um fator diferencial entre os seres humanos. Sómente estudando cada indivíduo e seus problemas será possível salvaguardar a integridade da personalidade humana.

As perturbações da personalidade originadas pela frustração dos impulsos dinâmicos podem ser ilustrados pelo diagrama anexo.

G. W. Crane, em sua "Psychology Applied", explica este diagrama da seguinte forma: A personalidade encontra uma "situação", como seja a de conquistar o coração da namorada, passa por um período de adaptação, terminando possivelmente pelo êxito e pelo matrimônio. Se fracassa, a "personalidade" continua ainda mal adaptada, tal como está representada pelo círculo e retângulo à esquerda.

A personalidade pode realizar uma transação frutífera, de modo que a tensão emocional se reduza pela sublimação, como no caso da moça desiludida que entra para um convento.

Se a situação é demasiada forte, a personalidade pode quebrar-se.

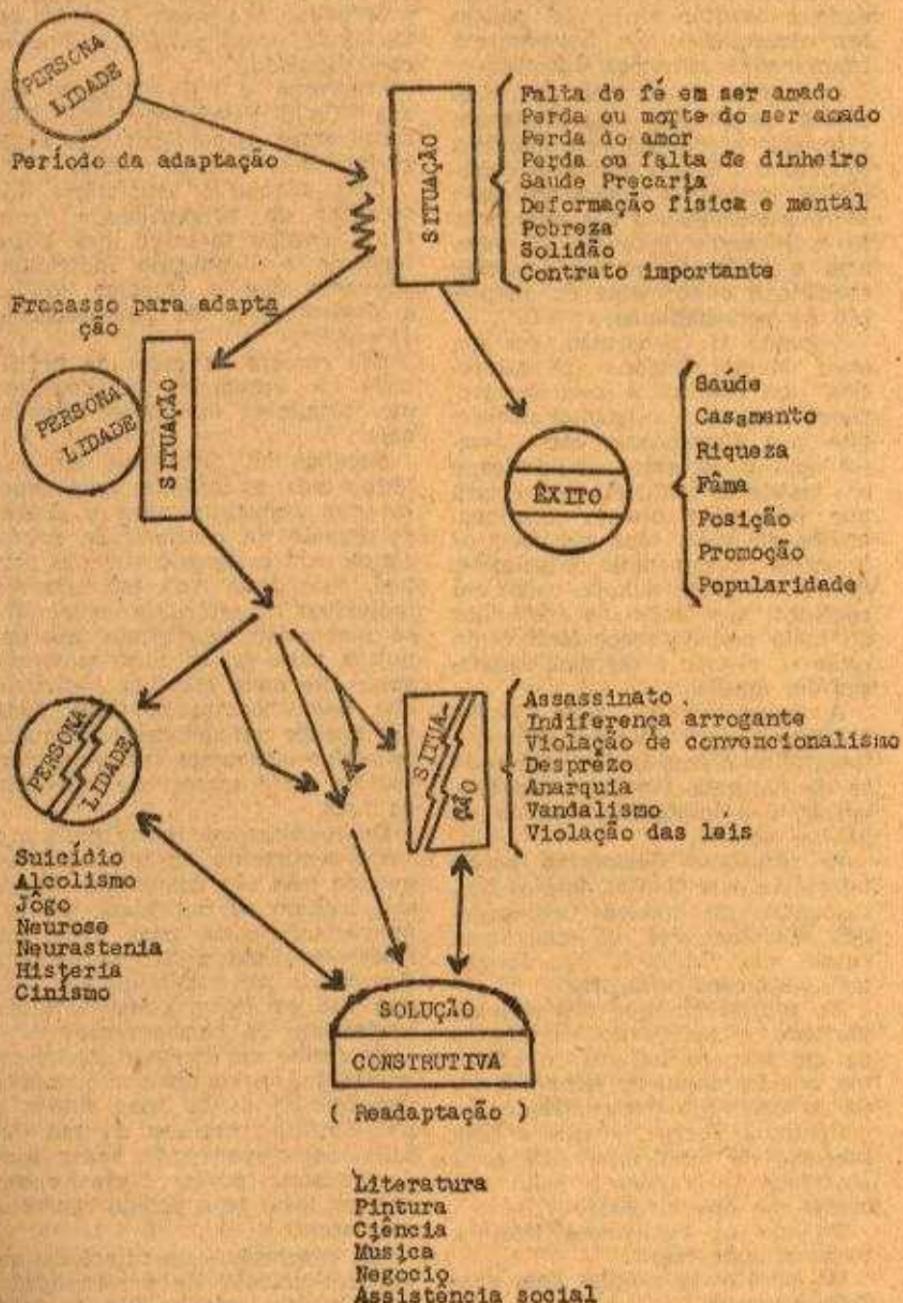
Por exemplo, um rapaz perde a namorada que se compromete com um colega seu; sabendo disto, embébedou-se durante três meses, esquecendo a data do casamento.

Pode também acontecer o contrário, quando o indivíduo quebra a situação assassinando o rival ou a sua noiva.

Um estudo cuidadoso do quadro acima mostra não só como as frustrações mais importantes podem ter-

FRUSTAÇÕES DOS IMPULSOS DINÂMICOS

DIAGRAMA



mínar em êxito ou em fracasso, ou como as personalidades feridas podem recompor-se mediante uma transação inteligente; como também que formas extremamente infelizes de transtorno da personalidade e conduta anti-social podem ser consequência do fracasso em adaptar-se a situações difíceis.

O conflito é um tipo de mecanismo psicológico organicamente associado à frustração de impulsos dinâmicos. Este mecanismo psicológico, por ser o maior obstáculo entre o indivíduo e sua adaptação às múltiplas solicitações da natureza e do meio ambiente social, condiciona o problema da adaptação da personalidade.

Segundo M. Scherman, em sua obra "Mental Hygiene and Education" um conflito é uma desagradável atitude emocional consequente à descrença entre desejos opostos ou entre os desejos e sua satisfação real. E, então, claro que isto pode ocorrer continuamente na vida, uma vez que os impulsos fundamentais orgânicos e derivados, quase sempre, estão em conflitos, bem como os obstáculos do meio ambiente constantemente estão se opondo à legítima satisfação dos desejos.

A maior barreira, volta Thorpe a escrever, para o desenvolvimento integral de nossas âncias, sobretudo as de natureza fisiológicas e egoísticas, é o implacável sistema de hábitos sociais.

A sociedade demonstra pouca tolerância para com os desejos fundamentais do homem (necessidades fundamentais), os quais procuram sua realização por formas mais ou menos primitivas.

No mundo em que vivemos há, portanto, o perigo do nascimento de um número infinito de conflitos, que forçosamente implicam em perturbações da personalidade.

Continua Thorpe, a vida é uma sucessão de problemas, cuja complexidade varia com o meio ambiente em que vivemos.

Quando os resolvemos bem, a personalidade lucra.

Há problemas simples com conflitos normais.

As perturbações surgem quando o indivíduo se perde em lutas subjetivas, convertendo-se assim em vítima de tendências neuróticas que se avolumarão com o fracasso ou com o êxito parcial e quando o indivíduo não possui bastante integridade moral para equilibrar-se com dignidade.

Conforme J. B. Morgan, em sua "Child Psychology", há diferença entre os conflitos com a sociedade e os consigo mesmo.

Uma adaptação satisfatória dos conflitos da personalidade (conflitos consigo mesmo) leva à integração e à unidade individual, enquanto que o fracasso conduz à desintegração da personalidade (Morgan).

São comuns os casos de indivíduos tão enredados em conflitos que terminam em crises emocionais.

Segundo M. Scherman, em sua obra citada, os conflitos úteis, aqueles que cooperam para o desenvolvimento do caráter, são necessários para o desenvolvimento normal, bem como para estimular os indivíduos ao esforço e ao triunfo, os quais dão nascimento aos impulsos para as atitudes construtivas. Diz mais que um indivíduo que não encontra conflitos pode não evoluir completamente. Aquela indivíduo que nunca encontrou obstáculos, pode carecer de iniciativa na luta.

Os conflitos que envolvem certo certo sentimento de inferioridade, quando não são demasiados intensos, incitam os indivíduos aos esforços suficientes para evitar os fracassos. Thorpe diz que Teodoro Roosevelt, pai, e Bernard Mac Farren são exemplos clássicos deste mecanismo de compensação.

Conforme diz Morgan citado, comentando os conflitos: o indivíduo íntegro dá as boas vindas a um conflito; trata-se de um desafio. Qualquer pode nadar com a correnteza, porém é preciso um homem forte para fazê-lo contra a correnteza.

Em conclusão, com referência ao desenvolvimento da personalidade e do caráter, não só não se deve

desaninar à criança, evitando-lhe os problemas, como se deve ensiná-la a enfrentá-los e solucionar seus conflitos infantis à medida que estes se multiplicam com o desenvolvimento da antídão social.

Nossa civilização, diz Thorpe, ainda não alcançou uma etapa em que a maioria dos cidadãos dedicam meditada reflexão aos problemas da casualidade psicológica na educação da criança ou nos importantes problemas do desenvolvimento da personalidade.

Aqui o autor envereda, com A. M. Jordam e S. L. Pressey, pelos cassos da má adaptação das crianças.

S. L. Pressey, em sua obra "Psychology and the New Education", diz que os fracassos contínuos levam à formação de indesejáveis mecanismos defensivos.

Morgan acredita, diz Thorpe, que os atos criminosos são, em geral, indicadores de conflitos pessoais...

Chegando ao fim de seu capítulo sobre as causas das perturbações da personalidade, Thorpe diz que não pode deixar de citar a opinião de C. Bassett (The School And Mental Health), o qual possui um discernimento pouco comum a respeito dos mecanismos da conduta humana, pelo menos no que se refere à infância. Bassett diz: estudos realizados em crianças de diversas idades tem indicado que a forma de conduta que caracteriza sua adaptação na vida é determinada, nas primeiras semanas e anos de vida, pela forma pela qual foi tratada por seus pais, pela relação emocional entre os diferentes membros da família, pelas condições do meio ambiente do lar e da vizinhança e por suas experiências na escola e com suas relações. Assim, pois, o futuro de uma criança pode ser desviado por fatores tais como as rústicas constantes e os antagonismos entre seus pais, o demasiado ou pouco afeto ou atenção que recebe, as reprimendas e críticas no lar, a indulgência e proteção excessiva por parte dos pais e parentes, os ciúmes de um irmão que obteve êxito, os favoritismos dos pais para com determinado membro da

família, as condições da vizinhança que inicia a criança em más práticas, atitudes e experiências distintas, a disciplina excessivamente rigorosa, etc...

Thorpe, aoós passar rapidamente pelas doutrinas psicoanalíticas com referência à adaptação deficiente, estudando o conceito freudiano a respeito dos antagonismos fundamentais e suas deduções com referência ao desenvolvimento da personalidade, penetra nos domínios de Adler e termina o capítulo com uma crítica severa ao sistema psicoanalítico, apresentando como objecção mais séria o fato d'este sistema não se basear em técnicas objetivas verificáveis.

* *

Para encerrar estas notas, fazemos uma recapitulação dos pontos tratados na obra da qual estamos extraíndo estas notas:

Significado das perturbações da personalidade;

Variações da conduta normal; sintomáticas de perturbações;

Desvios quantitativos e qualitativos de conduta;

Causa biológica versus causa social;

Influência do meio e da herança; Base física das desordens psicológicas;

As investigações endocrinológicas;

Lesões cerebrais que afetam a personalidade;

As causas das desordens;

O fracasso dos impulsos dinâmicos;

As necessidades humanas;

A tolerância ao fracasso;

Diagrama do processo das perturbações;

Os conflitos;

Efeitos desintegrantes dos conflitos pessoais;

Aspectos construtivos dos conflitos;

As doutrinas psicoanalíticas sobre a adaptação;

Conceito freudiano;

Doutrina de Adler;

Critica do sistema psicoanalítico.

Quais as ligações destas notas com os trabalhos nas Forças Armadas?

Em primeiro lugar, temos a impressão que a ação de um indivíduo em qualquer dos estádios da vida militar — no Colégio Militar, nas Escolas Preparatórias, na Escola Militar, recém egresso desta, na maturidade da carreira e no seu fim, deve ser considerada como um produto da herança do meio em que se criou esse indivíduo, em que passou a sua adolescência, de sua situação orgânica, etc. No julgamento da conduta do indivíduo, devemos considerar esses fatores para não sermos injustos; o indivíduo não é apenas o que se nos revela por seus atos presentes, daí muitas vezes encontrarmos falta de conexão entre uma causa e um efeito.

Estamos convencidos de que os fatos passados na idade pré-escolar têm grande importância na formação da personalidade dos indivíduos, mas não desconhecemos que a adolescência é um período crítico da vida e a natureza dos fatos passados nesta fase e mesmo mais tarde, conforme as resistências orgânicas do indivíduo, podem também causar-lhes muitos males.

Isto tudo é muito fácil de observar quando os indivíduos que observamos não se conduzem ostensivamente de modo normal. Apenas uma ação anormal recomenda o indivíduo à nossa observação e, daí por diante, ou aquela anormalidade se caracteriza perfeitamente em uma direção bem definida ou o fato observado constitui apenas uma casualidade.

Precisamos conhecer e saber observar os efeitos das perturbações psíquicas; não sabemos a frequência destes casos em nossos centros de formação, talvez mesmo eles

nunca tenham sido contados; estes casos são em número tão pequeno que, podem dizer os responsáveis, não vale a pena tantas preocupações. Um caso para o diretor de um estabelecimento com 1.000 alunos não tem valor, mas para o pai do aluno vale tudo.

O caso de um aluno, para o diretor, deve ter o valor que tem para o pai do aluno; para isto ele deve dispor de elementos especializados para tratar detidamente da matéria.

Quanto mais envelhecemos, mais se integra, se consolida a nossa personalidade ou se deteriora. Os conflitos são mais freqüentes na vida do adulto, mas ele possui, em geral, mais resistência, daí concluirmos que dos estádios do ciclo da formação do militar, o do Colégio Militar, seguido pela das Escolas Preparatórias, são os mais importantes sob o ponto de vista da personalidade. Não estão de forma nenhuma na mesma situação. O tratamento no primeiro assume a forma preventiva, enquanto nas E.P. é em geral corretivo.

Sobretudo o Colégio Militar, pela idade dos alunos que trata, em plena adolescência, deve constituir um viveiro de casos psicológicos delicados; por isto, é, sem contestação, um exemplo favorável à tese de que a formação do espírito militar do oficial deve começar neste estabelecimento porque também a adolescência é uma fase da vida do indivíduo em que é mais facilmente motivado e, portanto, conduzido, particularmente, na direção dos grandes objetivos.

Neste momento, precisamos pensar muito no espírito militar, pois ele constituirá a força que na derrocada manterá as Forças Armadas incólumes, altivas e por fim heróicas.

REVISÃO DAS CONDIÇÕES GERAIS PARA A EXPANSÃO DA INDÚSTRIA METALÚRGICA NO BRASIL

GLYCON DE PAIVA

Extraido, data vénia, do Digesto Económico,
de agosto de 1953.

"A ninguém é dado duvidar que o Brasil virá a ocupar posição de destaque em metalurgia e a Associação Brasileira de Metais muito pode contribuir para alcançá-lo a essa posição."

Proferiu-as, tais palavras, Robert Franklin Mehl, inaugurando a prática destas conferências ao discorrer sobre 'O Desenvolvimento da Metalurgia', a 27 de abril de 1944.

A segunda parte do vaticínio de Mehl encontra-se evidentemente verificada, dado ao papel que cumpre à ABM nos negócios metalúrgicos do Brasil; quanto à primeira, para concretizar-se, impõe-se certas condições, algumas de ordem geral, outras específicas. Daquelas hoje se fará revisão, que esperamos venha a ser de utilidade no enquadramento adequado da expansão da metalurgia em nosso país.

Nosso consumo aparente de aço é da ordem de 1.100.000 toneladas por ano, sendo 700 mil de produção interna e 400.000 de importação. Admitindo-se lei exponencial para incremento do consumo específico, extrapolando-a do passado, verificar-se-ia, em 1960, o consumo aparente de 2.500.000 toneladas. De outro lado, investigando-se a relação entre consumo de aço e volume de produção manufatureira geral, e admitindo-se constante dependência entre essas variáveis, encontra-se que o consumo aparente de aço, no ano de 1960, seria da ordem de 3 milhões de toneladas. A importâcia des-

sas cifras e a proximidade da data são justificativa bastante para que nos demoremos na revisão, ainda que sumária, de certos aspectos gerais dos quais depende a realização necessária dessa meta indispensavelmente ligada à nossa sobrevivência económica.

Ao ferir o tema que escolheu, buscou o Prof. Mehl esclarecer-lo pelo instrumento da história da evolução do conhecimento sobre a ciência dos metais, principalmente no campo da metalurgia física. Relembrou como através das investigações de Widmanstätten, de Viena, teve Sorby, da Inglaterra, no alvorecer do Século XIX, o entendimento de que o aço devesse ter estrutura semelhante à dos meteoritos. Prossegue a história relatada por Mehl com os capítulos sobre constituição das ligas, tratamento térmico dos aços, estrutura e plasticidade dos metais.

Ao desfilar, perante a I Reunião Geral, quadros da evolução da metalurgia, pontilhados de nomes dos grandes pesquisadores dessa Ciência, ponderou:

"Não se deve pensar que êsses trabalhos não tiveram relação com o bem-estar do povo: é sobre o trabalho de homens como êstes e de muitos outros, em outros campos da Ciência e da Engenharia, que repousa o mundo material de hoje, e é do exemplo dêles que nos servimos com crescente capacidade e honestidade de pensamento."

Na III Conferência Anual da ABM, a 12 de maio de 1947, em São Paulo, o geólogo Othon Leonardos recomenda a política mineral brasileira que, a seu ver, deve presidir a qualquer plano de valorização das jazidas e de acesso às minas. Passa em revista nossos recursos minerais marcantes: ferro, manganês, níquel e cobalto, cobre, chumbo e zinco, cromo, estanho e tungstênio, alumínio e magnésio, fertilizantes, hulha e petróleo. Recorda nossas possibilidades de potencial hidráulico e menciona o interesse, então nascente, pelas matérias-primas para produção de energia atômica. Finalmente lança um dodecálogo de que destacamos cinco pontos:

- a) Cumpre exportar com prudência os produtos minerais *in natura*;
- b) Não é lícito, nem politicamente possível, vedar às potências industriais o acesso às nossas matérias-primas minerais;
- c) A base de uma política mineral sob o signo de segurança é a avaliação cuidada das nossas possibilidades, determinando-se reservas, teores e condições de aproveitamento industrial dos depósitos;
- d) Importa criar um "Fundo Nacional de Pesquisas";
- e) Convém atrair capital estrangeiro para a mineração, dando-lhe as garantias possíveis.

Na IV Conferência Anual, a 31 de maio de 1948, falou Ari Tôrres sobre "Alguns Aspectos da Evolução da Técnica no Brasil". Fere os temas do ensino técnico, equipamento industrial, mão-de-obra, capital para indústria e planejamento.

Conclui com o citado Prof. Mehl: "a educação é a verdadeira e única base do desenvolvimento industrial, coisa freqüentemente esquecida por homens de negócios e industriais, sempre mergulhados no mundo das finanças"; e "os brasileiros não poderão construir uma economia nacional forte, baseando-se, sobre tudo, na importação de produtos industriais estrangeiros, ou de pro-

dutos fabricados nas ramificações locais das companhias estrangeiras. Sob o ponto de vista do ensino técnico como condição de desenvolvimento industrial, julga que "a engenharia no campo da produção consiste em uma série de especialidades".

No tocante a laboratórios, salienta a dispersão de esforços então existente e a falta de coordenação da atividade de pesquisa. Para maior eficiência de resultados revive a idéia da criação de um conselho Coordenador de Pesquisas Técnicas, manifestando-se esperançoso quanto aos benefícios que decorriam de um simile brasileiro do National Research Council.

No campo das normas técnicas, é de opinião achar-se o Brasil orientado e bem apoiada a indústria.

Reclama contra os erros que se cometem ao projetarem-se fábricas por amadores ou por homens apenas providos de entusiasmo, sem estudo básico de fatores, como capacidade de absorção do mercado, matéria-prima, disponibilidade e custo de energia, combustível, mão-de-obra e localização adequada. Encarece o papel dos *consulting engineers* para quem cumpre apelar para remate de projetos.

No tocante à mão-de-obra, cita Roy Nash: "uma civilização industrial não poderá ser construída por um proletariado analfabeto". Segundo Tôrres, impõe-se ampla revisão da legislação trabalhista, no sentido de simplificar formalidades e aumentar a produtividade, sem prejuízo das conquistas sociais.

Aponta a índole isolacionista do capital estrangeiro quando aqui aplicado. A ele manifesta-se favorável, embora nêle reconheça dificuldade de cruzamento com o capital nacional.

Quando trata de planejamento, suas palavras adivinham a função que ora exerce, de Presidente da Secção Brasileira da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para Desenvolvimento Econômico:

"Industrialização é apenas um capítulo de um programa de reerguimento econômico. Nada de

apreciável resultará se a estrutura geral não acompanhar os esforços nela concentrados". Naquela época o *Plano Salte* dominava os espíritos e discutia-se a conveniência da intervenção do Governo em planificação.

Entende Torres que, "havendo recursos e desde que convenientemente justificada do ponto de vista técnico e económico, não vejo como não se poderá aplaudir uma iniciativa que visa a estabelecer ordem de prioridade e disciplinar a execução de obras e instalações indispensáveis ao progresso brasileiro".

Finalmente, lança o Prof. Ari Torres a idéia da fundação de um departamento de fomento industrial, mais tarde Ministério da Indústria, com a finalidade:

a) Inventário das lacunas industriais existentes;

b) Promoção do abastecimento de energia e de matéria-prima, de transporte e de facilidades portuárias;

c) Preparo do elemento humano para industrialização.

Cumpre notar que o segundo ponto do programa, que recomenda: promoção de serviços de caráter infraestrutural, acaba de ser planejado e parcialmente financiado sob sua direção como Presidente da Secção Brasileira da Comissão Mista, assim como o terceiro, mediante um programa de assistência técnica e de treinamento de bolsistas nos Estados Unidos, também a cargo da mesma Comissão.

Responsável pela VIII Conferência Anual, um notável homem de empresa o engenheiro de minas José Hermírio de Moraes, discorreu na tribuna há pouco, sobre "A Metalurgia como Fator de Desenvolvimento de uma Nação". São tópicos conspícuos de sua cuidada exposição:

a) A produção de metais é fundamental para a realização de um programa básico industrial e agrícola, vigoroso e independente;

b) O mundo rapidamente caminha para o escoamento de muitos de seus minérios;

c) Dos 40 metais usados, apenas 8 são quantitativamente suficientes para servirem de elementos básicos;

d) Se bem avançarmos no campo mineiro e produzirmos certos metais, não precisaremos oferecer favores, às vezes desabridos, para realizar programas de reerguimento económico;

e) Até agora temos exportado minérios com resultado pouco remunerador;

f) As leis de minas do Brasil merecem atualizadas, de acordo com as necessidades da indústria mineira e metalúrgica;

g) Importa reaparelhar as escolas de minas e de metalurgia a fim de preparar homens com conhecimentos e requisitos necessários ao adestramento do país para aproveitamento da própria riqueza mineral;

h) Enquanto isso se não concretizar, convém um programa de bolsas de estudo nunca inferior a 50 por ano, financiados os bolsistas pelo Governo e por particulares, de modo a estudarem no exterior química, física, geologia, petróleo, geofísica e metalurgia.

A seguir, enumera minérios a serem aqui industrializados, para que melhor possa o Brasil enfrentar o progresso: ferro, cobre, níquel, estanho, zinco, chumbo, alumínio e magnésio, petróleo, carvão e gás natural. Conclui, desejando que surja uma era de compreensão para os particulares e para os dirigentes, a fim de que se volte o pensamento nacional, firme e enérgico, para nossas fontes de riqueza.

Revendo afirmativas desses autores, para nelas distinguir condições gerais de expansão da indústria metalúrgica entre nós, cumpre salientar as seguintes:

1) É base de uma política mineral a avaliação cuidada das nossas possibilidades, determinando-se reservas, teores e condições de aproveitamento industrial das jazidas;

2) A educação é o fundamento do desenvolvimento industrial;

3) Impõe-se ampla revisão da legislação trabalhista, no sentido de simplificar formalidades e aumentar a produtividade, sem molestar conquistas sociais;

4) É indispensável o concurso do capital estrangeiro no aproveitamento racional de nossos recursos;

5) Há um certo número de serviços gerais que importam reabilitados como condição de desenvolvimento de qualquer indústria, principalmente a metalúrgica;

6) A educação técnica no campo da mineração e da metalurgia é fundamental à expansão da indústria, assim como à adaptação das leis mineiras, para a valorização mais acelerada dos nossos recursos de subsolo.

A convite da citada Comissão Mista, o Prof. Mehl, em resposta ao que lhe foi perguntado: "Como orientar a expansão da siderurgia brasileira?", escreveu um "Relatório sobre a Indústria Metalúrgica Brasileira, com um comentário sobre a indústria mineira correlata".

Em face da complexidade do tema, o eminente cientista americano tomou o caminho de esclarecer a Comissão sobre o assunto da pergunta enunciando quinze princípios gerais. Desses sumariamos os de cunho marcante:

a) A elevação do padrão de vida do povo brasileiro depende da expansão da indústria siderúrgica;

b) O planejamento dessa expansão não deve levar em conta as possibilidades transitórias da presente conjuntura de lucros anormais;

c) Importa preparar a capacidade produtiva da Nação para casos de emergência, mas deve-se fazê-lo de modo a evitar uma indústria ineficiente e antieconómica;

d) Por enquanto, é mais útil a produção de aços comuns do que a de aços especiais;

e) O problema básico da indústria siderúrgica brasileira é o de recursos e métodos para incrementar a produção de aços comuns;

f) É preferível contar-se com poucas unidades de produção de

maior capacidade do que um grande número de pequenas unidades;

g) As diretrizes governamentais devem cuidar de manter concorrência entre os produtores de aço em plano equitativo;

h) Importa decidir qual o grau de especialização desejável para os produtos metalúrgicos brasileiros;

i) Caso se estabeleça uma indústria de aços especiais, deverá ela concentrar-se em poucas usinas e não disseminar-se por muitas;

j) É preferível uma indústria metalúrgica que possa competir com as importações mediante proteção razoável, a uma indústria que queira proteção descabida;

l) Deve-se dispensar atenção às matérias-primas e aos produtos facilmente exportáveis, a fim de se conseguirem divisas para financiamento da expansão da indústria metalúrgica;

m) É importante um constante fluxo de conhecimentos técnicos oriundos do estrangeiro;

n) Merecem atenção o treinamento de operários, mestres e engenheiros e o apoio às sociedades técnicas.

No tocante a matérias-primas minerais, o Prof. Mehl recomenda:

a) Elaboração de planos a longo prazo para o estudo dos recursos minerais do país, de modo a dar tempo suficiente para a execução segura de toda a seqüência necessária de operações para o levantamento acurado desses recursos, assim como para dar um certo grau de estabilidade ao mercado de serviços especializados que seriam prestados por firmas brasileiras e estrangeiras de prospecção;

b) Preparo de planos governamentais de perfuração para definição de jazidas, de modo a assegurar mercado certo a firmas capazes, que assim se empenhariam nesses programas de definição de reservas e teores. Um plano dessa natureza, bem conduzido, poderá proporcionar amplo conhecimento dos recursos brasileiros quanto a minérios metálicos em tempo relativamente curto;

c) Providências do Governo Brasileiro para que encontre meios de

pagar razoavelmente aos geólogos e engenheiros de minas de que necessita para esclarecer a potencialidade do subsolo do país.

Ponto crucial tocado pelo metalurgista americano é o da situação mundial quanto a carvão mineral. Em sua opinião, qualquer expansão essencial da indústria siderúrgica brasileira será baseada sobre produção de gusa a coque. Conhecidas as limitações das nossas bacias carboníferas segue-se que tal expansão substancialmente dependerá de carvão estrangeiro. Ora, a proporção de carvão coqueificável em relação à reserva mundial de ulha é inferior a 15 %. Assim, a não ser que as condições se modifiquem pelo surgimento de novas técnicas, não parece certo poder-se contar, em futuro mais ou menos remoto, com essa importação de carvão mineral. Daí, o significado de uma política de longo alcance de escambio de minério de ferro e carvão, a fim de manter compromissos firmes quanto à disponibilidade de combustível siderúrgico.

No que se refere a transporte, a nossa conjuntura, segundo Mehl, assume proporções extremamente graves, impedindo a expansão da indústria siderúrgica. "Deve-se envidar", diz ele, "o máximo de esforços no sentido de melhorar o atual sistema de transportes do Brasil, importante para todas as indústrias, particularmente para a metalúrgica. É muitíssimo duvidoso que a indústria brasileira possa desenvolver-se muito além de suas atuais condições sem a correspondente melhoria das ferrovias".

Todavia o Prof. Mehl está de acordo em que a expansão da indústria siderúrgica brasileira é problema muito complexo, porque o Brasil sujeita-se a contingências econômicas que lhe são próprias: grandes reservas potenciais de energia elétrica, pouco carvão, pouco óleo combustível, grandes potencialidades de carvão vegetal, transporte inadequado, grandes reservas de minério de ferro e mão-de-obra inexperiente. Para essa con-

juntura brasileira, a experiência alheia é critério incerto.

Como não poderia deixar de ser, a enumeração de Mehl contém as condições gerais anteriormente enunciadas pelos conferencistas da ABM. Porém sua lista é mais completa e ordenada, uma vez que deriva de estudo despretado por pergunta especificamente formulada.

A publicação da Organização das Nações Unidas: "Estudo da Indústria Siderúrgica e Relatório da Reunião de Especialistas Convocada pela Comissão Econômica para a América Latina" apoia-se, em grande parte, sobre 91 trabalhos submetidos à Conferência de Bogotá em outubro do ano passado, que reuniu mais de uma centena de especialistas. Dêsse estudo é possível destacar-se um certo número de conclusões condizentes com o assunto da exposição.

O ensaio da CEPAL sobre 7 países latino-americanos: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela, que já possuem atividade siderúrgica ou planejam desenvolvê-la.

Lançando mão da documentação técnico-econômica oferecida pelos congressistas de Bogotá, os especialistas da CEPAL investigaram as possibilidades econômicas de certo número de usinas siderúrgicas ideais integradas, distribuídas pelos aludidos países. Sua linha de produção, assim como a capacidade, foram imaginadas em harmonia com as exigências dos respectivos mercados nacionais. Seriam localizadas essas usinas em San Nicolas (Argentina), Volta Redonda, Huachipato (Chile), Belencito (Colômbia), Chimbote (Peru) e Barcelona (Venezuela). Para termo de comparação dos estudos econômicos, supõe-se uma usina siderúrgica na costa Atlântica dos Estados Unidos, em Sparrows Point.

Dessa bem fundamentada investigação surgiram certos resultados que, a nosso ver, refletem condições gerais de sobrevivência e de ampliação da indústria siderúrgica aplicáveis entre nós, motivo pelo

qual vale a pena citá-los, ainda que resumidamente.

Antes da enumeração, mencionaremos uma consideração sobre estabelecimento ou não da indústria siderúrgica e balanço de pagamentos e outra sobre relação entre renda nacional e consumo de aço.

Sob o ponto de vista de balanço de pagamentos, cumpre examinar as vantagens econômicas relativas à produção indígena de aço, ou a alternativa de importação, isto é, cumpre resolver o seguinte problema: a produção de certa quantidade de aço em determinado país é mais ou menos vantajosa do que a importação da quantidade correspondente?

A resposta depende do seguinte: se a produção de aço significa ou não utilização de fatores de produção que de outra maneira poderiam se aplicar na produção de bens exportáveis, com mercado fácil no estrangeiro, ou mesmo para produção de outros artigos de importação. Em países como o Brasil, acontece o seguinte:

a) A produção de aço tende a aumentar a renda nacional do país sem impedir a produção de bens capazes de proporcionar divisas;

b) A falta de elasticidade da procura mundial dos bens normalmente exportados do país é tal que o aumento da produção desses bens não se traduziria efetivamente em incremento substancial da disponibilidade cambial.

Essa situação é naturalmente indicativa das vantagens da expansão da metalurgia indígena.

De outro lado, tem-se tratado de investigar a relação existente entre renda nacional *per capita*, capitalização, e consumo específico de aço. Entre renda nacional, avaliada em dólares (R) e consumo específico de aço em quilos (C), a CEPAL encontrou a seguinte expressão linear:

$$C = 0,17 R + 0,57$$

O que dá para o Brasil o consumo específico de pouco mais de 20 kg.

Na América Latina as inversões se efetuam principalmente através das importações de bens de capital e edificação de obras públicas. A representação paramétrica das primeiras se fará pelo índice das importações *per capita* desses bens, da segunda pelo consumo específico de cimento.

A relação entre consumo de aço (C) e importação de bens de capital, *per capita* I, encontrada pela CEPAL, é a seguinte:

$$C = 1,519 I + 7,3$$

Da mesma forma, uma relação entre consumo de aço (C) e consumo de cimento (Q), segundo a mesma CEPAL, vem dada pela fórmula:

$$C = 0,487 Q + 2,7$$

Finalmente, uma relação entre consumo de aço (C) e os três índices anteriores é a seguinte:

$$C = 0,108 R + 0,622 I + 0,023 Q + 0,418$$

Cumpre esclarecer o conceito capacidade de importar. É produto do índice relativo ao volume físico das exportações pelos termos de troca. Significa o volume dos bens que um país pode importar com a renda obtida de suas exportações. No caso brasileiro, estudando-se as variações entre preços de aço e preços de café, nos últimos 25 anos, verifica-se que os termos de troca baixaram do nível de 1925 para um mínimo em 1938, quando, com 1 tonelada de café apenas se comprava 2,7 t. de aço, ao passo que em 1950, com uma tonelada de café passou-se a adquirir 12 toneladas de aço. Esse aspecto geral da curva dos termos de troca é mais ou menos característico para os produtos de exportação sul-americanos, comparados com o aço, a saber: algodão, petróleo, estanho e cobre, mas nenhum deles é tão acusado como no caso do café.

Explicados esses preliminares cumpre destacar certas conclusões

gerais a que chegaram os economistas da CEPAL:

I — A maioria dos países cujos mercados foram estudados vivem em situação deficitária quanto a abastecimento de produtos de ferro e aço.

II — A capacidade da usina siderúrgica é o fator individual de maior influência na formação dos custos dos produtos siderúrgicos. O custo de produção da tonelada de aço e a capacidade da usina variam em sentido inverso. Dessa maneira, há vantagem de que a capacidade das usinas seja máxima desde que compatível com o mercado. Essa condição, por sua vez, redonda em anelos maciços de capital para estabelecimento da indústria siderúrgica.

A CEPAL estimou custos de produção de gusa e lingotes para várias usinas hipotéticas de capacidade variável entre 50.000 t. por ano e 1.000.000 de toneladas por ano, mantidas iguais todas as restantes variáveis desse custo.

Do gráfico dos resultados da investigação verifica-se que sendo 100 o índice do custo de produção do gusa na usina de 50 mil toneladas, é de apenas 68 na usina de 250.000 toneladas, de 63 na de 500 mil toneladas e de 55 na de 1.000.000 de t. As mesmas cifras, para lingotes são, respectivamente, 100, 61, 53 e 50.

III — A inversão específica por tonelada de gusa e de lingotes varia com o tamanho da usina. Da mesma maneira, sendo 100 a inversão específica por tonelada de lingotes, para uma usina de 50 mil toneladas, é de apenas 79 para a de 250.000 toneladas, de 74 para a de 500.000 t. e de 70 para a de 1.000.000 de toneladas.

IV — A inversão específica por tonelada-ano varia entre 490 dólares para uma usina de 50 mil toneladas anuais e 355 dólares para uma usina de 850 mil toneladas por ano.

V — A capacidade crítica de uma usina na América Latina varia de 150 a 230 mil toneladas de lingotes por ano.

VI — Pode-se dizer que os países que contam com matéria-prima nacional para produzir aço, ainda que apenas minério de ferro, mesmo que venham a montar usinas de pequena capacidade não inferior a 50 mil toneladas por ano, usufruirão de uma economia de divisas de até 50 % do valor do aço que seria importado se tais usinas não existissem.

VII — Todavia, para usinas de capacidade inferior a 200 mil toneladas, o custo de produção na usina indígena será sempre maior do que o aço importado.

VIII — A economia de divisas com a produção siderúrgica indígena é variável entre 43 % a 57 %, em relação ao dispêndio que, de outra maneira, deveria ser feito com a importação pura e simples do produto acabado.

IX — Os custos de produção de certas usinas latino-americanas existentes ou previstas, serão, à medida do aumento da produtividade, praticamente iguais aos correspondentes das usinas localizadas na costa atlântica dos Estados Unidos. Atualmente, o custo de produção dessas usinas latino-americanas é, em média, de 22 % mais elevado do que uma usina ideal em Sparrow Point, nos Estados Unidos, tomada como termo de comparação.

X — Os custos de reunião das matérias-primas para a indústria siderúrgica na América Latina são dos mais altos, representando entre 20 a 44 % do preço do lingote. Os custos mais elevados da reunião recaem sobre aquelas usinas que se preocuparam em bem situar-se em relação ao mercado.

XI — Consideradas usinas semelhantes, localizadas nos países latino-americanos ou na costa atlântica dos Estados Unidos, produziriam este aço a preço baixo, mas essa comparação não teria sentido, uma vez que nos Estados Unidos se trabalha em maior escala e a especialização é maior, daí resultando custos menores. Mas se ao custo de produção nos Estados Unidos se acrescentar o de transporte para os mercados latino-americanos, verificar-se-á a vantagem da

produção nas usinas sul-americanas. Esse distanciamento de fonte de produção americana constitui proteção suficiente para as indústrias siderúrgicas de dimensões compatíveis com a maioria dos mercados latino-americanos.

XII — Embora a siderurgia requira capital elevado por unidade de produção, as múltiplas indústrias dela derivadas têm um rendimento por unidade de capital muito mais alto. Assim, o problema siderúrgico deve ser visto em conjunto, principalmente sob o ângulo da necessidade de substituir a importação por produção interna, a fim de permitir crescimento da renda nacional mais rapidamente do que a capacidade de importar.

XIII — A relação entre o capital invertido e o valor adicionado às matérias-primas através do processo produtivo, isto é, o coeficiente de inversão, é relativamente alto na indústria siderúrgica latino-americana e proximamente igual a 5.

XIV — A produção de aço em usinas bem localizadas não requer tarifas protecionistas a não ser nos primeiros anos de produção durante os quais a produtividade é seguramente inferior à dos países estrangeiros.

XV — Entre os fatores que aconselham o estabelecimento da indústria siderúrgica indígena figura o da regularidade da disponibilidade de aço.

Entre as condições gerais da expansão da indústria metalúrgica, foram mencionadas como fundamentais aquelas ligadas aos vários aspectos do transporte do país, principalmente o ferroviário e o marítimo.

Nunca é demasiado insistir sobre a importância desses serviços, ditos de infra-estrutura, que se caracterizam por grandes investimentos com produtividade direta pequena e grande produtividade indireta. Esse cunho faz com que deles se afaste o capital privado, e sobre o governo recaia o ônus do preparo da infra-estrutura econômica do país, preliminar indispensável para o florescimento das em-

presas, como a seguir vem referido.

O estado de progresso de um país se pode medir pela consideração do capital disponível por habitante. Índices reduzidos de capital per capita denotam atraso, de modo que o desenvolvimento econômico avalia-se pelo aumento do capital per capita. Se esse índice permanece estacionário ou regredir, então o país caminha para o subdesenvolvimento, porque o processo de formação de capitais é insuficiente para compensar-lhes o desgaste e o aumento de população. Nesse caso, o consumo absorve a totalidade ou a maior parte da produção, consumo esse de si dada sua pequenez... Por outras palavras, nos países subdesenvolvidos a tendência é para não haver poupança.

O drama dos países subdesenvolvidos é melhor compreendido pela explicação do círculo vicioso em que vivem:

O regime de poupanças insuficientes da população redonda em escassez de capital. A escassez de capital acarreta produtividade baixa da população, se em regime de pleno emprégo. Produtividade baixa dá lugar a renda per capita diminuta e esta é incapaz de gerar poupanças, fechando-se, assim, o círculo.

O único meio conhecido de romper-lo é pelo instrumento de investimento produtivo. Investimento produtivo é uma aplicação de capital, de fonte interna ou externa, ou mista, tal que a taxa de capitalização líquida por homem-hora em situação de pleno emprégo seja superior à taxa líquida de reprodução demográfica.

O Governo Brasileiro, compreendendo essa situação, constituiu entre 1950 e 1952 um organismo complexo, formado pela Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para Desenvolvimento Econômico e pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, para ativar a economia do país mediante o instrumento dos investimentos produtivos. No discurso comemorativo do biênio do

governo, o Executivo esposou-o, como programa nacional.

A tarefa da Comissão Mista, preparo de pedidos de empréstimos relativos a investimentos produtivos de caráter infra-estrutural, encontra-se terminada. Traduzida em publicações, serão 5.000 páginas impressas, subdivididas por 12 volumes. No seu conjunto, é um plano que supõe inversão de 21 bilhões de cruzeiros, dos quais 7,8 em dólares (381 milhões de dólares), relativos a 23 projetos ferroviários, projetos de reequipamento da frota governamental de cabotagem, melhoria de portos, além de instalação de quase 800.000 kw e diversos outros projetos menores. Até agora foram efetivados empréstimos em dólares pelos bancos governamentais de Washington, para o fim em vista, no montante de 123 milhões ou 32 % da parcela dólar necessária ao financiamento do Plano; de parcela cruzeiro a ser atendida pelo Banco do Desenvolvimento, foram contratados 10 % do financiamento necessário ao mesmo Plano. No presente momento mais 16 % da parcela dólares do Plano da Comissão Mista estão sendo contratados em Washington, elevando o sucesso do financiamento em moeda estrangeira para 48 % do montante necessário ao plano.

Como se vê, 37 % dos dispêndios previstos deverão ser efetivamente pagos em dólares ou moedas outras de países industriais sem o que o plano se não cristalizaria. Essa é demonstração simples da absoluta necessidade de capitais alienígenas, públicos e privados, para que se quebre o círculo vicioso do subdesenvolvimento.

Se a Direção do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico bem compreender, com clareza e patriotismo, esse fenômeno de ruptura do subdesenvolvimento pelo mecanismo do investimento produtivo e, principalmente, se demonstrar coragem cívica para distinguir o investimento assistencial, de caráter político-demagógico, o Brasil poderá escapar ao impasse em que se encontra e criar uma conjuntura de oferta de serviços infra-estruturais como condição geral indispensável ao florescimento da siderurgia, de modo que se alcance, por fim, aquela cifra exigida pelas nossas necessidades, de 3 milhões de toneladas de aço em 1960, e efetivamente se cumpra o que resta cumprir, do vaticínio do eminentíssimo professor do Carnegie Tech:

"Que o Brasil virá a ocupar posição de destaque em metalurgia."

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 124-C — CAIXA POSTAL, 1239
END. TEL. "RIOINCO"

Gerência, 23-0556 — Subgerência, 43-1112
Contadoria, 23-2320 — Cobranças, 43-9780

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE
(N. 6)

Geografia e História Militar



NON-DUCOR, DUO

JOAQUIM THOMAZ

(Especial para *Defesa Nacional*, ao ensejo do
IV Centenário da Cidade de São Paulo)

A Nação inteira está acompanhando com o mais vivo entusiasmo a febril preparação de São Paulo para as comemorações que lhe irão marcar o quarto centenário de nascimento.

Por toda parte se ouve o retinir dos martelos, o éco das vozes obreiras que se emulam no trabalho diário de construir os palácios que ostentarão, nos dias vindouros de janeiro próximo, a grandeza fabril de São Paulo, a cultura de seu povo e o seu formidando poder econômico, resultante do esforço de todos os paulistas, para que São Paulo, sempre e constantemente, lidera o próprio progresso mental e material do Brasil.

Será, decerto, um espetáculo de magnificência inesquecível esse que se projeta dentro da mais vertiginosa das cidades brasileiras que irá celebrar com os canticos mais festivos e os hinos mais retumbantes, os quatrocentos anos de sua fundação. São Paulo teve,

desde o seu primeiro instante de vida, a perspectiva de um grande destino. Deu-lhe o alento inicial, o sopro vivificador, o impulso primeiro, não a espada de um guerreiro ou a prosápia de um conquistador, mas, sim, a bênção fecundante da mão de um santo, de um santo que atraía o índio, amansava a fera, tirava o veneno às serpentes, curava os enfermos, ressuscitava os mortos, e que na sua humilde roupeira de jesuíta ia, de taba em taba, levando o Alfabeto e o Evangelho como luz para os espíritos e bálsamos para as almas, plantando por onde passava uma sementeira de esperança, um trigal de sonhos, um sulco de vida perene.

Dito santo era Anchieta, soldado e depois General nas hostes da Companhia de Jesus.

Dizer-se o que foi o seu apostolado sumamente operoso e sumamente heróico nas broncas selvas invias de Piratininga nos remotos dias de 1554 a 1565, como

simples irmão leigo, e depois durante mais sete asperríssimos anos de sacerdote, quando enfrentava a ferocia das tribos e os perigos que enchiham os ermos, desde a cobra solerte até as panteras e as onças traícoeiras que infestavam a mata milenária, sem mencionar as febres que saiam e levavam a Morte a todo lugar, é coisa que nunca será demasiada, pois que desse mesmo apostolado, desse mesmo incrível espírito de renúncia, de altruismo, de desapego e desambição, se originou a cidade cíclonica, alta e bela, gloriosa e rica, que se ostenta no mapa brasileiro, como sendo a décima-primeira metrópole do mundo. Plasmou-a um espírito predestinado como o de José de Anchieta, entrelaçando, nas mesmas paredes de pau a pique do colégio de taipas, erguido sob o orago do Apóstolo das Gentes, as vergas de aço e de ferro que haviam de erguer, mais tarde, os monstros de cimento armado da urbs fabulosa. E, assim, São Paulo se levantou da palma da mão desse humilde inaciano que a si mesmo se chamava de "inútil", quando nêle obrava a graça de Deus e que o influxo de Sua divina complacência e do Seu divino poder dava-lhe ânimo e persistência para desbravar almas, cativando-as para que tivessem um Deus diferente de Tupã, que nasceria do temor, do medo, da covardia do índio, era tão diferente daquele outro Deus de Anchieta, que se fazia conhecer pelo amor, pela cordura, pela misericórdia, e que tendo nas mãos todos os elementos de destruição, — como o ráio, a chuva, o vento — deixava que todas estas coisas pudessem ser domadas pelo fragil balbúcio de uma prece saída dos lábios da criatura que Ele fizera à Sua imagem e semelhança.

Mas, voltando à cidade de São Paulo, fundada vinte e quatro anos mais tarde que a Vila de São Vicente e vinte e cinco anos depois da Vila de Santo André da Borda do Campo — façanhas estas de Martim Afonso, que teve a auxiliá-lo na segunda aquele inte-

merato João Ramalho, de tão auspíciosa memória — o que podemos dizer é que ela bem mereceu um tal fundador, um tal destino, uma tal sorte: o fundador, um santo; o destino, o de ali se erguer uma pléiade de brasileiros, que engrandeceram ontem e hoje o renome da Pátria; a sorte, que lhe provém da ventura de ser inquestionável e irretorquivelmente o primeiro Estado da Federação Brasileira.

E eis ai São Paulo na moldura das suas grandes coisas, na efígie de sua tradição gloriosa, na imagem de um porvir que todos divisamos surpreendente porque sabemos qual a sua gente e do que é ela capaz. Decerto que os filhos de todos os demais Estados — e o número de todos eles é infinito — se emulam com os piratinianos na obra ingente e constante de fazer São Paulo cada vez maior, mais próspero, mais civilizado. A ajuda estrangeira cutro tanto se acomete com o incrementar de novas levas de imigrantes vindos, principalmente, da Itália e de Portugal, que se radicam em São Paulo e ai trabalham e prosperam de modo promissor e fraternizador, confundindo-se com os naturais da terra que com eles se ombreiam nas fábricas, nos escritórios, nos balcões, nas profissões científicas, sem que ninguém se dê por prejudicado ou preterido. O espírito dinâmico do povo paulistano é, igualmente, altruista. Ama acolher, auxiliar, benfazer, sem olhar a quem faz, a quem auxilia, a quem acolhe. O desencanto de certos trabalhadores da lavoura que vão para São Paulo e de lá voltam mais necessitados do que foram lhes vem justamente do acúmulo de lavradores que para lá se transportam em busca do Eldorado. Todos querem ir para São Paulo sem olhar se existe ou não trabalho que dê para quantos queiram trabalhar. Embarcam com mulheres e filhos, sem consultar a ninguém, para qualquer parte do grande Estado e mais das vezes voltam de mão abanado. Houvesse antes, quem os contra-

tasse e os localizasse, segundo as necessidades de cada zona e de acordo com as tarefas a serem executadas, decreto que a lotação nunca seria excedida e haveria ganho para muita gente. O que é impossível é São Paulo receber todos quantos queiram trabalhar na lavoura, excedendo o número das suas possibilidades e agravando sobremodo uma crise que se tornou de rotina, como seja essa da volta diária dos que se desencantam com a falta de trabalho bracal naquela unidade federada.

No momento em que escrevemos estas linhas, São Paulo — que se acha no pódio das grandes comemorações do IV Centenário da fundação de Piratininga e se prepara, como já o dissemos, para viver grandes dias de júbilo por motivo da data faustosa de 25 de janeiro próximo — está chamando a atenção de todo o orbe para a classificação que lhe deu o "Shopping News", de Nova York, como sendo a décima primeira metrópole do mundo e a cidade mais populosa do Brasil.

Mais nova, que São Vicente, que Olinda, que Salvador, fundadas, respectivamente, por Martim Afonso em 1532, por Duarte Coelho Pe-

reira em 1535; e Thomé de Souza em 1549; São Paulo é mais antiga do que Rio de Janeiro, apenas, onze anos. Essa diferença, contudo, não a faz ficar mais velha que a Capital do País, e nem também lhe serve de diminuição em coisa alguma. Antes pelo contrário, ela se mostra esplendidamente moça, hígida e bela, na comunhão perfeita de todas as capitais brasileiras no ostentar a grandeza e o progresso da nossa Pátria comum.

Irresistivelmente a força econômica do grande Estado cafeeiro se reflete por inteiro na pujança dos milhares de estabelecimentos de toda a ordem que fazem de São Paulo — Capital e de São Paulo — interior dois motivos de permanente orgulho: o primeiro deles, do Brasil, por possuir uma das mais modernas e opulentas cidades do mundo; e o segundo por terem os filhos de São Paulo uma terra, sem detrimento às demais, que, longe de ser conduzida, conduz. Conduz nos que queiram segui-la aos altos páramos do trabalho que faz a riqueza e da Fortuna que faz o homem feliz bendizer a vida, recebendo-a como uma dádiva do céu!

NEVACO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

NEVA LTDA.

Departamento Técnico

SAO PAULO — Largo Paissandú, 51-5º. Expos.: Rua Carneiro Leão, 678
Fones: 33-7685, 36-2026, 35-2901

RIO DE JANEIRO — Av. Rio Branco, 39-17º — Expos.: Rua Sá Freire, 103
Fones: 43-0031, 23-1449

Máquinas Operatrizes, Ferramentas, Instrumentos de Audição, Projetos Industriais

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS

(N. 5)

A CORRENTE

EPISÓDIO DA CONQUISTA DO ACRE

Ten.-Cel. JOSÉ J. CAMERINO

Comemorou-se, em 17 de novembro último, o cinqüentenário da anexação do Acre.

Luta cheia de heroísmo e bravura, sustentada por um punhado de brasileiros indomáveis, esquecidos e incompreendidos em plena selva amazônica, mas alentados por sagrado sentimento de patriotismo e fé na grandeza da sua causa.

Justo e oportuno, pois, recordar com admiração e orgulho, um dos feitos mais memoráveis desses homens interematos que souberam, com coragem e arrojo, suplantar todas as dificuldades.

Dia 15 de janeiro de 1903. Plácido de Castro — "a alma, o cérebro, o braço executor" — da libertação acreana, acha-se ante "Puerto Acre", sitiada.

Após o primeiro combate, embora a sua intuição de Chefe já presinta os alvos da vitória, sabe bem que, para assegurá-la, necessita de mais munição e material de campanha.

Urge obter êsses recursos, que podem ser adquiridos em Caquetá, com a venda de cinqüenta mil quilos de borracha da melhor espécie, tomada pelos revolucionários ao se apossarem, em Volta da Empresa, do vaporzinho boliviano "Afuá", que foi transformado no transporte de guerra "Independência".

Para isso, seria preciso descer rapidamente o rio Acre e forçar toda a extensão das duas margens ocupadas pelos defensores da cidade que, copiando os paraguaios em Humaitá, tinham fixado grossa cadeia de ferro interditando o curso da navegação.

O "Independência" não poderia rompê-la. Uma decisão audaciosa se impõe: É preciso limá-la, mesmo dentro d'água e à vista do inimigo!

Reproduzimos, de Pimentel Gomes, em "A Conquista do Acre", o relato de semelhante façanha:

Na manhã seguinte, 16 de janeiro de 1903, deu-se o mais espetacular feito da campanha. Salinas Viegas explicou aos seus subordinados do que se tratava. A corrente estava além, cruzando o rio. Os bolivianos ocupavam as duas margens. Tratava-se de nadar até lá, com uma lima na mão. Cavalgar a corrente e limar um elo sob o fogo do inimigo. Se o primeiro não conseguisse ultimar o serviço, seria sucessivamente substituído pelo segundo, terceiro, quarto... décimo... vigésimo, se necessário. Era um verdadeiro suicídio. Mas o Brasil precisava do caminho livre para que o "Independência" fosse até Caquetá, levando borracha com que se pagariam as munições.

— Estão prontos?

— Estamos.

— Segue então o primeiro.

Um soldado se adiantou, recebeu uma lima e mergulhou nas águas barrentas do Acre. Vimo-lo descer lentamente. Os bolivianos começavam a atirar. O herói alcançou a corrente e cavalcou-a. As balas batiam à direita e à esquerda, penetrando ou ricochetando no nível do rio. Tranquilo, cantando uma marcha de guerra, o soldado, indiferente, sob o olhar emocionado da companhia, desgastava o elo esculpido. Súbito, agitou-se, pondo a

mão no peito. Fôra atingido. Inutilmente procurou equilibrar-se. A lima lhe escorregou das mãos. Pendeu para a frente, debateu-se e desceu na correnteza.

— Outro! disse Salinas Viegas com voz surda.

Avançou mais um soldado, fez um gesto de despedida e mergulhou. Os bolivianos atiravam. Uma vez por outra sua cabeça assomava sobre as águas. Respirava e se orientava. Atingiu a corrente. Galgou-a e começou a limar, sob a fuzilaria nutrita. De repente, estremeceu todo, deu um grito, caiu e afundou.

— Outro!

Sorrindo, novo voluntário pulou náguia e nadou varando o fogo cerrado dos sitiados. Desviei a vista, emocionado. Quando tornei a fixá-lo, já estava trabalhando febrilmente, enquanto as balas graniavam.

— Talvez consiga.

— Talvez.

— Deus queira.

Mas lá tombava para diante, as mãos se desprendiam e o soldado, sem apoio, rodava, de bubuia, bracejando desordenadamente.

— Outro! murmurou com voz quase imperceptível o Capitão Salinas.

O seguinte homem lança-se náguia e nada, tiroteado. Vimo-lo cantando e limando o elo, o maldito elo que não cedia. De súbito, agitou um braço atingido. Ainda quis continuar apenas com o braço esquerdo. Não o conseguiu porém, e imergiu sob uma saraivada de balas.

— Outro!

Antônio Cesário se antecipou e com um gesto de despedida, foi entrando no rio.

— Você, homem?

— Também sei morrer pelo Brasil.

Nadou velozmente, enquanto as balas chapinhavam em torno. Desapareceu de chofre.

— Morreu!

— Não. Surgiu além. Está procurando esquivar-se ao tiroteio.

— Ei-lo sobre a corrente. Que bravo! Canta e trabalha! Mas que chuva de balas!

— Fôssem os bolivianos bons atiradores e já o teriam morto.

— Acertaram-no!

Antônio Cesário se abraçava à corrente, procurando a todo o custo segurar-se. Não conseguiu. Afundou após breve luta e ainda durante alguns segundos, uma de suas mãos, tentou manter-se presa à cadeia. Os dedos logo se abriram e o bravo companheiro derivou, arrastado pela correnteza.

— Patifes!

— Pagarão!

— Outro! resmungou Salinas, enxugando disfarçadamente uma lágrima.

Os claros aumentavam. O sargento Ernesto arroja-se destemeroso.

— Depois será a minha vez, disse Salinas. O Aroeira ficará para contar a história.

— Escolha outro historiador. Também sei morrer!

— Lá está o sargento cortando o maldito elo.

— Vai morrer. As balas caem em torno. Veja como a água respinga.

— Desequilibrar-se!

No mesmo instante, um grito vitorioso partia do meio do rio. O sargento mergulhava, mas a corrente, dividida em duas, desaparecia nas águas.

— Vencemos!

— Viva o Brasil!

Partimos em busca de Plácido de Castro. O caminho estava aberto, mas, a que preço!

Há nesta narrativa, por certo, algo de fantasioso nos seus detalhes, o que aliás é perfeitamente admissível, dada a feição própria do livro de Pimentel Gomes.

Entretanto, o fato histórico é incontestável e citado por outros pesquisadores da Questão Acreana.

É que sómente com os recursos da imaginação, podemos, muita vez, sentir de perto toda a grandiosidade duma cena íntima do passado, perdida na distância do tempo.

Ninguém, jamais, poderá saber tudo que de fato houve, naquele instante supremo, entre aqueles ruídos e ousados desbravadores, que se deram em sacrifício pela Pátria.

Nem siquer seus nomes, na maioria, ficaram conhecidos para serem citados e a sua glória e abnegação tornaram-se, por isso, maiores.

Últimos bandeirantes, foram êles, na verdade, os mais sólidos motivos para o Tratado de Petrópolis de 17 de novembro de 1933; encerraram o derradeiro capítulo, não menos

brilhante, da história da nossa penetração pelo Oeste.

Deus os abençoe, humildes e anônimos seringueiros da minha terra!

BIBLIOGRAFIA

"O Acre e seus Heróis", de Napoleão Ribeiro.

"O Espírito Militar na Questão Acreana", de Castilhos Goycochá.

"Plácido de Castro", de Cláudio de Araujo Lima.

PUBLICAÇÕES ARGENTINAS

"REVISTA MILITAR" E "BIBLIOTECA DO OFICIAL"

CONDIÇÕES DE ASSINATURAS

Aos Srs. Oficiais interessados informamos que são as seguintes as condições de assinaturas das publicações acima referidas :

Custo das assinaturas anuais :

Revista Militar (publicação bimensal)	50 pesos
Biblioteca do Oficial (publicação mensal)	84 pesos

Os pagamentos são feitos adiantadamente e por meio de cheques em nome do Círculo Militar ou diretamente para o escritório da "Dirección de Publicaciones del Círculo Militar (Galle Charcas n. 745 1º derecha — Buenos Aires).

UMA DESCIDA PELO RIO PARAGUAI

Parte de uma viagem à região sul de Mato Grosso, realizada com os companheiros da Turma do 3º ano (EEM) — 1953, aos quais é dedicada esta rememoração

Ten.-Cel. ALVARO CARDOSO

Regressando de Bela Vista, retomamos, em Aquidauana, a composição especial com que a E.F. Noroeste do Brasil nos obsequiara e demandamos Pôrto Esperança, à margem esquerda do Rio Paraguai.

Já em viagem, a madrugada do dia 23 de setembro nos encontraria despertos.

Desde a véspera, vivíamos a agradável expectativa de apreciar a parte do Pantanal transposta pela via férrea e que compreende o trecho Carandasal-Pôrto Esperança.

Cômodamente assentados no vagão restaurante, íamos fazer contacto com um aspecto característico da região matogrossense.

Apesar das pessimas condições de visibilidade, tão logo ficou para trás a estação de Carandasal, as observações começaram e as impressões foram se fazendo.

A vegetação se apresenta rarefeita, predominando os "carandás" como referência constante e especial.

A medida que, no lusco-fusco da madrugada, melhorava nosso ambiente, o terreno, desprovido de qualquer movimentação, proporcionava sempre um horizonte mais afastado.

Inúmeras manchas brilhantes indicavam os vestígios da mais recente intromissão das águas do rio pela terra; algumas, mais acentuadas, lembravam pequenas lagoas, outras, apenas partes da terra encharcada.

A beira da linha férrea, de quando em quando, habitações peculiares à região diziam da calma

dos moradores aguardando as piores condições de "cheia" que lhes quizesse o rio trazer.

Podíamos verificar como tais casas eram construídas e implantadas.

Toda de madeira, ali estavam elas, inteiramente erguidas e sustentadas acima do solo plano e regular por enorme madeiramento que as punha em altura conveniente, completamente a coberto das grandes inundações.

Paradoxalmente, por uma associação de idéias, a memória nos levou a Ouro Preto, com suas casas, mesmo de "material", em parte erguidas e também sustentadas por grosso madeiramento que muito se destaca quando visto em plano inferior ou lateral e que as fixam nas encostas quase abruptas de suas elevações.

Prosseguia a viagem; pena que, para melhor apreciação, ainda não fôsse o dia amanhecendo ou mais clara a madrugada.

Distinguia-se, entretanto, sem esforço, o grande atérro por onde segue a estrada de ferro através daquele terreno tão à mercê do rio bem próximo.

Por toda a extensão de 37 km, uma altura da ordem de 5 metros permite manter os trilhos com a segurança mínima de 1 metro acima do nível das águas, à base das maiores "cheias" verificadas.

De quilômetro em quilômetro, pontilhões interrompem a continuidade, evitando o represamento.

Já começávamos a nos entreter com as atividades do café matinal, agora antecipado.

A turma da "1ª mesa", com seus célebres "lominhas", fazia desaparecer toneladas de suprimento "classe I".

Frutas, biscoitos, geleias, pão, queijo e manteiga distraiam uns; outros, em falsa "dieta", divertiam-se com dúzias de ovos quentes, fritos, cozidos ou à "la ostra", além do indispensável presunto ou "mignon".

Nesse interregno, a turma da "2ª mesa" tristemente aguardava "vagas"!

Por quase 1 hora percorreu-se a grande reta que nos levava a Porto Esperança.

As fracas luzes que, desde longe, situaram a localidade, iam se aproximando sem, todavia, melhor iluminar nossas expectativas.

Aos poucos, o local iria se mostrando muito aquém das previsões feitas.

Mais perto, já quase ao parar o trem, outras luzes percebidas indicaram prováveis embarcações que se adivinhava balouçarem nas águas do Paraguai, igualmente já pressentido.

Ao desembarcar, ainda estávamos esperançados em descobrir algo que nos mostrasse as últimas impressões, porém, as condições desfavoráveis do momento apenas permitiam perceber o movimento da estação e algumas luzes dispersas, mais ou menos afastadas, em nossa volta.

A estação, logo verificamos, está situada nas proximidades da barra do rio onde as embarcações encostavam.

Mesmo do trem, o movimento parecia desusado, tanto pelo volume como pela hora.

Poderosos holofotes indicavam a posição de seus respectivos navios, cujas silhuetas se mostravam em parte.

Começamos a viver, ainda que por antecipação, um ambiente de vida naval.

A flotilha do rio Paraguai, sediada em Ladário, descerá até Porto Esperança e nos aguardava para o agradável convívio de uma jornada completa.

Tratava-se de uma desida, agora conosco, até o Forte de Coimbra; duas oportunidades — navegar no rio Paraguai e visitar Coimbra — ainda inéditas para nós e envolvendo muita curiosidade.

Acrescia ainda a lisongeira circunstância de um dia inteiro em contacto com companheiros da Marinha de Guerra.

Desnecessário esclarecer que, tacitamente, desde logo, cada um de nós passou a vestir a pele de "marisco", e isso de modo tão natural e lógico que quase todos se tratavam daí por diante de "comandantes".

Nisso verificou o Cmt. Júlio — nosso assistente naval e Comandante de verdade — que sua "pelagem azul" teve, tem e terá muita aceitação na nossa simpatia.

Eram três os navios — monitores "Parnaíba" e "Paraguassu" e petroleiro "Potengi" — os dois primeiros ancoravam lado a lado, com o "Parnaíba" próximo à barranca; mais acima, isolado, o "Potengi" também esperava encostado à margem.

Determinadas as providências para o embarque, separadas as turmas, dirigiram-se elas para os navios.

Tocou-nos o "Paraguassu"; para ele fomos encaminhados por um tortuoso atalho; até certo ponto realizamos um verdadeiro "exterior" noturno, onde cuidados não faltaram.

Erros de itinerário, tropeções, complicações com os fachos dos holofotes e, até mesmo colisões com uma "pontinha" de gado que calmamente dormitava interceptando a progressão para o rio.

Estivemos a ponto de sofrer uma "baixa" com determinado "Cmt." que, certo de atingir a "região de destino", chegou a progredir por cima de 2 ou 3 elementos bovinos; a surpresa foi reciproca, daí não haver mal maior.

Ainda com o dia por surgir, da barranca passou-se à escada do "Parnaíba" e, atravessado este eis-nos nos conveses do "Paraguassu".

Aguardaríamos pouco tempo para a saída da flotilha.

Com as primeiras manifestações do crepúsculo matutino, os navios levantaram ferro, puseram-se ao largo e iniciavam a descida.

A bordo, com interesse e satisfação, acompanhávamos as manobras do nosso e dos outros navios; agradavelmente descobriamos e vivíamos as atividades da marujada.

Os primeiros e afamados "apitinhos" fizeram-se presentes, foram "marcados" e cairam no gôto dos "terrestres"; por muito tempo, bem depois, mesmo já regressando para o Rio de Janeiro, de avião, ainda ouvíamos seus trauteados!

E para que dizer então do período post-fluvial, logo após o regresso de Coimbra?

No trem para Corumbá tinha-se a idéia de que cada companheiro trouxera de bordo uma daquelas "cornetinhas"; na estadia em Corumbá, estiveram ativos; ao que soubemos, parece não terem chegado à Praia Vermelha.

Não era a visibilidade suficiente para uma observação mais completa da região, do pôrto, da localidade e das próprias margens do rio; contudo, identificava-se o movimento na barranca e, mais acima, com algum esforço, o local da grandiosa ponte "Barão do Rio Branco".

Terminados os preparativos, desemos o rio com o "Parnaíba" à frente, seguindo-se o "Paraguassu" e o "Pontengi".

Dos três, o "Potengi" é o menor e menos veloz; à proporção que vencia o percurso, distanciava-se dos outros.

A bordo, todo o transcurso da viagem foi uma agradável seqüência de observações, alegria contagiosa e curiosidade ímpar.

Através de contacto instrutivo, compreensivo e obsequioso dos componentes da tripulação, fomos ficando cientes da faina do navio e das coisas relacionadas à vida fluvial.

Quase tudo constituía motivo para indagações; da nomenclatura de qualquer objeto ou parte da embarcação ao emprêgo ou manuseio de um complicadíssimo ma-

nual de bandeirolas e flâmulas coloridas, dos preçalços do taifeiro aos cuidados do piloto, da linguagem dos "apitinhos" aos apitos da chaminé ou à tradução das mensagens semofóricas, nada escapava à observação inquiridora dos visitantes.

Oficiais, suboficiais e marinheiros constantemente solicitos atendiam com prazer e gentileza, galhardamente nos "aturando".

Descíamos a uma velocidade média de 17 km horários; os primeiros momentos da viagem foram de franca admiração ao espetáculo que o rio Paraguai e suas adjacências proporcionam aos que por ali navegam pela primeira vez.

A claridade mais acentuada permitia definir toda a largura e também a extensão com que o rio ia se oferecendo para baixo.

Bastante largo, cerca de 1.000 m na região, pouco mais ou pouco menos se alargava enquanto descíamos.

Nada encaixotado, quase não des tacava barrancas nas margens; a correnteza calma não permitia que leigos sentissem o "canal", embora, na frente, o "Parnaíba" desse suficientes indicações.

De quando em quando, "balizas" — losangos de metal, perfurados, pintados de branco e afixados em pontos de referência — orientam as mais acentuadas mudanças de direção.

É um auxílio à navegação que os pilotos, com a prática de longos anos, consideram dispensável; essa gente, inteiramente familiarizada com o rio, já tem, subjetivamente, incorporado ao senso natural da orientação tudo relacionado ao meio ambiente.

É certa vegetação, pelo porte, forma ou disposição; são certos aspectos característicos das margens em pontos ou regiões particulares.

Tais detalhes estabelecem ou lem a derrota das embarcações segundo a direção mais conveniente que deva ser seguida ou mantida.

Não viajamos na "cheia"; mesmo assim, percebia-se a pequena diferença do nível das águas e das terras ao lado; concluia-se ser muito

fácil e rápido o alargamento de tão vasta região.

Em derredor, a topografia é simples e bem definida.

De um e outro lado, planuras infundáveis: enquanto à margem esquerda prevalece esse aspecto, exceção mínima frente a Coimbra com o M. da Marinha, à direita, apresenta-se o terreno por vêzes accidentado e montuoso, e aí vemos os M. Puga, Conselho, Grande, Onça e Coimbra destacando-se, porém, sem ligação entre si.

O revestimento gramíneo indica a excelência das pastagens e oferece à admiração um imenso tapete verde, às vêzes molhado, pois ali e acolá, manchas de água lembram por onde andou o rio antes de retornar ao leito pela última vez.

Vegetação que ali se destaque, apenas restrita a certos pontos próximos ao rio, sem continuidade e muito pouco densa; já no sopé dos morros, ou proximidades imediatas, percebe-se uma vegetação mais pesada e densa, comum às regiões de maior altura.

Vezi por outra, chegam, à direita ou à esquerda, afluentes sem importância; o rio Nabileque é merecedor de uma referência, vem à esquerda e sua embocadura, embora facilmente percebida, foi muito procurada.

Numa extensão de mais ou menos 60 km até Coimbra, os seguintes detalhes sintetizaram o panorama — extensos campos verdes, elevações isoladas a oeste, foz do Nabileque e o comandamento que os M. da Marinha e do Coimbra exercem sobre a utilização do rio.

Ruimíssimos sinais de atividade humana vão se mostrando para quem ali desce; por onde foi a vista, um máximo de 6 habitações distanciadas, lembrando, com cercas e currais, pequenas estâncias; percebia-se pontas de gado pastando pelas planuras.

A peira dágua, pernaltas e palmipedes bem conhecidos — garças, socós, quero-queros, colhereiros, jaburús, piacocas e muitos outros — começaram, desde cedo e impunemente, a se oferecerem como alvo aos atiradores de bordo.

O sol não esquentara o suficiente para que, como desejávamos, pudesse se mostrar os arredios jacarés moradores daquelas paragens; pouco foram os notados; não sofreram baixas nessa parte da jornada, pois a fuzilaria de bordo ainda não estava regulada.

Por volta das 09.30, alcançávamos Coimbra, cujo casario desde longe apareceu à direita, referenciado pelo terreno em volta bem accidentado.

A passagem aí é completamente dominada pelos M. da Onça e do Coimbra, na direita e da Marinha, na esquerda; são elevação acima de 250 m, com as encostas morrendo suavemente nas águas do rio.

Saindo de uma curva não muito acentuada, passaram os navios bem próximos do M. da Marinha e, mudando de direção, infletiram à direita diretamente sobre a praia do Forte; a uma distância de uns 150 m, nova mudança de direção para se disporem na formatura em que vinham, mas agora, com as proas rio acima.

Largados os ferros, ficou ancorada a flotilha.

Desde a saída de Pôrto Esperança transcorreram três horas até paramos frente a Coimbra.

A boa disposição, as particularidades da viagem e o bom humor geral foram os principais fatores para que o tempo passasse rapidamente.

De fato, a alegria, a expansão natural e a boa vontade sempre prevaleceram, dando um tom pitoresco e colorido a qualquer acontecimento ou situação.

Iniciada a descida do rio, mal começara a surgir o dia, em inspeção pelo "Paraguassu", encontramos colocação ideal para melhor apreciação da viagem.

Eis-nos, sem demora, no alto da plataforma dos holofotes, a meia altura do mastro principal.

Estávamos situados logo abaixo de uma espécie de torre blindada de forma circular, cheia de viseiras e apenas com uma abertura ou passagem na parte inferior; a princípio nos lembramos de um tal "cesto de gávea" que facilmente

indentificamos no "Parnaíba", à frente, pois, lá estavam alguns companheiros conforme, cá de longe, podíamos distinguir.

Pouco tardou e logo tivemos companhia; um dos nossos "Cmt.", verboso como todo "campista", também ali se encarapitou.

Era de ver-se, então, a euforia, o entusiasmo, a segurança e a tranquilidade com que o tal "Cmt" passou a evocar e discorrer sobre coisas e fatos de marinha!

Aos poucos degraus que subiu pelo mastro transfiguraram o "infante"; estávamos ao lado de um autêntico lôbo do mar!

Aliás, a situação muito propiciava a transmutação — a manhã surgiu radiosa; as águas e as terras, até bem longe, iam ficando sujeitas a uma observação minuciosa; à vante e à ré, os outros navios pareciam depender do nosso: abaixo, sob nossos pés, nos conveses, a azáfama da tripulação — naquelas alturas, havia uma verdadeira sensação de comando naval!

Em consequência, por hora e meia, fomos ouvintes pacientes, "sofrendo" uma potente recordação de muitas páginas da História do Brasil.

Ouvimos as efemérides navais de maior significação para o companheiro, às quais ficou particularmente ligado pela atuação dos principais personagens, cuja afinidade justificava tão exuberante atavismo.

Mas, para tudo há solução, e o safézinho, que aparecia em distribuição, no convés abaixo, convidando-nos a dececer, foi uma boa desculpa para interrompermos as divagações do conferencista.

A! E os que ficaram entendidos em marinhagem? Como deram trabalho...

Determinado "infante da Parai-
ba", "Cmt." bastante conhecido como intransigente e "criador de casos", lápis e papel na mão, sempre pronto a "torrar" alguém, adquirira nos primeiros 20 minutos de viagem alguma ilustração das coisas de bordo.

A partir do 21º minuto já se tinha na conta de profundo navega-

dor e "dono" do navio, ansioso por dar ordens e colocar alguém nas grades.

A oportunidade para a sua intervenção surgiu quando, frente a Coimbra, manobrava a flotilha para ancorar.

Para melhor entendimento, há há necessidade de uma explicação, já que somos leigos no assunto.

Os navios dispõem de duas âncoras, uma a bombordo, outra a borte; a cada uma está ligada por um cabo, uma pequena bóia de chapa de ferro, formato bicônico e pintada de verde ou vermelho, segundo seja de borte ou de bombardo.

A bóia de arinque como, é chamada, precede o lançamento da âncora e serve para referenciar o local em que esta é lançada.

Não há imposição quanto ao lançamento de uma das âncoras; pode ser, indiferentemente, a de bombardo ou a de borte; o ferro de manuseio mais cômodo, na ocasião, é geralmente o preferido.

Pois bem, nosso "Cmt.", espírito muito observador, vira o "Parnaíba", à frente, lançar à água a bóia de borte (verde) e, sem demora, concluiu estar definida a regra.

Quando, em seguida, vê o "Paraguassu" lançar a bóia de bombardo (vermelha), admitiu incontinentemente que a doutrina estava sendo infringida e que, portanto, justificava-se uma intervenção sua para colocar as coisas nos devidos lugares.

O imediato, vítima escalada, sem saber o risco que corria, paciente e gentilmente, muito tem útil perdeu para explicar o que acima ficou dito.

Apenas, com a promessa que fazia de, na próxima vez, mandar jogar a bóia do mesmo bordo que o navio da frente ou o do maior agrado das "visitas" mais perigosas, conseguiu acalmar o intransigente "infante".

Entretanto, por algum tempo, ainda achava o "Cmt." que era caso de prisão e pedia com insistência "... seu número? seu número?..."; felizmente estávamos na hora do desembarque.

Relativamente ainda à bóia de arinque, tivemos a rara e feliz oportunidade de apreciar conclusões muito interessantes!

Já tinha a flotilha Coimbra por bombordo e se aprontava para ancorar.

Lançada a bóia do "Paraguassu", caiu à altura da meia nau. Após alguns segundos, todos nós, que apreciávamos os detalhes da manobra, percebemos a mesma deslocar-se aceleradamente para a região da proa, como se fosse energicamente tracionada, ou dispusesse de auto propulsão.

Alguns "Cmts.", curiosos ou entendidos em náutica, imediatamente começamos a solicitar ou fornecer explicações sobre o fato; eis o que conseguimos, em parte, registrar.

Um, que há muito nos afugentava com seus venenosos "palhinhas" nacionais e vistosos charutos guaranis trazidos de Bela Vista, perguntava, entre curiosidade e espanto, como poderia ter se verificado deslocamento tão acentuado.

Para outro, "bandeirante muito "pizzado" em S. Paulo, havia as seguintes soluções:

1º — A bóia disporia de um dispositivo foguete que funcionava tão logo entrasse em contacto com a água; tal dispositivo permitia que, como avião a jato, a bóia se deslocasse como fôra observado!

2º — Uma vez a bóia lançada, permaneceria firme onde cairia; o navio, auxiliado pelo cabo à bóia ligado, daria marcha à ré, permitindo-nos uma falsa impressão de que a bóia se deslocara para frente!

Evidentemente, a essa altura, o "Cmt." dos charutos, com a aula, estava completamente mareado, do que se aproveitou o "professor" para concluir com "classe", esclarecendo que, apesar de, no inicio, estar convencido de que uma das soluções apresentadas deveria ser a explicação correta do problema, estava, agora, naquele momento, em dúvida, pois lembrara-se de que tão logo a bóia cairia na água, o "Cmt." que recebia a lição jogara também na água uma "bagana" de charuto paraguaio, o que lhe trouxera

muita confusão; contudo, era obrigado a concluir ser esta a principal força propulsora da bóia, isto porque o deslocamento fôra demasiado acelerado para ser motivado apenas por qualquer uma daquelas primeiras razões apresentadas!

Com as manobras dos navios terminadas e encorada a flotilha, vieram de terra as salvas de estilo; seguiu-se o transbordo para as canoas e, finalmente, o desembarque e o primeiro contacto com a guarnição local.

Ainda a bordo notáramos a acentuada mudança de direção que a margem ocidental do Paraguai ali apresenta.

Terra a dentro, virámos a elevação quase envolvida pela margem e implantada no sentido longitudinal daquela abertura, com as encostas mais de SE terminando um pouco abruptas sobre o rio, no local da inflexão.

Quando mais perto nos aproximáramos, pareceu-nos possível identificar as instalações que distintamente se situavam na parte mais à montante, nas encostas do morro que vinham ao rio e na região marginal mais abaixo, onde desembarcariam.

As primeiras correspondiam, como logo verificamos, ao Cmd., Administração e vida militar da Unidade; as segundas, às obras da fortificação e as últimas, se relacionavam à vida normal dos moradores do local.

Uma vez em terra, sucessivamente visitamos os pavilhões do Cmd. e da Administração, as instalações da bateria, o antigo Forte e o vilarejo.

Junto aos canhões, em ponto de grande comandante da elevação, tivemos uma larga visão do estirão que o rio oferece para baixo e dos extensos alagadiços que aparecem ao fundo, tanto à direita como à esquerda.

No Forte antigo, construído no terço inferior das encostas SE do morro, nos enchemos de evocações ao percorrer seus meandros, tocar suas muralhas e observar suas ameias.

Entre as velhas paredes fêz-se ouvir a palavra de um companheiro rendendo culto e homenagem à conduta de antigos defensores e combatentes.

As figuras do Coronel Ricardo Franco, herói de 1801, frente aos espanhóis de D. Lázaro de Ribera e do Coronel Pôrto Carrero, frente aos paraguaios de Gonzales, em 1864, foram revividas e reverenciadas no próprio local em que souberam muito bem impor suas condutas de comandantes.

O vilarejo, atravessado por uma extensa rua, com casinhas simples e simpáticas, teve nossa visita, assim como a igreja local, igualmente simples, simpática e extremamente acolhedora.

Nossa Senhora do Carmo, Protetora do Forte e sua Padroeira, tem o nome ligado ao local, à vida e à tradição de Coimbra.

Nas vicissitudes das lutas travadas em tempo idos, foi comprovada sua assistência aos defensores da praça, principalmente em 1864, quando, em meio de cerrado e devastador tiroteio, da apresentação de sua imagem face ao inimigo assaltante adveio uma trégua recuperadora e conveniente.

Tivemos ciência da veneração que lhe dispensam os Cmto. da União que que ali vêm ter; disseram-nos que os que têm acesso ao generato nunca se esquecem dessa Padroeira; lembranças de longe enviadas para, aos pés da Santa, serem colocadas, ali comprovam aquél sentido de veneração.

Completada a visita e transposta a rua do vilarejo, alcançamos, quase à margem do rio, aprazível e sombrio recanto.

O sol já era por demais quente e nos dera uma amostra do calor da região, abafado e sem viração nesse momento.

O descanso merecido veio a cair; com os companheiros da Marininha, a nós reunidos, fomos retaillar um apetitoso churrasco.

Dali mesmo, quase às 14,00 horas, e através de um caminho entre o vilarejo e o rio, demandamos o local de embarque para retomarmos a flotilha, de regresso.

Feitas as despedidas, dadas as salvas de estílo, estavam os navios prontos para levantar ferro.

Desta feita, o "Pontengi" não viria junto; os companheiros que ai tinham vindo foram distribuídos pelos outros dois navios e o petroleiro, uma vez despedido, zarpou na frente; somente a meio caminho, rio acima iríamos vê-lo novamente, sem contudo ultrapassá-lo.

Antes de sairmos, apreciamos a chegada e partida de uma embarcação que, descendo o rio, se dirigia para Pôrto Murtinho e pertencente à Cia. de Navegação do Rio da Prata.

Fêz a curva próximo à margem esquerda, infletiu sobre Coimbra, parando à meia largura do rio, onde deixou uma passageira que foi recebida por uma canoa enviada de terra; comprimentou a flotilha que se prestava para partir e prosseguiu viagem, descendo lentamente o dia.

Pareceu-nos distinguir a bordo, praticamente, apenas a tripulação, deixando uma impressão de estar realizando uma viagem muito pouco proveitosa.

Se, ao descermos o rio pela manhã, desfrutáramos temperatura amena, agora, ao subi-lo, sofreríamos atroz calor.

O sol causticante, em caminho para o poente, fêz com que nos abrigassermos, a boreste, ao lado do passadiço.

Em reunião alegre e divertida, venceríamos quase toda a viagem, mitigando, de quando em quando, o rigor da canícula com deliciosa "jacuba" gentilmente distribuída pelos de bordo.

Os oficiais do "Paraguassu", identificados conosco, participavam de nosso convívio e de nossas demonstrações.

A subida, com maior morosidade vencida, permitia que completassemos as impressões feitas pela manhã melhor apreciando ou descobrindo certos detalhes.

Com o calor reinante, os jacarés não mais se escondiam; em todo o trajeto, em quanto houve visibilidade, mostraram-se sem cerimônia.

Pequenos e grandes, de frente ou de perfil, silhuetas características, de longe eram assinalados; quando meio submersos, mostravam a parte superior da cabeça à flor d'água, ou parte do corpo escuro e roliço semelhante e muitas vezes confundindo-se com pedaços de pau flutuando parados pelo rio.

Próximo às praias, barrancas de vegetação aquática pouco densa, eram observados com freqüência e facilmente apontados; onde houvesse algum banco de areia, era certo encontrar-se maior afluência.

Tão logo começaram a se mostrar, com Coimbra ainda à vista, a guerra lhes foi declarada e a fuzilaria teve início.

Dois grupos de atiradores, um no "Parnaíba" e outro no "Paraguassú" constantemente rivalizaram-se porfiando a decisão de maior eficiência e barulho.

Na verdade, houve algumas baias entre os "sáurios"; vimos bons resultados, principalmente do "Parnaíba"; assim que eram atingidos, contatávamos os efeitos — uma grande rabanada ou contorsão seguida de completa imobilidade; um ou outro não atingido mortalmente era visto esconder-se nas águas.

A maioria, ou seja a quase totalidade, alertada e espantada com os impactos mais próximos abrigavam-se rapidamente, aumentando nas águas do rio a margem de segurança que a má pontaria e a dificuldade do tiro lhes assegurava.

A equipe de tiro do "Paraguassú" foi bem inferior à do "Parnaíba"; nesse último navio revelaram-se campeões olímpicos que 2 ou 3 dias depois ainda nos rememoravam os "feitos".

Destacamos certo "Cmt.", emérito e "pacientíssimo" campeão de xadrez, "mareado" por suas jogadas à base de 20 km por lance, em via férrea; aproveitando-se dessa virtude, "dormia" na pontaria com resultados apreciáveis; fez parte da equipe do "Parnaíba", muito tempo passado ainda o ouviamos enumerar as proezas conseguidas...

É possível que atualmente não se encontre mais jagarés no rio Paraguai...

No "Paraguassú", exceção aos atiradores de constância prodigiosa, burulheira infernal e parcos resultados, os demais, reunidos em grupo alegre e divertido, venciam o percurso em conversa variada e "instrutiva", contrabalançando-se os efeitos do calor com a brisa que vinha de rio acima.

Tivemos uma hora de arte a cargo de possante e maviosa voz de tenor, já consagrada "lírica" pela turma, seguida por algumas "conferências" de alto cunho "prático e social", realizadas por "Cmt." especializado no "assunto"...

Os navios, não muito distanciados, a meio caminho, avistaram o "Potengi" que até Pôrto Esperança se foi mostrando.

Pôsto o sol, ainda navegávamos quando começou o escurecer e sentimos as proximidades de Pôrto Esperança.

Por algum tempo viajamos sob a primeira impressão da noite que se aproximava, percebendo, ao longe e à frente, as luzes e os sinais do "Parnaíba" passando mensagens.

Pôrto Esperança nos aguardava como a deixáramos, isto é, com suas esparsas luzes brilhando e com um movimento que nos parecia incomum.

Atracados os navios, abraçamos os companheiros da Marinha e desembarcamos.

No trem, aguardaríamos a partida para Corumbá, marcada para mais tarde; antes de seguir viagem, teríamos, entretanto mais um contacto significativo com o rio Paraguai em Pôrto Esperança.

O calor era de tal forma sufoacente que foi acolhida com satisfação a lembrança de esperarmos sobre a ponte "Barão do Rio Branco" o momento da partida para Corumbá.

Aquela para já estava incluída nos nossos propósitos; ali desejávamos uma impressão da obra e do rio.

Sob uma agradável temperatura, fruto da virada que soprava e gra-

ças ao luar extraordinariamente favorável, tivemos oportunidade para uma observação minuciosa.

Ali ficamos até perto de meia noite, com tempo suficiente para tirarmos conclusões interessantes relativas à transposição do rio Paraguai por aqueles quasi 2.000 metros de ponte.

Antes de retomarmos a viagem, junto àquele espetáculo que a natureza e o engenho do homem nos proporcionavam, ouvimos, em reu-

nião, ao lado dos trilhos da NOB e sobre o rio Paraguai, palavras amigas e incentivadoras que em todos nós vieram direitas ao coração e ao sentimento.

Com o trepidar da composição, logo prosseguimos, adormecendo com as meditações de uma jornada repleta de lembranças, idéias e incentivos satisfatórios e agradáveis.

Na jornada seguinte, novamente se nos apresentaria o rio Paraguai, então, já em Corumbá.

Novo Livro do Ten.-Cel. João B. Peixoto

A Biblioteca do Exército acaba de publicar mais um livro do Tenente-Coronel João B. Peixoto, no qual o autor faz uma síntese dos principais acontecimentos internacionais ocorridos depois da 2ª Guerra Mundial, e analisa com muita clareza a grande influência de certos fatores geográficos, históricos e étnicos sobre aqueles fatos, tanto no quadro mundial, como no quadro continental e no quadro brasileiro.

É este trabalho, intitulado "Sombras e luzes sobre o mundo", uma continuação do livro anteriormente escrito pelo autor sobre a 2ª Guerra Mundial e publicado pela mesma editora.

O novo livro do Ten.-Cel. João B. Peixoto, do mesmo modo que o anterior, tem merecido as mais lisongeiras referências da parte de categorizadas figuras da intelectualidade brasileira.

O Dr. João Neves da Fonoura, em expressiva carta dirigida ao autor, louvou calorosamente o seu esforço no sentido da compreensão do momento internacional e dos deveres e responsabilidades do Brasil, acrescentando que livros como este constituem um assinalado serviço ao nosso país, pois nêle se esclarece não só a situação interna e externa, como se coloca na verdadeira luz o problema das nossas responsabilidades internacionais.

Ao fazer esta justa e merecida referência, a Diretoria de "A Defesa Nacional" congratula-se com o autor, que é também um dos seus mais presados colaboradores.

ALGUMAS RAZÕES DAS EMIGRAÇÕES COLONIAIS

(SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DA QUESTÃO)

Cap. ERNESTINO FISCHER VIEIRA SANTOS

Do Grêmio Geográfico de Bagé, do Instituto
Nacional de Colonização

Aqueles que se deram à prática de contemplar nossos mapas demográficos, à luz das estatísticas coligidas por órgãos especializados, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Conselho Nacional de Geografia, etc., haverão de constatar, não sem uma certa surpresa, um movimento migratório, originando-se das denominadas "colônias velhas" da imensa área colonial, que o Jacuí baliza ao Sul, e que, nas formações arqueanas da "região da serra" do estado riograndense, o Iaçá, o Iapu, o Guaporé, o Cai, o Rio dos Sinos e demais tributários da "Tossa" do Jacuí, aglutinam num todo produtivo, que bem pode ser chamado de "Celeiro do Rio Grande"!

As razões deste fenômeno que atraí a atenção dos estudiosos são tão variadas quanto mais complexas as causas geo-econômicas-sociais que o provocam, e que, se não bem esclarecidas, nas mãos de demagogos oportunistas, mal interpretadas, podem se transformar em instrumento de confusão e desordem social.

Não cabe aqui, em poucas linhas, a utopia de um estudo aprofundado do assunto, que será tratado apenas em linhas gerais e focalizados nos seus aspectos, quiçá, mais importantes.

As causas da emigração colonial são pois, as mais diversas, porém, como as questões econômicas estão no embrião de todos os fenômenos humanos, a priori, há que consi-

derar o problema sob o aspecto econômico.

Entre as causas de ordem econômica geralmente apontadas como principais surgem :

- a) a grande indústria ;
- b) o depauperamento das terras.

Veremos, entretanto, que as duas causas acima citadas não são as principais e que são esquecidas aquelas de que promanam todas as outras.

Embora as indústrias que se estabeleceram nas cidades, particularmente nas de zona colonial, necessitam de muitos braços para dar-lhes vida: ainda que as fábricas, as oficinas e as empresas de todos os quaisquer que essejam se formando nos grandes centros, Caxias, São Leopoldo, Cachoeira, etc., subtraem elementos do ambiente agrícola, através das estatísticas devidamente comparadas, verifica-se que o fluxo humano, oriundo da serra, não é na sua maior parte, dirigido para as cidades. Não é possível negar, contudo, que parte deste fluxo orienta-se para estas mesmas cidades.

Todavia, ainda que seja ponderável a absorção, por parte das indústrias, de cidades como Caxias, S. Leopoldo, etc., ainda agora não existe no Rio Grande do Sul um parque industrial como o de Volta Redonda, no Estado do Rio, que polarize 70.000 habitantes das regiões agrícolas das adjacências (53,5 % de Minas Gerais, e 22 %

do Estado do Rio), nem um "bairro" industrial, como é o Município de Sta. André, reunindo 90.000 habitantes.

Quanto ao depauperamento da terra apontado, embora estas terras estejam sendo trabalhadas há várias décadas sem a devida assistência técnica, sem a utilização de fertilizantes, é preciso não esquecer que a maior parte do colono utiliza o sistema de "rotação de terras" e que o solo agrícola da região é admiravelmente produtivo. Inúmeros são os casos de "colônias" (particularmente no alto Taquari, região de Guaporé etc.), das quais, durante mais de trinta anos, exigiu-se produção total, e que, nos dias de hoje, fornecem, produzem, safra igual à dos primeiros anos.

A natureza, maravilhosamente pródiga para esta região, não permite afirmar-se que a fertilidade do solo tenha diminuído apesar

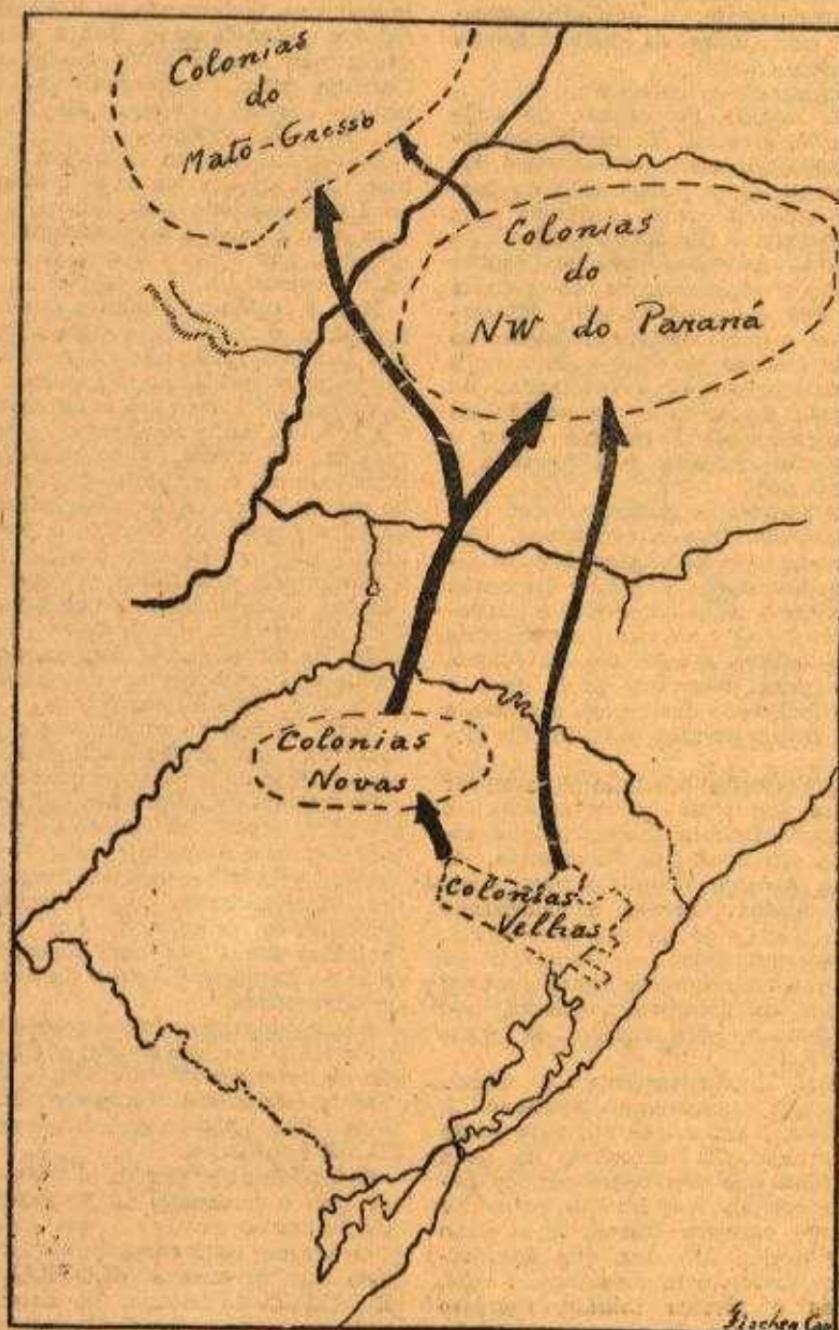
de todos os crimes que, contra a terra, se haja cometido, por falta de assistência técnica.

A área da colônia é variável de acordo com a região: se em Guaporé atinge 48 ha., é, em Sta. Rosa, da ordem de 25 ha. — Focalizemos aquelas de Guaporé.

Nos primitivos tempos, a produção da terra bastava e superava de muito as necessidades do colono estrangeiro que, cultivando-a com carinho e ignorante das técnicas agrícolas, descansava, e ainda descansa, o solo, com o sistema de "rotação de terras". Por este sistema, lavra-se anualmente uma parte da terra, enquanto o restante, abandonado à vegetação silvestre, recupera o humus vegetal, sua fertilidade. Como é lógico, tem este sistema graves inconvenientes, dos quais é de se ressaltar a impossibilidade de aproveitamento total da área da propriedade (uma vez que grande



Croquis n. 1 — Localização das Colônias — Velhas e Novas —, no Estado do Rio Grande do Sul



Croquis n. 2. — Fluxo da Emigração Colonial Riograndense

Fischer Ldo

parte dela "exige descanso"), e o desmatamento, o desflorestamento, com todas as suas infelizes consequências.

Passaram-se os anos.

A família do colono, do imigrante, cresceu. E, numa proporção mais intensa, pela procura dos adventícios, a valorização da terra, rasgada pelas rodovias que procuram a produção agrícola, a fim de carreá-la para os grandes centros consumidores do Estado, do País e do estrangeiro. (Observa-se o mapa das comunicações do Rio Grande do Sul e note-se a distribuição de suas estradas na região da serra e na região da campanha — a rodovia busca o produto agrícola e a ferrovia o pecuário).

A família do colono cresceu. As filhas não trazem problemas. Casam-se e se vão. Mas, com os filhos homens, a questão é diferente. Dividir a terra entre eles é impraticável. O quinhão insignificante que caberá a cada um (o colono, em geral, tem uma prole de 6 a 8 filhos) não daria para o sustento da futura família do filho do colono.

A solução imediata é comprar uma (ou mais) nova colônia de alguma família conhecida que esteja em aperturas financeiras, ou que pretenda se mudar para a zona urbana. Porém, a valorização da terra, os preços excessivos, absorvem todas as economias de vários lustros, e, se solucionam os casos em famílias pequenas, não satisfazem para aquelas de regular prole.

Daí, instintivamente, o colono procure contornar, resolver a questão, antes que ela seja posta em execução. O colono dá para o filho que demonstre pendor pelos estudos a paga da formação numa carreira liberal. É o filho "doutor". A outro, que demonstre pendor pela mecânica, e que, após o serviço militar, regresse com o curso de alguma especialidade, motorista ou mecânico, parte da economia da família é aplicada na aquisição de um caminhão ou de uma oficina. É o filho moto-

rista que executa os transportes rodoviários, alcançando os grandes centros, estabelecendo linhas que vão atingir não só Porto Alegre e Curitiba mas, freqüentemente, a própria capital econômica do Brasil, que é São Paulo.

Entretanto, restam os outros filhos. Orientá-los para a cidade, para o operariado sem futuro, ou para a mal paga dos submarginais urbanos, não é coisa a que se sujeite o colono.

Mas a colônia, quando muito, produzirá o sustento de duas ou três famílias. Mais não dá, com os processos utilizados *no seu amanho*. A válvula de escape é a emigração, é a procura da "colônia nova", em regiões, em zonas de colonização mais recente, e, portanto, de terras de menor preço. A família, reunida suas economias, fornece o "capital" para a aventura dos novos bandeirantes, dos filhos dos colonos que abandonam a "colônia velha" e buscam a colônia nova, exilados na direção mais comum, dos municípios missineiros de Santa Rosa, Ijuí, Três Passos, etc.

Desta forma, as estatísticas que acusaram, em determinada época, um aumento da população, primeiro pela chegada de imigrantes estrangeiros, e, depois, em função da natalidade, nos municípios das "colônias velhas", indicam agora um estacionamento ou decréscimo demográfico, enquanto que nas "colônias novas", há uma superposição da natalidade local e da soma de adventícios.

Assim é que se pode compreender o aumento vertiginoso da população de determinados municípios de recente colonização, como o de Sta. Rosa, que atingiu a casa dos 128.000 habitantes.

O interessante, porém, é constatar que o fenômeno já se repete nas "colônias novas" e que estas já produzem uma corrente emigratória que procura o ELDORADO CAFEEIRO do interior do Estado do Paraná e que, daí, ainda remonta o Rio Paraná, dirigindo-se para o Sul de Mato Grosso.

Do exposto, conclui-se que uma das mais importantes razões, se não

a principal, da migração colonial, que se observa nos dias de hoje, é a falta de aproveitamento da terra, a deficiência técnica (o recenseamento de 1940 indica a ausência de agrônomos em mais de mil municípios brasileiros) do colono, do agricultor em geral que, pelos métodos e processos errôneos que emprega, não tira da terra o que a mesma é capaz de produzir e, ao contrário, exgota-a, incapacita-a torna-a, improdutiva.

O primeiro passo para o aproveitamento total da área a lavrar é trocar o sistema de "rotação de terras" pelo sistema de "rotação de culturas", que muitos colonos já adotaram, orientados pelo Ministério da Agricultura e premidos pelas circunstâncias.

O segundo passo é aproveitar e estimular, o natural sentido cooperativista do "colono" (estudem-se o número de estabelecimentos hospitalares e de ensino, mantidos pelos colonos, através de associações nitidamente cooperativistas) alcançando-lhes, através das cooperativas sob custo acessível, os fertilizantes, "quase desconhecidos entre nós", dando-lhes máquinas, tratores, etc., possibilitando-lhes a mecanização da lavoura, e, (porque

não?) utilizando os mananciais da serra na eletrificação de sua agricultura. E, mais ainda, efetivando esta assistência técnica através de um crédito rural que funcione a longo prazo e a juros baixos.

FÁBRICA BANGÚ

TECIDO PERFEITO
FIRMEZA DE CORES
LINDOS PADRÕES
DURABILIDADE



EXIJA NA DURELLA

BANGÚ - INDÚSTRIA BRASILEIRA

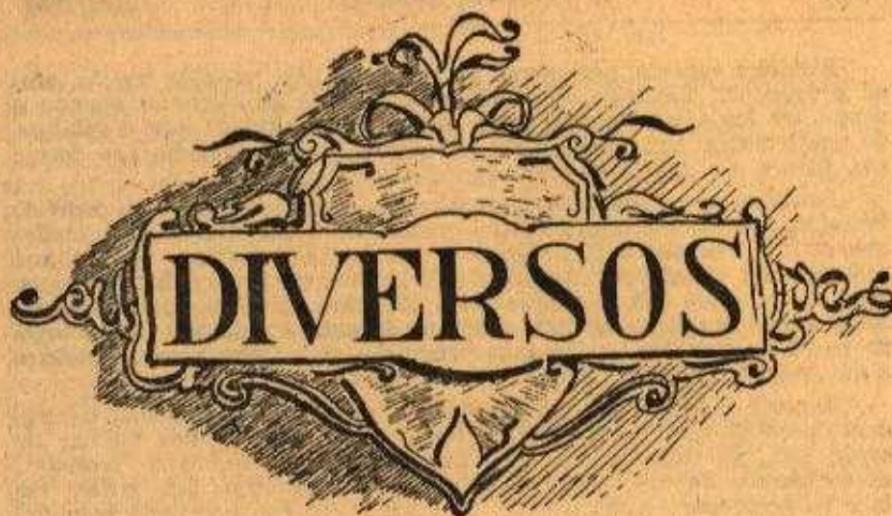
(N. 7)

AVISO AOS ASSINANTES

Para renovar sua assinatura, não espere deixar de receber "A DEFESA NACIONAL".

Procure o nosso representante na Unidade em que serve ou queira dirigir-se diretamente à Gerência.

Caixa Postal n. 17-Agência do Ministério da Guerra — Rio de Janeiro.



O DIA DA BANDEIRA NA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

NOTA DA REDACAO — A 19 de novembro, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais foi honrada com a visita do Exmo. Sr. Marechal Mascarenhas, o qual, em cerimônia tocante e singela, hasteou o pavilhão nacional perante o corpo de oficiais formado. Seguiu-se a inauguração do retrato de S. Excia., aluno da primeira turma daquela Escola e posteriormente seu comandante.

Ao almoço, o Exmo. Sr. Gen. José Dantas Arêas Pimentel, Comandante da Escola, saudou o homenageado, que respondeu agradecendo.

Pelos elevados conceitos emitidos nessas duas magníficas orações, pelo sentimento de brasiliidade que respiram e pela fé que despertam nos corações verdadeiramente patriotas, julgamos interessante divulgá-las para os nossos leitores.

I

ORAÇÃO DO EXMO. SR. GENERAL JOSÉ DANTAS ARÉAS PIMENTEL

Exmo. Sr. Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes.

Exmos. Srs. Generais

Srs. Oficiais e convidados

Salve lindo pendão da esperança,

Salve símbolo augusto da paz...

e na saudação que dirigimos à nossa sagrada bandeira, está traçada uma norma filosófica a nortear, em parte, o patriotismo brasileiro. E no grandioso 19 de novembro, dia em que reverenciamos a Bandeira do Brasil, os nossos pensamentos voam para as alturas, em busca de luzes e inspirações, para sermos dignos de tão fulgurante imagem.

Bandeira sagrada, que nunca foi salpicada pela lama da traição, atos ou propósitos. Bandeira, que nos emociona até às lágrimas, quando a vemos ser içada lentamente, numa busca do infinito, do que é sublime, do que é nobre, como nobres são os ancestrais da humanidade, que deseja paz, justiça e o direito de viver com dignidade e feliz.

Bandeira que drapeja do Oyapoque ao Chui, do nordeste ao forte do Príncipe, dizendo aos brasileiros: — pensai como sois afortunados, tendes uma pátria. Tendes uma bandeira a vos dar personalidade e dizer que sois alguém; quando peregrinardes pelo mundo, tendes uma bandeira que, com a sua força moral, cobrir-vos-á, dizendo: alto, é um brasileiro! Tendes uma bandeira, que vos elevará durante a vida, que vos cobrirá na morte. Oh! glória! Ter uma bandeira! E foi essa mesma bandeira a que inspirou os Brasileiros de todas as eras.

E nesse instante, um pensamento de solidariedade humana, de piedade, para os que vagueiam pelo mundo, apátridas, muitos vítimas de erros, sem um símbolo sagrado a cobri-los com o seu manto protetor; desconhecidos de todos, mas conhecidos das fronteiras, que gritam tão logo os percebam: volta, tu não tens pátria, tu não tens uma bandeira a te dar dignidade! E envoltos no seu alboroz da desgraça, tornam a partir, novos judeus errantes.

E agora, surge uma nova emoção. No além mar, em terras estrangeiras, num campo santo, funéreo campo, lá no topo, a drapejar, serena como sempre, a Bandeira do Brasil. Guarda o dormir eterno dos seus filhos, que tombaram no campo da glória. E há pouco, nesta Escola num "sursum corda" indiscritível, foi hasteado o Sagrado Lábaro, em condições excepcionais.

V. Excia., Sr. Marechal Mascarenhas, foi o Cmt. daqueles bravos que dormem em Pistoia. V. Excia. foi quem deixou a nossa Bandeira lá no cemitério, para guardar o repouso solene daqueles brasileiros, até que seus despojos voltem à terra pátria. V. Excia., Sr. Marechal, deu-nos a honra de hastear a Bandeira Brasileira na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Escola onde se cultua a Pátria, onde se exalta o patriotismo, e tudo aquilo que é realmente Grande. Onde se aplaude e estimula o que é digno, onde se realça o que é nobre, aquilo que deve servir de exemplo.

A presença de V. Excia. nesta Escola, Sr. Marechal, não é uma mera coincidência de datas. Foi propositadamente que deixamos para solicitar tão honrosa visita no dia em que cultuamos a nossa Bandeira. Nesse dia em que só desejamos estar em contato com fatos e gestos estimulantes da nossa fé no Brasil; com exemplos dignificantes, que devem passar à história, fazer parte da nossa tradição militar, que possam encher de orgulho aqueles que vierem depois de nós.

Quizemos inaugurar o retrato de V. Excia., numa justa homenagem.

Quizemos colocar ao lado do retrato do Cel. Mascarenhas, ex-Comandante desta Escola, o retrato do Marechal Mascarenhas, comandante da FEB.

É mais nossa tal glória, que propriamente de V. Excia. Um ex-Comandante da EsAO foi o Cmt. em Chefe das forças brasileiras, em operações no estrangeiro. Não se trata, Srs., de contar pelo número de seus soldados, a glória da FEB. Só podemos avalizar o fato, pelo que ele representa em sacrifícios, pelo que representou como testemunho da dignidade brasileira, comprometida na política internacional. E V. Excia., Sr. Marechal, foi o chefe magnífico desse gesto magnífico que a FEB representou. Não tive a oportunidade feliz de ser um febiano, sinto-me pois muito a gôsto para cantar lêas àqueles, que arriscaram suas vidas no cumprimento do dever. Foram brasileiros que deixaram sua pátria, suas famílias, para atravessar o oceano, onde, nas espumas de cada onda estaria,

talvez, a sua mortalha. Basta isso para enobrecer a um soldado — jogou no cumprimento do dever a própria vida. Nós, os brasileiros, temos, por temperamento, uma tendência mórbida em perdoar. Perdoamos aos que nos atacam, perdoamos aos traidores, perdoamos os crimes mais hediondos, mas temos dificuldades em nos orgulhar do que nos enobrece: temos inhibição de aplaudir os gestos grandes, que tornam ainda mais bela a história brasileira. Mas, nesta Escola, Sr. Marechal, cultiva-se a independência e a justiça. Cada oficial afuno está certo que será o Comandante de amanhã. Cada capitão de hoje é um futuro general. E é por isso que, sem discrepância, rendemos nossas homenagens a V. Excia., Sr. Marechal, que, mesmo antes de partir, iniciou luta tremenda, na organização da FEB. Só um espírito grande, norteado por extraordinária fé no cumprimento do dever, poderia resistir a tais dificuldades. E com tão alta investidura, Cmt. em chefe da força expedicionária brasileira, não ficaria V. Excia. a coberto de tudo aquilo que a inveja, a calúnia, sabem criar. Mas, V. Excia., além de todas as qualidades, possui, em grau extraordinário, uma que é incorruptível à sordidez alheia: chama-se: SER DIGNO. Poderia exaltar as brilhantes virtudes que ornam V. Excia., permita-me, porém, Sr. Marechal, que realce, neste momento, como exemplo aos oficiais desta Escola, uma só faceta de sua histórica pessoa. Quero me referir a uma atitude, difícil de ser mantida, maximizada nos momentos dos entrechoques da luta e que tem o nome de DIGNIDADE. Virtude que nos conserva na serenidade, quando tudo parece ter sido varrido pelo furacão. Virtude que nos faz ser justos, mesmo para com aqueles que nos caluniaram. Virtude que nos permite ver as glórias alheias e aplaudí-las sinceramente. Virtude que nos deixa compreender as dificuldades e esforços de outrem para cumprir o seu dever. Virtude que nos permite esperar que cada esforço produza o seu efeito; virtude que nos faz compreender a pequenez humana, sem desacreditar no homem.

Só quem possui a verdadeira Dignidade é que pode ser bondoso, sem ser vulgar.

Só quem for realmente Digno é que poderá ser simples, sem cair na banalidade.

E é essa Dignidade, que faz com que nos afastemos, procuremos o ostracismo, para não tomarmos parte em lutas inglórias. E é ainda essa mesma Dignidade que nos conduz à glória, pois muitas vezes a justiça divina se faz sentir ainda neste mundo.

O grande quadro do Cmt. em Chefe da FEB, passando em revista seus ex-Comandados, na EsAO, permanecerá, Sr. Marechal Mascarenhas, para sempre, na memória de todos os que o presenciaram.

Como Cmt. atual desta Escola, Escola que teve a honra de ser em tempos idos comandada por V. Excia., sinto-me emocionado em chefiar esta homenagem, pois vemos, em V. Excia., o Chefe ilustre que bem alto levantou a dignidade brasileira, em terras de além mar, na 2^a guerra mundial; e hoje, serve de exemplo às gerações que têm fé nos destinos do Brasil.

Disse.

II

ORAÇÃO DO EXMO. SR. MARECHAL MASCARENHAS

Numerosas gerações de brilhantes companheiros aprimoraram a sua formação profissional nesta Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, centro modelar de instrução que tanto significa a nossa instituição militar.

Como capitão, integrei a primeira turma de alunos desta Escola e, treze anos mais tarde, tive a ventura de comandá-la, então no posto de Coronel.

Guardo ainda, na memória, a visita que fiz a este Estabelecimento de ensino, logo após a campanha da Itália, quando me coube a oportunidade de dirigir a palavra a seus instrutores e alunos para dizer-lhes, no remanser das últimas emoções da guerra, do quanto influíram para o triunfo das nossas armas a fé e o amor à verdade, expressos, a cada momento, nos vários episódios da luta, pela fidelidade das informações, pelo leal cumprimento das ordens e pela coragem da responsabilidade. E, aos instrutores e alunos de hoje, quero ainda dizer que a verdade é o elo de dignidade e de confiança a unir o discípulo ao mestre, na compreensão da disciplina e dos deveres escolares, na justiça de julgar e no propósito de selecionar valores; é a força que, na paz e na guerra, congraça chefes e comandados, alentando-os no sacerdócio de bem servir à Pátria, em todas as modalidades da carreira das armas.

Conservo ainda o estímulo da verdade que a luta, no tumulto das paixões, confere aos homens de bem, para inspirar-lhes a coragem de sofrer sem murmurar, de decidir sem divagar, de executar sem protelar.

Dos meus chefes, americanos e ingleses, recebi, no convívio da guerra, a segurança de seus mais lisonjeiros conceitos em respeito à verdade que sempre soube eu imprimir às minhas atitudes de cidadão e soldado.

Trago as reminiscências vivas do Capitão-Aluno e Coronel-Comandante desta Escola e, por isso, eu me regozijo ante a perfeição crescente dos métodos e processos hoje utilizados na instrução das armas, que é aqui ministrada aos oficiais egressos de nossa A.M.A.N. e congêneres sul-americanas, tendo em consideração a progressiva complexidade da técnica e o duro realismo dos combates da atualidade.

Sinto-me bem no meio daqueles que vêm da tropa e se destinam à tropa, porque conheço e louvo os seus sacrifícios na paz e na guerra.

A maior parte de meu patrimônio profissional foi conquistada na instrução e no comando da tropa, onde todos defrontamos com os riscos da disciplina, desconforto do trabalho e desgaste da saúde, sem lograrmos, muitas vezes, o reconhecimento e atenção para com os nossos sofrimentos e amarguras.

* * *

Hoje, atendendo a significativo convite de seu digno Comandante, General José Dantas Arêas Pimentel — cuja amizade muito me honra — retorno a esta casa, exatamente na data em que a Nação Brasileira se dedica ao culto de sua Bandeira.

Nada mais apropriado a essa reverência do civismo nacional, numa organização militar, que o ceremonial ora apresentado.

Ele evoca, por certo, a pujança do simbolismo de nossa Bandeira, através dos fastos de significante passado.

Única e eterna no coração dos brasileiros, a Bandeira de nossa Pátria imortal retrata três séculos de glórias indeléveis, conseguidas nas lutas em defesa de nossa integridade territorial, obtidas nas batalhas pela liberdade de povos irmãos, quando sob o jugo de ignóbeis ditaduras.

Suas dobras, carinhosas e ufanas, agasalharam os expedicionários patriotas que baquearam em terras italianas, combatendo não apenas para desafrontar a ofensa nazi-fascista em águas nacionais, mas também para que cedo reflorisse o ideal democrático.

E é sob este bendito signo, de transcendental significação no seu conteúdo cívico, que estamos a presenciar esta homenagem à Fôrça Expedicionária Brasileira, qual seja a inauguração do retrato de seu Comandante.

O esplendor de tal distinção transcende a meus méritos, mas alcança, sem dúvida, as glórias de meus antigos comandados.

Nesta cerimônia se espelha o orgulho de nossos companheiros por ter saído de nosso Exército a única expedição militar, que, na segunda guerra mundial, representou as nações latinas da comunidade americana.

Esta homenagem também significa o reconhecimento de que a atuação do contingente febiano na Itália, sobre enaltecer o prestígio internacional do Brasil, teve o mérito de consolidar o honroso conceito do Exército de Caxias perante a opinião nacional. Tal o sentido exato desta cerimônia.

Sinto-me, portanto, jubiloso e enobrecido com a inclusão de meu retrato nesta galeria de honra, razão por que, deveras reconhecido, apresento os meus agradecimentos à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, na pessoa de seu ilustre e valoroso comandante.

Grato pela cativante distinção, auguro a este admirável Centro de Instrução o melhor êxito, tanto no aprimoramento profissional de nossos oficiais, quanto na tarefa de homogeneização do pensamento militar da América Latina.

E, ante o perigo que paira sobre o mundo democrático, a união continental passou a ser um imperativo de sobrevivência das nações americanas.

Pela eternidade de nossa Pátria e união das Américas, exaltemos a nossa confiança nas armas do Brasil.

VENDA DE LIVROS

Monumentos Nacionais — autor "Cel. J. B. Mattos" :

	Cr\$
Santa Catarina.....	60,00
Piauí.....	40,00
Guaporé.....	30,00
Estado do Rio de Janeiro.....	80,00
Espírito Santo.....	40,00
Lei do Serviço Militar Atualizada.....	30,00
Lei Movimento e Quadros.....	20,00
Estatuto dos Militares.....	20,00
Brasiléi "Lucas da Silveira".....	45,00

PRECISAMOS CRIAR UMA MENTALIDADE DE FÔRÇAS ARMADAS

Cel. AROLD RAMOS DE CASTRO, do EMFA

O Exército, a Marinha e a Aeronaútica constituem, no âmbito dos órgãos vivos da Nação, as Fôrças Armadas.

Modernamente, suas prováveis ações têm que ser planejadas em íntima ligação, uma vez que, na Guerra, só a intervenção Conjunta e Combinada das três Fôrças Armadas poderá redundar em resultados benéficos para a Segurança Nacional.

Já se foi o tempo em que as Fôrças Armadas tinham as suas ações descentralizadas e adstritas a determinados Setores e, cada uma delas, liderava certos Teatros de Operações e, especialmente, algumas Fases da luta, com missões particulares e específicas.

Modernamente, não mais se compreendem ações isoladas e, sim, ações em que as Fôrças Armadas participam sincronisadamente. A Guerra Moderna é, pois, uma sucessão de Ações Combinadas, onde, cada uma das Fôrças Armadas desenvolve uma determinada série de operações que foram objeto de minuciosos e cuidadosos Planejamento.

Assim, consequentemente, surge, como condição essencial, Criar e Desenvolver uma Concepção de Fôrças Armadas, sem a qual nada de útil e de objetivo poder-se-á realizar.

O organismo que, no nosso país, tem o elevado encargo de Conceber e Planejar, no âmbito Fôrças Armadas, é o Estado-Maior das Fôrças Armadas (EMFA).

Todavia, para que o EMFA possa, com eficiência, desobrigar-se dos seus pesados encargos, impõe-se

preliminarmente que se concretize, como uma realidade indiscutível, a Concepção de Fôrças Armadas. Para tanto, é mistér que os militares de Terra, Mar e Ar se componham de que, Isoladamente pouco significam no cenário da Guerra contemporânea.

Assim, a criação e o desenvolvimento de tão elevada concepção exigem, de todas as Fôrças Armadas, um elevado espirito de Cooperação e, algumas vezes, até mesmo de Renúncia e que se considere que só ao órgão Supremo de Planejamento cabe definir Atribuições, Promover o seu progressivo e Objetivo Equipamento Material e, finalmente, Definir Missões.

Especialmente, no caso particular brasileiro, onde a Guerra, Constitucionalmente, não poderá jamais significar senão um Ato de Legítima Defesa, fácil é considerar que os Planejamentos realizados, no tocante às Fôrças Armadas, dificilmente poderão ser de Curto Prazo e, consequentemente, tal característica assegura a possibilidade de uma intervenção equilibrada e justa do EMFA, no tocante ao preparo de todas as Fôrças Vivas da Nação, para os supremos encargos que devem ter na Segurança Interna e Externa do Brasil.

Um dos problemas, é evidente, profundamente delicado que tem o EMFA de enfrentar, é, sem dúvida, o que se relaciona com o Equipamento Material das Fôrças Armadas; delicado, repetimos, por ser imprescindível que tal equipamento venha corresponder, principalmente, às Missões Atribuídas

a cada uma das Fôrças Armadas e, não, atender unicamente ao desejo, aliás louvável e justo, de cada uma delas se considerar em situação de Auto-Suficiência.

Não resta a menor dúvida que a Vida Administrativa Independente, de cada uma das Fôrças Armadas e, talvez, o não amadurecimento, da Concepção Fôrças Armadas, traduzam, em síntese, os Desajustamentos Orçamentários destinados ao preparo e equipamento das Tropas Terrestres, Navais e Aéreas.

Se partimos da Premissa de que as Fôrças Armadas só valem, em realidade, por uma Intervenção Amalgamada, seremos forçosamente levados a admitir que o problema muito se facilitaria se admitíssemos a existência de um único Ministério Militar.

Assim, evitar-se-iam, lógicamente, uma verdadeira Dispersão de Verbas; uma série de Planejamentos Operacionais feitos, quase, em Compartimentos Estanques; um Equipamento Material das Fôrças Armadas que, nem sempre, corresponde ao que delas se exige e um natural e explicável isolacionismo, que dá como resultado uma vaga

interpretação da máxima Concepção de Fôrças Armadas.

Não temos a menor dúvida que a ordem natural das coisas e dos fatos nos encaminham, mais rapidamente do que mesmo é justo admitir, para a reunião das três Fôrças Armadas em um Grande Ministério Militar Combinado: O Ministério da Defesa.

Uma vez atingida tal etapa da nossa organização militar, então sim, Acreditamos que Marinheiros, Soldados e Aviadores Planejem Juntos na Paz e, na Guerra, supram indistintamente, com eficiência e com objetividade, às mútuas e naturais deficiências.

O EMFA vem representando, sem dúvida, um verdadeiro Estágio Experimental, para que atinjamos o Ideal que é, necessariamente, o da Intima Ligação das Fôrças Armadas, na Paz e na Guerra.

Pessoalmente, permitimo-nos admitir que o Concepção de Fôrças Armadas só se transformará em uma acalentadora realidade quando tivermos o Exército, a Marinha e Aeronáutica Administrados, Orientados, Dirigidos e Supridos pelo Ministério da Defesa.

Pedidos de Livros

Escreva o título da obra e o nome de seu autor — Quantos volumes deseja e o seu nome e endereço — Os pedidos via rádio devem ser feitos pelos companheiros que servirem em guarnições longínquas — "A Defesa Nacional" adquire e remete pelo sistema reembolsável qualquer livro das livrarias desta Capital

DO CEMITÉRIO DE PISTÓIA...

P. J. BUSATO, Capelão do Exército

Um dia o Brasil sentiu na sua carne viva os efeitos da guerra cruenta.

Filhos e mais filhos eram mortos impiedosamente pelo inimigo traiçoeiro nas costas marítimas do seu território. A paciência do povo pacífico se esgotara. E veiu a declaração de guerra. Vale a pena parodiar, aqui, um escritor chileno: então, um trovejar selvagem, de espantoso fragor retumbou de um extremo a outro do Brasil, e o grito de guerra, adquirindo um novo vigor com a distância, foi repercutir nos rincões mais distantes, desceu até os vales mais profundos, penetrou nas cavernas, despertou os ecos envelhecidos, subiu até às mais altas montanhas... Ouviram-no os lavradores e desatrelaram os seus animais. Das choças saíram os indígenas, dos palácios, os ricos, da inação, os desocupados.

Era a Nação que estava em armas. A imprensa, o rádio, o telegrafo, numa grande campanha cívica, difundiam as notícias. Governantes e governados guardavam em seus corações a afronta que acabara de sofrer a Pátria.

E os seus filhos militares, adestrados, partiram. Partiram com a vontade férrea de vencer. De vencer com honra e denôdo.

E por entre o sibilar das balas, o ribombar dos canhões, o matraquear das metralhadoras, o retinir das espadas, o ruído dos pássaros de aço que fendiam os ares, com sua bandeira nacional, vieram os combates, e rudes, tremendos, cruéis.

Aqui e ali, o estertor dos moribundos e os ais dos feridos.

E a mocidade brasileira lutava, a mocidade brasileira travava com-

bates sanguinolentos, mas a mocidade brasileira também vibrava porque estava diante dela um nome por que combatia: o Brasil longínquo, o Brasil ofendido, o Brasil de luto pela morte de muitos filhos nas costas marítimas brasílicas.

Tinha diante de si, essa mocidade, uma bandeira: a bandeira do Brasil.

E a bandeira — no dizer de grande orador francês — “é pequena coisa na aparência, grande coisa, porém, em razão do que significa. Não é pois a bandeira aquilo à cuja vista se reconhece uma nação? Seus fatos históricos, suas instituições, suas leis, seus costumes, seus ideais, sua vida — tudo ali se acha; ali, no pedaço de pano que os ventos açoitam ou descuidoso pende sobre a haste. Levanta-se, levantamo-nos com ele; marcha, seguimo-lo; agita-se na batalha, cerca-mo-lo, defendemo-lo, sacrificamos por ele a vida. Os sabres, as balas, a metralha disputam-lhe até os fragmentos. Já não passa de um farrapo, saturado de glórias. Rufam os tambores, soam os clarins, inclinam-se os instrumentos de comando, apresentam armas as fileiras. De pé, cidadãos! Curvai-vos: é a Pátria que passa”.

Assim os nossos pracinhas lutaram, combateram. Várias centenas tombaram. E os comandantes, após as refregas, reuniam os seus comandados. E eram chamados, em formatura, seus números. E de quando em vez se ouvia a resposta: morto em ação.

E desta forma passaram as horas, os dias, os meses. E finalmente a vitória. A vitória da nossa brava gente.

Mas lá em Pistóia descansam várias centenas de bravos, com o capelão militar Frei Orlando, à sombra de ciprestes e da bandeira brasileira.

Um dia, porém, seus restos mortais virão para o Panteão, junto ao monumento do patrono do nosso

Exército, o Duque de Caxias, na frente do Palácio do Exército.

Do cemitério de Pistóia nos vem a lembrança de uma guerra, e a valentia de uma raça.

Não esqueçamos jamais a sua bravura, a sua fé cristã, o seu valor, a sua renúncia, o seu exemplo, o seu patriotismo, a sua glória.

AOS COLABORADORES !

Como COOPERAÇÃO muito preciosa no sentido de facilitar as tarefas de impressão da Revista e, consequentemente, evitar o atraso de suas edições, solicitamos, encarecidamente, aos nossos colaboradores que :

1. Datilografem, na íntegra, seus trabalhos, utilizando UMA SÓ FACE DAS FOLHAS DE PAPEL e deixando espaço duplo entre as linhas.
2. Destaquem, com letras maiúsculas, o título do artigo. O nome do autor (ou seu pseudônimo) deve vir entre o título e o texto.
3. Coloquem, preferentemente, em folhas separadas do texto, as figuras, as fotografias, os desenhos, etc., com as respectivas legendas. (No texto, no local desejado, basta uma simples referência ao número da figura, fotografia ou desenho, correspondente).
4. Sempre que possível, desenhem as figuras a nanquim e em papel vegetal.
5. Tratando-se de tradução, quando a fonte original autorizar a reprodução, citem essa fonte sem esquecer o nome do autor do trabalho; no caso contrário, obtenham autorização prévia.
6. REVEJAM SEMPRE OS ORIGINAIS observando, rigorosamente, a ortografia oficial (a do "PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA", da Academia Brasileira de Letras, dezembro de 1943, Imprensa Nacional).
7. Assinem a última folha e INDIQUEM O ENDEREÇO ATUAL para que se possa acusar o recebimento e realizar entendimentos quando necessários.

REFLEXÃO SÔBRE A CULTURA DO OFICIAL

1º Ten. PAULO CAVALCANTI C. MOURA

Dada a sua situação de destaque na sociedade, o militar é, freqüentemente, chamado a expor sua opinião sobre problemas em debate em reuniões onde é, não raro, o único oficial presente.

É nestas ocasiões, infelizmente, que se propala a pouca, ou quase nenhuma cultura geral existente entre nossos oficiais.

Esta é a triste realidade para a maioria, muito embora conheçamos inúmeros oficiais de vasta cultura geral e, alguns mesmo, eruditos.

Não pretendemos "doutrinar" nem solucionar o problema, senão refletir sobre algumas das causas deste fenômeno, que se constata e agrava dia a dia.

Fala-se que a complexidade da guerra moderna exige uma soma tal de conhecimentos técnicos que não permite ao oficial perder tempo com "perfumarias" — que tinham lugar ao tempo da República, quando a Escola Militar se preocupava mais em formar bacharéis e filósofos, que tenentes para a tropa; mas não hoje, ao tempo das bombas atômicas, radar, etc.

Evidentemente, isto é o reflexo da mentalidade da época que atraímos. Se, por um lado, a guerra moderna exige que o oficial seja um conhecedor profundo da técnica militar, por outro, exige, com igual intensidade, que o chefe seja capaz de compreender o meio em que vive, que esteja a par dos problemas de âmbito nacional e internacional, que conheça a psicologia de seu povo pois dêle sairá sua tropa —; que conheça, enfim, as questões humanas e materiais de seu tempo e da região em que vai atuar, pois todos esses fatores são essenciais à capacidade do chefe.

Ora, o conhecimento destes problemas, ainda que pouco profundo só é possível a quem esteja habituado à leitura sistematizada dos assuntos de cultura geral.

Esta deve ser, imaginamos, a razão pela qual a E.E.M. exige prova de conhecimentos de Geografia, História, Economia, etc. em seu exame de admissão.

O que temos observado, entretanto, sobretudo entre tenentes e capitães, é que há um descaso muito grande por estes assuntos. Há certos oficiais, profissionalmente competentes e entusiasmados, que desistem do exame para a E.E.M. porque não querem estudar estes assuntos, que reputam áridos.

Talvez a origem esteja na A.M. A.N., foco de todas as virtudes e defeitos de nossos oficiais e, por isso mesmo, o Estabelecimento de maior importância para o Exército.

Já vamos encontrar o cadete com ogeriza à leitura.

Comumente ouvimos de moças, em festas e reuniões, que não gostam de conversar com cadetes, pois que só falam da cadêncio de tiro do F.M., das condições a que deve satisfazer uma boa posição de Bateria, das etapas da construção de uma ponte, ou do coice que levou do cavalo na última equitação. Se provocados a falar de assuntos como: energia elétrica, monopólios econômicos do Estado, música, literatura, etc., cedo arranjam um jeitinho de mudar de assunto, ou se retiram.

Sem dúvida, uma das causas do fenômeno é o excesso de estudo matemático no currículo de Rezende. O aluno da E.P.C. e depois os cadetes ficam viciados no

raciocínio dedutivo da Matemática e perdem os conhecimentos que só o estudo das Ciências Sociais pode proporcionar.

Esta é uma das grandes falhas do ensino militar, que já se fala em corrigir.

Diz-se que o pouco conhecimento do cadete é o resultado do aperto do curso em Rezende, onde, realmente, o tempo é escasso. Como oficial, dizem, o cadete terá mais tempo para ler e, então, adquirirá cultura geral.

Vamos encontrar o Aspirante e o Tenente no mesmo estado do cadete. Parece-lhe que o oficialato o exime de estudar e esteriotipiza este desejo de "socégo" na conhecida fórmula: "ler: só o boletim da D.P.; exame: nem de sangue..."

Desta forma, vai continuando na falta de conhecimentos gerais; mais tarde, virão os problemas de família e aí larga de vez a leitura. É a época em que "não podem perder tempo com perfumarias". Conhecemos oficiais que, sem nunca ter lido um livro da Biblioteca do Exército, repudiam-na porque "o assunto não é de interesse"... Outros, porque um dia viram um livro de pouco valor nesta Biblioteca, negam o seu valor. Já encontramos até quem achasse muito caro dez

cruzeiros mensais... Esquecem-se que todos os grandes problemas têm sido ventilados em seus livros; e que para cada livro ruim editado, encontramos uma dezena de livros de valor (muitos em reedição de obras inteiramente esgotadas). Incrível seria confessar que há maior número de sócios desta Biblioteca como sargentos e membros das Forças Auxiliares, que oficiais do Exército.

É mister lembrar que, querendo ou não, o oficial é o representante de uma instituição nacional, tendo um nome a zelar e que deve ser visto pelo elemento civil como um conhecedor dos problemas gerais, sobretudo dos problemas do Brasil, onde muitas vezes terá que dar a palavra final.

Urge demonstrar na sociedade civil, onde o oficial é tão observado, que sua palavra reflete estudo, pois assim o Exército manterá seu prestígio o que facilitará a aquisição da confiança do civil nas decisões estritamente militares.

É preciso que se faça um movimento de renovação de conhecimentos, uma melhor propaganda da Biblioteca do Exército, das boas leituras, do conhecimento da História, da Geografia, da Sociologia, da Psicologia, etc., afim de que realmente possamos ser reconhecidos como a élite do Brasil.

PEDIDOS DE LIVROS

Escreva o título da obra e o nome de seu autor — Quantos volumes deseja e o seu nome e endereço — Os pedidos via rádio devem ser feitos pelos companheiros que servirem em guarnições longínquas — "A Defesa Nacional" adquire e remete pelo sistema reembolsável qualquer livro — das livrarias desta capital —

NOTÍCIAS DIVERSAS

Combatamos sem descanso o pessimismo. Não vejamos apenas os nossos defeitos, que também outros povos igualmente possuem; fortaleçamos a fé em nossa capacidade de realização, repetindo a cada passo o muito que já conseguimos produzir e que as estatísticas proclamam; criemos a consciência nacional de que já somos uma grande nação e de que seremos incomparavelmente maiores em próximo futuro, graças ao trabalho e aos imensos recursos de que poderemos dispor.

WALDEMIRO POTSCHE

● Usina siderúrgica em Vitória

Foi assinado, na Alemanha, o contrato definitivo para a instalação, no Brasil, de mais uma grande usina siderúrgica que, ao que se diz, será a segunda do mundo. Será instalada em Vitória. Trata-se da associação do grupo siderúrgico "Kloeckner", alemão, com capitais brasileiros.

A localização é excepcional, pois Vitória é o pôrto de escoamento do minério da "Cia. Vale do Rio Doce". Quando este número estiver circulando, encontrar-se-ão, entre nós, os diretores do grupo alemão, a fim de darem início aos trabalhos preliminares de instalação da usina. Espera-se que, já no começo de 1955, esteja ela produzindo 50.000 toneladas de produtos acabados de aço e, dentro de três a quatro anos, 450.000 toneladas.

● Instalação de uma fábrica de máquinas no Brasil

Anunciou a imprensa que a "Companhia Firth Sterling Inc.", produtora de maquinaria de alta velocidade, de aço e tungstênio, vai estabelecer uma sucursal no Brasil.

Será localizada em São Paulo e começará a funcionar, em janeiro de 1954, importando produtos da matriz norte-americana.

Progressivamente, porém, passará a nacionalizar a sua produção que consta de material elaborado de tungstênio.

Aliás, a Companhia já importa do Brasil grandes quantidades de matéria-prima, especialmente concentrados de mineral de tungstênio e foi esse fato que despertou na Companhia a idéia de fundar uma filial no Brasil.

● A nossa indústria de peças para automóveis

Existe em Capuava, Município de Santo André, no Estado de São Paulo, moderna fábrica de peças para automóveis.

Trata-se da "Cia. Fabricadora de Peças". Ali são fabricados os anéis de pistão "Perfect Circle", primeiro de um vasto programa de produção que vem sendo fielmente cumprido. Só desses anéis a produção diária atinge 20.000 unidades, devendo elevar-se, brevemente, para 40.000.

Instalações estão sendo preparadas para a produção de camisas, amortecedores, bombas d'água, eixos, engrenagens, etc., de conformidade com contratos já assinados entre a Companhia e a "Monroe Equipment Corp", a "Thompson Products Inc." e a "Borg Warner Corp", três das maiores, mais idôneas e reputadas fábricas do mun-

do. Aliás, grande parte do equipamento já se acha em Nova Iorque, pronto para embarcar para o Brasil.

Vai, assim, essa Companhia, constituída de capitais integralmente nacionais, contribuindo não só para a formação de técnicos especializados brasileiros, como para a integração do automóvel brasileiro, uma realidade em futuro próximo.

• O problema da energia elétrica

No ano de 1951, a potência instalada, no Brasil, era de 2.078.000 kw. O consumo foi calculado em 6 bilhões de quilowatts-hora, mas, se atendidos os pedidos não satisfeitos, esse número se elevaria para

9 biliões, o que mostra a nossa deficiência em matéria de produção de energia elétrica. O "deficit" foi, precisamente, de 3 biliões. Em 1940, produzímos apenas 1.243.877 kw.

Para o final do ano de 1953, concluídas as obras em andamento nesse ano, produzimos 2.503.000 kw. Em fins de 1954, atingiremos 2.878.000 kw. Levando-se em conta os planos estaduais, alcançaremos 4.400.000 kw até 1956-1957.

Com todo esse potencial, ainda se julga que não atenderemos convenientemente ao nosso crescente consumo. Uma esperança surge agora, com o "Plano de Eletrificação Nacional". Dêle se espera que podermos resolver, em definitivo, esse angustiante problema.

AVISO AOS ANUNCIANTES

Nossos Agentes de Publicidade estão munidos de Carteira de Identidade, que deve ser exigida.

Nenhum deles está autorizado a receber qualquer quantia, senão quando especificamente credenciado para tanto através de carta e recibo firmados pelo Tesoureiro da Revista.

Para qualquer outra informação a respeito de anúncios na Revista "A Defesa Nacional", queira dirigir-se ao seguinte endereço :

Direção da "A Defesa Nacional", Quartel-General do Exército — 3º Pavimento — Ala Visconde da Gávea. Caixa do Correio n. 17, da Agência do Ministério da Guerra.



Noticiário de Interesse Militar

NOTÍCIAS NAVAIS

GRANDES MARINHAS (*)

3 — RUSSIA

Pessoal — 520.000 oficiais e praças (incluindo flotilhas fluviais, escolas, artilharia de costa e fusileiros, mas sem contar o pessoal da aviação naval).

Navios :

5 Couraçados :

- 1 (ou mais) em construção.
- 1 de 23.600/29.000 toneladas (ex-italiano) — velocidade 23 nós.
- 2 de 23.600/26.600 toneladas — velocidade menos de 23 nós.
- 1 de 14.000 toneladas (ex-alemão) — velocidade de 26 nós.

16 Cruzadores :

- 1 de 10.000 toneladas — velocidade 35 nós.
- 3 de 10.000/13.000 toneladas — velocidade 35 nós.
- 8 de 8.600/9.500 toneladas — velocidade 35 nós (pelo menos).
- 1 de 7.600 toneladas (ex-alemão) — velocidade 32 nós.
- 1 de 7.500/10.500 toneladas (ex-italiano) — velocidade 36,5 nós.
- 1 de 7.000/8.000 toneladas — velocidade 25 nós.
- 1 de 8.000 toneladas — velocidade 25 nós.

84 Destroyers :

- 18 de 2.000/2.600 toneladas — velocidade 40 nós.
- 1 de 3.485 toneladas (ex-japonês) — velocidade 33 nós.
- 1 de 2.600/3500 toneladas (ex-alemão) — velocidade 37 nós.
- 1 de 1.200/2.700 toneladas (ex-alemão) — velocidade 32 nós.
- 21 de 1.700/2.150 toneladas — velocidade 36 nós.

- 4 de 2.400 toneladas — velocidade 38 nós.
 12 de 2.500 toneladas — velocidade de 39 nós.
 1 de 2.500/3.300 toneladas (ex-alemão) — velocidade 36 nós.
 2 de 1.620/1.900 toneladas (ex-italiano) — velocidade 39 nós.
 1 de 1.600/1.800 toneladas — velocidade 40 nós.
 2 de 2.300/3.000 toneladas — velocidade 36 nós.
 11 de 2.225/2.582 toneladas — velocidade 38 nós.
 1 de 2.300 toneladas (ex-japonês) — velocidade 34 nós.
 2 de 1.320/1.600 toneladas — velocidade 30 nós (pouco menos).
 2 de 1.785 toneladas (ex-romenos) — velocidade 38 nós.
 4 de 1.150/1.700 toneladas — velocidade 31 a 37 nós.

38 *Fragatas* :

- 3 de 920/1.300 toneladas — velocidade 34 nós.
 7 de 842/1.250 toneladas — velocidade de 35 nós.
 1 de 1.350/1.900 toneladas (ex-britânico) — velocidade 30 nós.
 3 de 1.200/1.600 toneladas (ex-italianos) — velocidade 25 nós.
 2 de 810/1.200 toneladas — velocidade 20 nós.
 22 de 810 a 1.580 ton. (ex-japoneses) — velocidade 16,5 a 30,5 nós.

437 *Submarinos* :

- 120 (em construção) alguns de 1.560 ton. — velocidade 23/18 nós.
 19 de 1.450/2.000 toneladas — velocidade 22,5/10 nós.
 26 de 250/300 a 1.330/1.830 toneladas (ex-alemães) os 4 maiores
 com velocidade 15/16 nós.
 3 de 920 toneladas — velocidade 15 nós (superfície).
 2 de 750/1.000 a 840/865 toneladas (ex-italianos).
 33 de 780 toneladas — velocidade 20/8,5 nós.
 3 de 800 toneladas (ex-romenos) — velocidade 17/18 nós.
 72 de 620 toneladas — velocidade 15,5/8,5 nós.
 1 de 600/820 toneladas — velocidade 13,5/8,5 nós.
 24 de 1.100/1.450 toneladas — velocidade 16/9 nós.
 82 de 200/280 toneladas — velocidade 13/8 nós (a).
 72 de 160/200 toneladas — velocidade 13/7 nós (a).
 NOTA — (a) Submarinos de tipo costeiro.

45 *Escoltas e Patrulhas*.

- 2 de 850/1.100 toneladas (ex-alemães) — velocidade 36 nós.
 3 de 670 toneladas — velocidade 31,5 nós.
 12 de 487/620 toneladas — velocidade 23 nós.
 1 de 228 toneladas — velocidade 26 nós.
 1 de 500 toneladas — velocidade 16 nós.
 3 de 1.500 toneladas.
 3 de 550 toneladas — velocidade 17 nós.
 2 de 400 toneladas (ex-filandeses) — velocidade 15 nós.
 2 de 500 toneladas (ex-alemães) — velocidade 16 nós.
 9 de 240 toneladas — velocidade 23 nós.
 2 de 790 toneladas (ex-alemães) — velocidade 25 nós.
 1 de 870 toneladas (ex-alemão) — velocidade 22 nós.
 1 de 750 toneladas — velocidade 20 nós.
 3 de 800 toneladas — velocidade 19 nós.

304 *Draga-Minas* :

- 17 de 700/900 toneladas — velocidade 24 nós.
 43 de 710/890 toneladas (ex-alemães) — velocidade 17 nós.
 40 de 440/540 toneladas — velocidade 18 a 21 nós.

- 4 de 700 toneladas (ex-japoneses) — velocidade 20 nós.
 34 de 600/900 toneladas (ex-americanos) — velocidade 16 nós.
 80 de 130 toneladas — velocidade 10 nós (a).
 12 de 215 toneladas (ex-americanos) — velocidade 12 nós (a).
 12 de 360 toneladas (ex-ingleses) velocidade 10 nós (a).
 3 de 25 toneladas (ex-ingleses) — velocidade 10 nós (a).
 50 de 100 toneladas (ex-alemães) — velocidade 18 nós (a).
 9 de 55 a 200 toneladas (a).
 NOTA — (a) Classificados como "draga-minas costeiros".

11 Lança-Minas :

- 1 de 3.767 toneladas.
 1 de 4.200 toneladas — velocidade 11 nós.
 2 de 3.200 toneladas — velocidade 14 nós.
 1 de 2.300 toneladas — velocidade 9 nós.
 1 de 1.300 toneladas — velocidade 10 nós.
 1 de 420 toneladas — velocidade 12 nós.
 2 de 1.200 toneladas — velocidade 10 nós.
 1 de 1.700 toneladas — velocidade 13 nós.
 1 de 6.000/6.900 toneladas — velocidade 20 nós.

185 Lanchas-torpedeiras :

- 185 de 45 a 92 toneladas — velocidade 33 a 42 nós.

250 Caça-submarinos :

dos quais :

- 36 do tipo P.C. americanos, e
 20 do tipo italiano.

Vários navios auxiliares, quebra-gelos, navios-escolas, navios-tanques, pequenas embarcações de desembarque, monitores, et...

4 — FRANÇA

Pessoal — 60.712 oficiais e praças.

Navios :

3 Porta-aviões :

- 1 de 11.000/15.000 toneladas — velocidade 32 nós.
 1 de 13.000/18.000 toneladas — velocidade 23,5 nós.
 1 de 8.200/15.500 toneladas — velocidade 16,5 nós (a).
 NOTA — (a) Porta-aviões de escolta.

2 Couraçados :

- 2 de 35.000/49.000 toneladas — velocidade 30 nós.

6 Cruzadores :

- 3 de 7.600/10.700 toneladas — velocidade 31 nós.
 1 de 5.900/8.500 toneladas — velocidade 34 nós.
 1 de 6.500/9.200 toneladas (navio-escola) — velocidade 26 nós.
 1 de 7.000/9.000 toneladas (antiaéreo) — velocidade 33,5 nós.

16 Escoltadores de 1^a classe :

2 de 3.600/5.200 toneladas — velocidade 41 nós.
 14 de 2.750/3.700 toneladas — velocidade 32 nós (a).

NOTA — (a) Construções novas.

9 Destroyers :

2 de 1.200/1.750 toneladas (ex-alemães) — velocidade 32 nós.
 3 de 2.680/3.650 toneladas (ex-alemães) — velocidade 38 nós.
 4 de 2.570/3.500 toneladas — velocidade 37 nós.

55 Escoltadores de 2^a classe :

1 de 2.440/3.000 toneladas — velocidade 24 nós.
 1 de 2.200/2.500 toneladas — velocidade 20 nós.
 3 de 1.970/2.600 toneladas — velocidade 15,5 nós.
 12 de 1.250/1.500 toneladas — velocidade 26 nós (a).
 3 de 1.400/2.360 toneladas — velocidade 20 nós.
 6 de 1.365/2.130 toneladas — velocidade 20 nós.
 14 de 1.275/1.817 toneladas — velocidade 19 nós.
 6 de 650/900 toneladas — velocidade 20 nós.
 9 de 630/850 toneladas — velocidade 20 nós.

NOTA — (a) Construções novas.

19 Submarinos :

4 de 1.200/1.400 toneladas.
 5 de 910/1.170 toneladas — velocidade 17,3/10 nós.
 4 de 814/990 toneladas — velocidade 14/10 nós.
 1 de 1.630/1.820 toneladas (ex-alemão) — velocidade 15/10 nós.
 2 de 750/850 toneladas (ex-alemão) — velocidade 17/7,5 nós.
 2 de 1.120/1.232 toneladas — velocidade 18/7,5 nós.
 1 de 670/850 toneladas — velocidade 14/9,5 nós.

62 Draga-minas :

11 de 600/780 a 710/800 toneladas (ex-alemães) — velocidade 18,5 nós (a).
 25 de 530/880 toneladas — velocidade 15 nós (b).
 26 de 232/270 toneladas (ex-americanos) — velocidade 15 nós (c).

NOTA — (a) Tipo oceânico; (b) Tipo costeiro e construções novas e (c) Tipo costeiro.

38 Patrulhas :

2 de 230/270 toneladas — velocidade 15 nós.
 36 de 280/430 toneladas — velocidade 18,5 nós.

3 Navios-apoio de barragens :

3 de 500/700 toneladas — velocidade 12 nós.

68 Lanchas de patrulha :

68 de 40 a 90 toneladas — velocidade 11 a 15 nós.
 Vários navios auxiliares, entre os quais 12 navios-tanques.

ATOS OFICIAIS

**Leis, Decretos e Avisos de interesse geral do Ministério da Guerra
publicados na mês de novembro de 1953**

PORTRARIA N. 460 — DE 4 DE NOVEMBRO DE 1953

1. O Ministro de Estado dos Negócios da Guerra, considerando que se torna necessário normalizar a situação das praças, para a qualificação de Burocrata, de acordo com o parecer do Estado-Maior do Exército, resolve que a habilitação dessas praças, para o exercício pleno das funções previstas em nossos Quadros de Organização e Efetivo, deverá se processar da seguinte maneira:

a) os conscritos, depois de, devidamente, selecionados, serão submetidos, obrigatoriamente, aos Cursos de Formação e Aplicação de Pessoal do Serviço Burocrático, de acordo com programas adequados às qualificações particulares e funções, a fim de se habilitarem;

b) para qualquer função ou QMP, prevista na QMG Burocrata, a habilitação de dactilógrafo é básica;

c) os conscritos que possuirem diplomas de dactilografia de Escolas Civis reconhecidas, terão seus cursos revalidados, mediante uma prova de suficiência, realizada de acordo com as instruções em vigor. Como dactilógrafos poderão exercer qualquer função de burocrata, a título precário, enquanto se habilitam nos demais assuntos previstos no Curso de Formação;

d) os conscritos selecionados para as demais funções da QMG: Burocrata se possuidores de diploma de Escolas Civis reconhecidas, terão seus cursos revalidados para o pleno exercício da função mediante uma prova de suficiência, realizada de acordo com as disposições em vigor;

e) os candidatos habilitados com um dos cursos da Escola de Instrução Especializada serão qualificados, definitivamente, para o pleno exercício da função correspondente;

1) só poderão desempenhar função privativa de 1º Sargento e Subtenente Burocratas, os possuidores do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas e aqueles que se acham amparados pelo art. 39, das "Disposições Transitórias", da Portaria n. 333, de 17 de agosto de 1953.

2. Em consequência do item anterior, resolvo criar o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas, a partir de janeiro de 1954.

Para isso, determino o seguinte:

a) o Estado-Maior do Exército organize o programa para o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas, nas mesmas condições estabelecidas para os Cursos Regionais de aperfeiçoamento de Sargentos das Armas e Serviços;

b) o programa do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas deverá conter assuntos concernentes às QMP da QMG: Bu-

rocrata, além de outros de interesse comum aos Sargentos e Subtenentes das Armas e Serviços;

c) o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas funcionará na Escola de Instrução Especializada, para a 1ª Região Militar e nas sedes regionais, para as demais Regiões Militares;

d) aos candidatos ao Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas aplicam-se as disposições da Portaria n. 72, de 19 de março de 1947, alterada pela Portaria n. 148, de 30 de junho de 1947, exceto quanto aos exames referidos nos arts. 24 e 28, que deverão ser, convenientemente, adaptados tendo em conta a sua ocupação normal e a finalidade do Curso.

3. Os atuais Sargentos habilitados pela Escola de Instrução Especializada, de acordo com as Instruções determinadas pelo Aviso número 471, de 9 de julho de 1952, revigoradas pelo Aviso n. 790, de 9 de setembro de 1953, ficam dispensados do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas, desde que estejam a mais de 1 (um) ano no exercício efetivo da função e possuam o Curso de Aperfeiçoamento da Arma ou Serviço de origem.

Os Sargentos nessas condições são considerados como possuidores do Curso de Sargentos Burocratas.

4. Para efeito de promoção, os Sargentos considerados com o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos Burocratas, na forma do item anterior, concorrerão com o grau obtido no Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargentos da Arma ou Serviço.

5. O Estado-Maior do Exército apresente, até 30 de novembro próximo, para aprovação final, as Instruções reguladoras dos exames físico e de seleção intelectual, referidos na letra d) do item 2.

("Diário Oficial" de 5-XI-1953.)

• • •

AVISO N. 974 — EM 17 DE NOVEMBRO DE 1953

Ao Exmo. Sr. Gen. Diretor Geral do Pessoal:

Sendo obrigatório, na conformidade do Decreto n. 31.984, de 23 de dezembro de 1952, o seguro de acidente de trabalho do pessoal de da União, dos empregados das autarquias e das sociedades de economia mista e de outros elementos e, existindo recursos orçamentários com que atender a despesa com os prêmios do seguro, determino, para cumprimento pelas unidades administrativas que ainda o não fizeram, o seguinte:

1. Seja feito, com rugência, o dito seguro para os restantes meses do corrente exercício e, oportunamente, a sua renovação para 1954.

2. Caso não tenha havido previsão ou disponibilidade de recursos para atender ao seguro no corrente ano, o Ministério ocorrerá as despesas.

3. Os órgãos fabris ou industriais do Ministério, bem como outros que empreguem pessoal em serviços capazes de ocasionar acidentes de que se trata, também se incluem nesta determinação desde que o mesmo pessoal seja pago por dotação orçamentária.

4. No caso do seguro ser feito no IAPI, as unidades interessadas poderão fazer o seguro por Grupo de categorias de empregos, segundo as diferentes taxas e a verba global da obra ou da fórmula anual dos que devem ser segurados, não havendo necessidade de relação nominal do pessoal.

5. Quanto ao pessoal de obras, que percebe pela verba própria, deve ser incluído indistintamente no seguro (mestre, artífice, empregado braçal, empregado de escritório, etc.), observada a variação das taxas.

6. Os empregados que vencem por economias de Unidade e que pela natureza do serviço devem ser segurados contra acidentes, serão obrigatoriamente incluídos no seguro, correndo as despesas à conta dos recursos da mesma Unidade.

7. Para os seguros de 1954, as entidades interessadas na obtenção de recursos para custear a despesa com o pagamento dos respectivos prêmios, remeterão ao meu Gabinete, com a devida antecedência, o quadro de suas necessidades, de cujo total deverá ter ciência a Comissão de Orçamento do Ministério da Guerra, para os devidos fins.

("Diário Oficial" de 19-XI-1953.)

* * *

PORTARIA N. 422 — DE 10 DE OUTUBRO DE 1953

O Ministro de Estado dos Negócios da Guerra, resolve aprovar as "Instruções Provisórias para o funcionamento da Inspetoria de Artilharia de Costa e Artilharia Antiaérea" — *Cyro Espírito Santo Cardoso*.

Instruções provisórias para funcionamento da Inspetoria de Artilharia de Costa e Artilharia Antiaérea

CAPÍTULO I

DA INSPETORIA

ARTIGO I

Finalidades

1. A Inspetoria de Artilharia de Costa e Artilharia Antiaérea (Insp ACos AAAé), com sede na Capital Federal, é um órgão técnico especializado, diretamente subordinado ao Estado-Maior do Exército e destinado a :

a) colaborar na execução dos planejamentos para a defesa do território, nos aspectos peculiares à defesa do litoral e à defesa antiaérea, e no estabelecimento da doutrina de defesa de costa e de defesa antiaérea;

b) inspecionar a execução desses planejamentos, quanto aos aspectos encarados;

c) manter-se em dia com o desenvolvimento dos meios de ataque navais e aéreos, e com os aperfeiçoamentos técnicos referentes aos materiais e às instalações de qualquer espécie, apropriados à defesa contra tais ataques;

d) colaborar na fixação das características e na escolha do material destinado à artilharia de costa e à artilharia antiaérea;

e) inspecionar os comandos e a tropa da artilharia antiaérea e artilharia de costa, para verificar-lhes o estado de instrução e de preparação para a guerra, propondo ao Estado-Maior do Exército as medidas tendentes a assegurar ou a melhorar a eficiência dessas unidades;

f) colaborar, na forma que fôr prescrita pelo Estado-Maior do Exército, na preparação da mobilização dos elementos da artilharia de costa e da artilharia antiaérea;

g) colaborar nas atividades peculiares à legislação sobre terras, relacionadas com a defesa do litoral e a defesa antiaérea, bem como verificar o fiel cumprimento das respectivas disposições.

ARTIGO II

Da Organização

2. Organização geral:

A Inspetoria de Artilharia de Costa e Artilharia Antiaérea comprehende:

a) General Inspetor;

b) Gabinete;

c) 4 (quatro) Divisões.

3. Gabinete:

O Gabinete comprehende:

a) Chefia;

b) 1^a Secção (Pessoal), constando de:

(1) Chefia;

(2) Contingente;

(3) Portaria.

a) 2^a Secção (Documentos e Expediente), constando de:

(1) Chefia;

(2) Correio e Arquivo;

(3) Biblioteca-Mapoteca.

4. 1^a Divisão D/1 (Técnica de artilharia de Costa).

A 1^a Divisão comprehende:

a) Chefia;

b) 1^a Secção (Organização e Efetivo-Pessoal);

c) 2^a Secção (Armamento, Munições e demais material de emprego na Artilharia de Costa);

d) 3^a Secção (Técnica da Arma);

e) 4^a Secção (Instalações de Combate).

5. 2^a Divisão-D/2 (Técnica de Artilharia Antiaérea).

A 2^a Divisão comprehende:

a) Chefia;

b) 1^a Secção (Pessoal, Organização e Efetivos);

c) 2^a Secção (Armamento, Munições e demais material de emprego na Artilharia Antiaérea);

d) 3^a Secção (Técnica da Arma);

e) 4^a Secção (Instalações e Defesa Passiva).

6. 3^a Divisão-D/3 (Planejamento).

A 3^a Divisão comprehende:

a) Chefia;

b) 1^a Secção (Mobilização);

c) 2^a Secção (Informações);

d) 3^a Secção (Operações e Instruções);

- e) 4^a Secção (Instalações, Logística e Legislação sobre Terras);
- f) 5^a Secção (Especial).

7. 4^a Divisão-D/4 (Administração).

A 4^a Divisão, ou Divisão Administrativa, compreende:

- a) Chefia (Fiscalização Administrativa);
- b) Secção Administrativa;
- c) Tesouraria;
- d) Almoxarifado.

8. Efetivos:

a) O efetivo em pessoal na Insp AC os AAAé constará dos Quadros de Organização elaborados pelo Estado-Maior do Exército. Esses efetivos comportarão oficiais da arma de artilharia e técnicos da ativa, além dos de serviços.

b) Os Quadros de Organização especificarão, para os oficiais da arma de artilharia e técnicos, os requisitos quanto a cursos e a especialidades exigidos para o exercício das diferentes funções na Inspetoria.

c) Poderão também servir na Inspetoria, ou ser designados, mediante solicitação do Inspetor, para tomarem parte na realização de trabalhos específicos, oficiais da Marinha de Guerra e da Força Aérea Brasileira;

d) A Inspetoria disporá, para os seus serviços auxiliares, além de pessoal militar, dos funcionários civis do Quadro de Lotação respetivo, a elaborar pelo órgão competente do Ministério da Guerra, mediante proposta do Inspetor.

("Diário Oficial" de 20-XI-953.)

* * *

AVISO N. 977 — D-2-E — EM 20 DE NOVEMBRO DE 1953

1. Considerando:

que os cursos e estágios realizados no estrangeiro vizam ampliar e aprimorar conhecimentos profissionais;

que é necessário maior aproveitamento e difusão desses conhecimentos;

que esses cursos e estágios são feitos com grandes despesas sómente compensadas com a permanência em serviço;

Determino que o militar convidado ou indicado para realizar cursos ou estágios no estrangeiro deverá, antes de designado, declarar de próprio punho que se compromete a permanecer em serviço ativo pelo período mínimo de cinco (5) anos.

2. O Estado-Maior do Exército, onde ficarão arquivadas as declarações, só encaminhará o expediente para despacho após cumprida a exigência do item 1, devendo, ainda, remeter cópia das mesmas à Diretoria Geral do Pessoal para publicação, a fim de que constem das alterações dos interessados.

(Republique-se por ter saído com incorreção no "Diário Oficial" de 21-IX-953.)

("Diário Oficial" de 24-XI-953.)

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Sr. Glycon de Palva
Sr. Joaquim Thomaz
Padre J. Busato
Gen. Joaquim de Oliveira Paredes
Gen. Manoel Ignacio Carneiro da Fontoura
Cel. Areld Ramos de Castro
Cel. J. H. Garcia
Ten.-Cel. Alvaro Cardoso
Ten.-Cel. Floriano Möller
Ten.-Cel. José J. Camerino
Maj. Fernando Allah Moreira Barbosa
Maj. Luiz Felipe de Azambuja
Maj. Nelson Maurell Salgado
Cap. C. A. Figueiredo
Cap. Ernestino Fischer Vieira Santos
Cap. Estevam Meireles
1º Ten. Paulo Cavalcanti C. Moura

EX-LIBRIS



É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos publicados nesta Revista, desde que seja citada a fonte

Cr\$ 15,00